**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

Mariana Zanata Thibes

**Orkut: o público, o privado e o íntimo na era das novas
tecnologias da informação.**

São Paulo
2008

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**Orkut: o público, o privado e o íntimo na era das novas
tecnologias da informação.**

Mariana Zanata Thibes

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de
Sociologia da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Profa. Dra. Maria Helena Oliva Augusto

São Paulo
2008

Agradecimentos

Sou muito grata à professora Maria Helena, sem a qual este trabalho não teria sido possível. Mais do que uma ótima orientadora, sempre pareceu a mim uma pessoa admirável, que transcendeu o papel e se tornou difícil de definir: às vezes mãe, às vezes amiga, mas fundamentalmente mestra.

Agradeço também....

...aos meus pais, pelo suporte dado em toda trajetória e, principalmente, à minha mãe, que acreditou em mim mais do que eu mesma;

...aos meus amigos, relações preciosas porque sempre mostram pontos de vista diversos e enriquecedores. Obrigada Carol Peris, Paola Gambarotto, Fabíola Fanti, Meire de Paula, William Santos, Jurandir Alves, Vivian do Prado, Cinthia Ueno, Bruno Boti e Leandro Almeida.

.... ao Felipe Gonçalves, pelos comentários valiosos e por toda discussão sobre privacidade;

.... à querida amiga Anna Maria Corbi, pela imensa contribuição;

.... ao Fernando Lopes, pela leitura, pelas conversas, sugestões e todo o apoio;

...ao CNPq, pelo financiamento;

... às funcionárias da secretaria de pós-graduação de sociologia por toda a atenção.

Resumo: Os conceitos de privado, público e íntimo sofreram transformações importantes a partir do surgimento das novas tecnologias da informação. Se, por um lado, é possível notar um refinamento das técnicas de controle e vigilância, que levariam ao questionamento da privacidade enquanto um direito individual e à violação da esfera privada, por outro, essas tecnologias permitem certo exercício reflexivo que conduz a novas vivências do privado, do público e do íntimo. Partindo, portanto, do exame da sociabilidade que surge no orkut, esta pesquisa tencionou analisar como se configuram essas novas vivências, observando que, embora a dinâmica desta sociabilidade revele afinidades com os objetivos da sociedade de controle, ela também possibilita a liberdade para criar identidades e para redefinir as regras que orientam a vida, estimulando um tipo de reflexão que aponta para o fortalecimento da política.

Palavras-chave: público; privado; íntimo; privacidade; orkut.

Abstract: The concepts of private, public and the intimacy have suffered important changes since the new information technologies took part of the everyday life. If, on the one hand, it is possible to observe a certain refinement of the techniques of control and vigilance, on the other, these technologies allow a reflexive exercise that leads to new experiences of the private, public and the intimacy. Through the examination of the sociability that takes place at orkut, this research tried to analyze how these new experiences have been configured, observing that, despite of the dynamic of this sociability reveals affinities with the objectives of the control society, it also allows the liberty to create identities and to redefine the rules that guide the life, stimulating a kind of reflection that points out the strengthening of the politics.

Key-words: public; private; intimacy; privacy; orkut.

Lista de Figuras

Figura 1 - Imagem da sessão social de um perfil.....	9
Figura 2 - “Quem sou eu”	10
Figura 3 - Imagem de uma sessão pessoal.....	11
Figura 4. Imagem de uma sessão profissional.....	11
Figura 5. Comunidade “Quer privacidade? Sai do Orkut”	96
Figura 6. Meu perfil.....	112

Lista de Tabelas

Tabela 1. Categorias de comunidades do Orkut.....	14
Tabela 2. Percentagem de comunidades por categoria.....	14
Tabela 3. Quadro de entrevistados.....	20

Sumário

1- Introdução.....	7
1.1 O Orkut.....	8
1.2 Notas Metodológicas.....	18
2- 2. Capítulo 1 – O Público e o Privado: uma genealogia dos conceitos.....	22
2.1 O Público, o Privado e a Individualização.....	22
2.2 A Privacidade na Sociologia Contemporânea – Cotejando as interações virtuais com o interacionismo simbólico de Erving Goffman.....	29
3. Capítulo 2 - A Intimidade, a Esfera Privada e a Esfera Pública.....	45
4. Capítulo 3 – A sociabilidade no Orkut – poder, saber e controle.....	78
5. Considerações Finais.....	116
6. Anexo.....	120
7. Bibliografia.....	123

1- Introdução

A idéia que originou esta pesquisa era um tanto diferente de sua apresentação atual. Desde que surgiram os programas do tipo *reality show*, começou a intrigar-me a questão da vigilância na sociedade contemporânea. Esses programas apareciam para mim como o triunfo da intimidade sobre a já decadente esfera pública. Foi então que, em 2004, surgiu o orkut, e o que inicialmente era identificado como apenas mais um modismo, acabou conquistando a preferência dos brasileiros, alcançando uma popularidade que nem mesmo os criadores do *site* de relacionamentos poderiam imaginar. Inicialmente, o orkut me parecia seguir a mesma lógica do Big Brother: a esfera privada sendo publicizada. No entanto, no decorrer da pesquisa e, principalmente após o exame de qualificação, outra dimensão apareceu como possibilidade mais promissora de análise. Sem dúvida, a questão do público, do privado e do íntimo constituiria uma baliza importante para tratar do site de relacionamentos. Porém, partir de uma premissa em que o controle e a exposição da vida privada surgem como holofotes, poderia não ser o melhor caminho, na medida em que ofuscaria outras possíveis dimensões. Dessa forma, a sugestão da banca examinadora pareceu-me a alternativa mais coerente: examinar a questão da sociabilidade no orkut, tendo como norte os conceitos de público, privado e íntimo. Assim, se a questão do controle e da exposição da vida privada aparecesse (e de fato aparece), seria ao longo da análise e não como seu ponto de partida. Essa inversão pareceu-me fundamental para a própria consistência da pesquisa. Além disso, a sociabilidade no site de relacionamentos é rica demais para limitar seu estudo a formas negativas, pré-determinadas.

1.1 O orkut

O orkut, objeto em questão, é uma rede social virtual criada pela empresa de tecnologia *Google* e lançado em fevereiro de 2004. Uma rede social na Internet é uma comunidade de usuários registrados em um portal WEB que compartilham informações, interagem entre si mediante mensagens e contam com outras formas de colaboração. Em uma rede desse tipo, conhecida como comunidade virtual, formam-se grupos de amigos por afinidade. Cada usuário registrado pode manter uma lista de contatos considerados amigos, os quais devem estar registrados no portal¹.

O nome “orkut” vem do funcionário da empresa que desenvolveu esse projeto: Orkut Buyukkokten. Segundo o *slogan* do próprio *site*, o objetivo da associação é conectar-se com os amigos e familiares usando recados e mensagens instantâneas, conhecer novas pessoas por intermédio de amigos de seus amigos e comunidades, e compartilhar vídeos, fotos e paixões. Ainda de acordo com o *slogan*, no orkut é possível encontrar pessoas, fazer amigos, criar comunidades e juntar-se às já existentes.

Ao se inscreverem no orkut, as pessoas criam um perfil dividido em três sessões: social, profissional e pessoal. A sessão social funciona como a página de apresentação da pessoa; as outras podem ser consultadas, mas não ficam em primeiro plano. Nessas sessões é possível inserir quase todo tipo de informação, desde as mais “gerais”, como nome, cidade, contatos, até as mais pessoais, como gostos de todos os tipos, orientação sexual, relacionamento, filhos, paixões, entre outras. O usuário pode preencher os campos que desejar, criando um perfil extenso ou mínimo, de acordo com sua preferência.

¹ “Una red social en Internet es una comunidad de usuarios registrados en un portal WEB que comparten información, interactúan entre ellos mediante mensajes y cuentan con otras formas de colaboración. En una red de este tipo, conocida como comunidad virtual, se forman grupos de amigos por afinidad. Cada usuario registrado puede mantener una lista de contactos considerados como amigos, los cuales deben de estar registrados en el portal”. HERRERA, Juan P. Torres. *Redes Sociales en Internet*. Observatorio para la Cibersociedad. Artigo postado em 14/04/2008. (Tradução minha).

Figura 1. Imagem da sessão social de um perfil. O nome do usuário foi trocado e as fotos apagadas para preservar sua identidade.

Inicialmente, todos os membros da rede tinham acesso às informações dos perfis de qualquer usuário. No início de 2008, foram criados alguns recursos de privacidade que permitiram ao usuário limitar a visualização de fotos, vídeos e recados aos amigos. Outro recurso criado recentemente foi a notificação das atualizações dos amigos, ou seja, se houver alguma alteração no perfil de algum amigo, tal como adição de fotos, vídeos ou novos amigos, o usuário recebe um aviso em sua página inicial. Assim como o recurso de privacidade, essa é uma opção que o usuário pode adotar ou não.

Quando se constrói um perfil no orkut ou em alguma outra rede social virtual, dá-se início a um processo de criação de outro “eu”. Talvez não outro eu integral, mas pedaços, fragmentos desse eu, os quais vão sendo mobilizados para criar uma identidade na rede. Cada perfil mostra um estado resumido daquele que identifica: uma foto, o nome, a cidade de residência, estado civil, gostos, preferências, amigos e recados. Um dos primeiros dados a aparecer no perfil consiste na frase: “quem sou eu”. A resposta pode ser um trecho de uma música, uma frase ilustre, ou uma descrição exaustiva da personalidade. De qualquer modo, ela representa muito bem o processo que ocorre no orkut de constante invenção e reinvenção de *selves*. A resposta para a pergunta “quem sou eu” pode ser alterada quantas vezes o usuário quiser, assim como a idéia que ele

tem de si. Além do que o próprio usuário acrescenta ao seu perfil, há o produto das interações, isto é, os recados, comentários e depoimentos que os amigos fazem em sua página. Assim, o processo de “construção do eu” na rede, embora pareça um exercício solitário e individualista, ocorre mediante a interação dos participantes.

Figura 2. “Quem sou eu”.

Na medida em que são públicos, os perfis permitem criar conexões, reconhecimentos e significações para o público, isto é, os observadores de cada perfil. Como uma via de mão de dupla, essas observações reverberam constantemente no exercício de construção do eu, criando uma reflexividade constante sobre a identidade: respondendo à pergunta “quem sou eu?”, adicionando e excluindo amigos, inserindo e retirando fotos, recebendo e escrevendo mensagens, depoimentos, declarações de amor ou ofensas, o sujeito mobiliza-se para constituir um retrato de sua vida que se modifica no mesmo ritmo que o próprio sujeito ou no mesmo ritmo que a idéia que o sujeito faz de si. Como questiona Bianca Liliana Suárez² em artigo que trata do Facebook, outra rede social virtual semelhante ao orkut, seria tal processo um diálogo, um monólogo ou uma busca do ser?

² SUAREZ, Bianca Liliana. Facebook, Espejo Virtual. Observatório para la cibersociedad. Artigo postado em 14/04/2008.

Figura 3. Imagem de uma sessão pessoal.

Figura 4. Imagem de uma sessão profissional.

No mais, as informações pessoais dos usuários tornam-se públicas para os amigos ou para toda a rede. Portanto, é razoável supor que haja um grande atrativo na possibilidade de satisfazer a curiosidade acerca da vida privada das pessoas, de ver e também ser visto. Como é possível notar pela observação dos perfis, principalmente do perfil pessoal, informações que usualmente alguém demoraria a obter a respeito do outro em uma relação face a face, tais como o que o (a) atrai, o que não suporta, quem

faz parte de sua rede de relações, do que ele(a) gosta, enfim, elementos que seriam descobertos aos poucos, após o estabelecimento de uma relação, podem aparecer no orkut todos de uma vez, compondo um *menu* de cada usuário(a). A procura de amigos, parceiros, pessoas com quem manter relacionamento é fácil e veloz: uma passada rápida de olhos pelo perfil de alguém confere acesso rápido às informações necessárias para saber se há ou não afinidade suficiente para dar início a uma relação. Em caso afirmativo, a relação também pode facilmente começar. Um simples recado na página do(a) outro(a) pode engendrar uma relação. Todo o nervosismo e o risco inerentes à abordagem de uma pessoa desconhecida em um encontro face a face são eliminados. Se o outro não responder a mensagem, o choque, caso haja algum, será muito menor. Sem nervosismo, constrangimentos, ou embaraços; no máximo, alguma frustração. Muito diferente de ficar sem uma resposta quando se está diretamente exposto ao olhar do outro.

O que vale ressaltar para o objetivo desta pesquisa, com efeito, é que a sociabilidade ocorrida no orkut, em toda a sua dinâmica, mobiliza aspectos que dizem respeito às vivências do público, do privado e do íntimo na contemporaneidade. O exercício de criação de um “eu” na Internet e o processo de cuidado constante desse “eu” que ocorre mediante a exposição praticamente inevitável de informações pessoais, cria um emaranhado de vivências em que por vezes se torna difícil distinguir o que é público, privado ou íntimo. Como bem pontua Nicolaci-da-Costa (2005, p.79) citando Prange (2003), em consequência dessas múltiplas exposições, desses múltiplos retornos e das integrações possíveis, (o sujeito do século XXI) submete a um constante processo de definição e redefinição as fronteiras entre as esferas do público e do privado (para a defesa das quais cria novas formas e lança mão de novos recursos). Alguns autores chegam a afirmar que já não é sequer possível atribuir essa distinção à situação presente, ou seja, que os conceitos de público, privado e íntimo não podem mais ser utilizados em uma teoria social crítica³. Outros, como Helena Béjar e Castilla del Pino insistem em sua importância como norteadores de um debate sobre o sujeito contemporâneo. Nós preferimos pensar que esses conceitos possuem extrema importância para qualquer análise social crítica do presente, mesmo que em princípio apenas como balizas teóricas. Se a vivência do homem atual está cada vez mais pautada

³ Ver, por exemplo, POSTER, Mark. *The Second Media Age*. Cambridge, UK; Cambridge, Mass: Polity Press: B. Blackwell, 1995.

pela tecnologia e se esse modo de vida implica transformações, imbricações ou novas vivências dos conceitos de público, privado e íntimo, ao ponto de sua validade ser questionada, uma definição concreta de tais conceitos permanece imprescindível, ainda que, ao final, a conclusão opte por sua não validade.

Quanto ao conceito de público, a dimensão do orkut que a ele faz alusão (além, é claro da idéia a visibilidade) é o espaço tornado disponível para a realização de debates. A possibilidade de formar comunidades em função dos mais variados temas poderia configurar nessa rede um fórum de discussão, aberto a quem desejasse se inserir para propor tópicos de debate, ou deixar a opinião sobre os que já foram propostos. Quanto aos conteúdos, há desde comunidades dedicadas a temas como política, jornalismo e ciência, até aquelas voltadas ao puro divertimento. As categorias postas à disposição pelo orkut são as seguintes:

Alunos e Escolas	Governo e Política
Animais: de estimação ou não	História e Ciências
Artes e Entretenimento	Hobbies e Trabalhos Manuais
Atividades	Jogos
Automotivo	Moda e Beleza
Cidades e Bairros	Música
Computadores e Internet	Negócios
Culinária, Bebidas e Vinhos	Países e Regiões
Culturas e Comunidade	Pessoas
Empresa	Religiões e Crenças
Escolas e Cursos	Romances e Relacionamentos
Esportes e Lazer	Saúde, Bem-estar e Fitness
Família e Lar	Viagens
Gays, Lésbicas e Bi	Outros

Tabela 1. Categorias de comunidades do Orkut

No entanto, de acordo com o blog oficial do orkut⁴, as comunidades mais populares são aquelas enquadradas na categoria “pessoas”:

categoria	% de comunidades	alguns principais países
Pessoas	23%	Madagascar, Brasil
Outros	21%	Benin
Alunos e Escolas	6.8%	Índia
Música	6.5%	Noruega, Canadá
Esportes e Lazer	4.2%	Argentina
Romances e Relacionamentos	3.8%	Polinésia Francesa, Mônaco
Família e Lar	3.6%	México, Estados Unidos
Atividades	3.3%	Paraguai, Paquistão
Moda e Beleza	3.2%	Mônaco

Tabela 2. Percentagem de comunidades por categoria.

⁴ <http://blog.orkut.com/>

Todas as outras categorias representam menos de 3% do total. A categoria menos popular é História e Ciências (0,4%), segundo as informações de Ellen Spertus, engenheira de software do Google.

No entanto, o que vale ressaltar a título de introdução é que o orkut criou uma estrutura que em tese poderia favorecer a produção de debates e dessa forma vitalizar uma esfera pública. A possibilidade de qualquer membro da rede criar comunidades a respeito do tema que desejar e o espaço existente nessas comunidades para propor tópicos de discussão põem sem dúvida em pauta a questão do conceito de “público” e sua vivência contemporânea.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa consiste em analisar os elementos da sociabilidade no orkut que permitem atualizar a discussão sobre os conceitos de público, privado e íntimo na contemporaneidade. Para tanto, decidiu-se organizar a pesquisa da seguinte maneira:

No 1º capítulo, denominado “O Público e o Privado: uma genealogia dos conceitos na teoria sociológica”, procura-se situar essas noções, mostrando como esses conceitos estiveram presentes na sociologia clássica desde seus primórdios, principalmente pelo viés do individualismo e seu vínculo com a idéia de privacidade na sociedade moderna. O autor central para discutir essas idéias é Georg Simmel. Além de ter trazido à luz traços do indivíduo das grandes cidades que podem, de certa forma, ser reconhecidos na contemporaneidade, e de ter problematizado a questão do distanciamento deste indivíduo da esfera pública, ele também criou uma definição de intimidade.

Em seguida, é discutido como estas noções aparecem na sociologia contemporânea, com o foco na idéia de privacidade. Para tanto, é mobilizada a teoria da interação simbólica de Erving Goffman - por ser aquela mais expressiva no tratamento do tema das interações sociais relacionado com a privacidade -, buscando já cotejar o arsenal teórico, acerca das interações que ocorrem em uma arena física, com o que foi observado nas interações virtuais no orkut. Essa comparação entre as interações face-a-face e virtuais é muito importante para perceber o que se torna diferente nestas últimas e, então, vislumbrar a mudança atual nas atuações públicas e privadas. Nesse tocante, a distinção operada por

Goffman dos espaços de atuação social, isto é, entre o *front stage* e o *backstage*, fornece subsídios para definir o que seriam os espaços público e privado nas interações sociais.

No capítulo 2, denominado “A Intimidade, a Esfera Privada e a Esfera Pública”, é introduzida a idéia de intimidade e procurado o aprofundamento dos sentidos atribuídos às noções de público e privado. Para tanto, partimos das definições de Carlos Castilla del Pino, em sua Teoria de la Intimidad (1996). Nesse artigo, além de circunscrever o campo da intimidade, o autor trabalha com a idéia de interação, porém, ampliando seu escopo. Diferentemente de Goffman, cuja abordagem é centrada nas interações face a face, del Pino opera a distinção entre interações “reais” e “virtuais” em um sentido que nos auxilia a pensar a sociabilidade que ocorre no orkut. Além disso, o autor inova ao sugerir que as diferenças entre as atuações públicas, privadas e íntimas sejam dadas não por seu conteúdo próprio, mas em função do cenário onde ocorrem. Essa definição é profícua para pensar o site de relacionamentos e os problemas de privacidade na medida em que se tornam públicas atuações que seriam consideradas privadas por seu conteúdo, pelo fato de o orkut constituir um cenário público. Nele também é discutido se as interações ocorridas no site poderiam de algum modo vitalizar a idéia de público, no sentido atribuído ao termo por Hannah Arendt. Aqui nos valemos também da noção de saturação social de Kenneth Gergen (1992) e da argumentação de Manuel Castells (2004) para mostrar como o tipo de sociabilidade ocorrida no orkut mais se aproxima do individualismo de massas, do que de uma possível vitalização da esfera pública.

Se o primeiro e o segundo capítulos procuram definir a idéia de público, privado e íntimo na teoria sociológica, clássica e contemporânea, confrontando seus sentidos à sociabilidade ocorrida no site de relacionamentos, o terceiro, intitulado “A sociabilidade no orkut – poder, saber e controle”, procura aprofundar como essa questão é problematizada, inquirindo a respeito da idéia de perda da privacidade engendrada pela sociabilidade na rede e buscando abordar outra sua dimensão importante: a relação que mantém com formas de poder. Se a privacidade surge como direito na sociedade moderna, as mesmas transformações que possibilitaram seu desenvolvimento vêm acompanhadas de tendências que operam contra ela. A alegoria do panóptico de Bentham e sua apropriação por Michel Foucault como característica central da sociedade disciplinar permitem cotejar a questão do temor da perda da privacidade com o poder contemporâneo. Nesse tocante, também nos

valemos da noção de sociedade de controle de Gilles Deleuze, reforçando a tese de que o desenvolvimento da tecnologia permitiu um refinamento das formas de controle nas sociedades contemporâneas. Na medida em que a dinâmica da sociabilidade no orkut favorece a exposição da vida privada, esse é um dado fundamental para refletir como tal processo está vinculado às formas de atuação do poder contemporâneo, que se pauta pelo saber. Afinal, quais são os efeitos dessa exposição? Como pretendemos mostrar, conforme o privado é tornado público em nome de uma sociabilidade mais cômoda, cria-se um dilema entre preservar a própria privacidade e manter a rede de sociabilidade. O dilema pode ser resumido em: permanecer ou sair do orkut. Os que conseguirem criar meios de preservar a privacidade nesse âmbito podem permanecer; os que concluírem ser inviável sua preservação podem abandonar o site. Entrementes, vislumbra-se nuances, como abandonar o site e voltar a participar repetidas vezes, criar uma identidade falsa, ou procurar navegar utilizando perfis de conhecidos. Afinal, nem sempre as soluções precisam ser radicais.

Nas “Considerações Finais”, procuramos retomar as questões centrais trabalhadas ao longo da pesquisa. A resposta para a questão que nos propusemos responder, ou seja, quais são os sentidos adquiridos pelas noções de público, privado e íntimo a partir da vivência no Orkut, aponta não para a impertinência ou invalidade contemporânea de tais conceitos, mas, sim, pela necessidade de contínua renegociação de suas fronteiras.

1.2 Nota metodológica

O universo do orkut é bastante vasto: 15,2 milhões de usuários segundo dados do Ibope/NetRatings⁵. Embora haja muitos perfis duplicados, ou seja, usuários que possuem mais de uma conta no site, esse é um número bastante expressivo para vislumbrar o que o site representa em termos quantitativos. A maioria dos usuários é jovem e brasileira; segundo estatísticas do próprio site⁶, 74% dos usuários possui entre 18 e 30 anos e mais de 50% deles são brasileiros (as). Para 60% deles, o interesse principal é fazer ou encontrar amigos. O segundo país que mais possui usuários no orkut é a Índia, com 18 %. Esse dado é interessante para desmistificar a idéia de que o site de relacionamentos é um fenômeno estritamente ocidental. No mais, o orkut é o 10º site mais acessado do mundo⁷. A grande dimensão, aliada à questão da volatilidade inerente à internet, constituem os primeiros problemas com os quais o pesquisador se depara ao iniciar sua pesquisa.

O orkut é composto pelos perfis dos participantes e pelas comunidades. Para fazer parte dele, no entanto, a pesquisadora deve, ela mesma, possuir um perfil e participar de algumas comunidades. Assim, além da inserção no site, é possível adquirir familiaridade com sua dinâmica, de forma a obter um “olhar de perto e de dentro”, para utilizar a expressão do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani⁸. Portanto, nesse caso, seria um contra-senso se a análise não fosse mediada pela experiência da própria pesquisadora na rede. Todavia, embora tenha havido essa mediação, o foco da pesquisa foram as experiências dos próprios usuários, sem as quais não poderíamos entender de que modo a sociabilidade no orkut relaciona-se a novas vivências dos conceitos de público, privado e íntimo. Com efeito, o caminho seguido foi a realização de entrevistas com 10 usuários, escolhidos a partir de alguns critérios julgados pertinentes para o tema em questão: a) indivíduos que tenham ou já tiveram um perfil no orkut (nesse tocante, fez-se questão de

⁵ Pesquisa “Redes Sociais” realizada pelo Ibope/NetRatings em maio de 2008.

⁶ Dados coletados em Agosto de 2008.

⁷ Segundo o site de medição de tráfego na Internet Alexa (setembro de 2008).

⁸ MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana” In: Revista de Ciências Sociais, São Paulo, v.17, n.49, p. 11-29, 2002.

entrevistar alguém que tivesse deicado de participar do site e não voltado até então); b) de ambos os sexos; c) de gerações diferentes; d) usuários com diferentes estados civis; e) indivíduos com diferentes acessos à educação, ou seja, do Ensino Fundamental até a Pós-Graduação.

Dessa forma, temos um universo circunscrito, mas amplo o suficiente para ser pesquisado no limite de um mestrado.

Adotou-se método qualitativo de pesquisa, mais adequado ao objetivo pretendido. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas com cada usuário, buscando compreender como se dá sua sociabilidade no site, isto é, em linhas muito gerais, quais são os motivos que o levam a fazer parte da rede, quais são os elementos que o agradam e desagradam naquele ambiente, como é a relação com as pessoas, quais (caso existam) os conflitos experienciados. O questionário elaborado para as entrevistas encontra-se em anexo.

Uma vez que todos os usuários possuem (ou possuíam) perfis no orkut, decidimos trocar todos os seus nomes de forma a preservar a identidade dessas pessoas. Essa medida faz ainda mais sentido levando-se em consideração que muitas informações pessoais foram reveladas nos depoimentos. Além disso, entrevistamos alguns usuários com menos de 18 anos. Embora a política do site proíba a participação de menores de idade, sabe-se que esse público compõe grande parte dos usuários, na medida em que não é preciso fornecer documentação para participar.

Cada entrevista durou em média uma hora, com grande variação entre uma e outra; os entrevistados mais jovens, principalmente os com menos de 18 anos foram os que menos falaram. Algumas foram realizadas do modo “tradicional”, isto é, cara-a-cara, e outras pelo MSN, o mensageiro instantâneo da Microsoft. Já que a pesquisa, em muitos momentos, efetua comparações entre as interações presenciais e virtuais, o próprio material de campo coletado poderia ser aproveitado nesse sentido. A principal diferença notada quanto à riqueza do material relacionou-se mais à idade dos entrevistados, do que ao meio utilizado para entrevista, isto é, se presencial ou virtual. Contabilizou-se cerca de 09 horas de entrevistas com cerca de 60 páginas de transcrição. O quadro dos entrevistados, com as principais características, encontra-se a seguir:

Quadro dos Entrevistados							
Nome	Idade	Sexo	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	ainda é usuário?	meio utilizado para entrevista
Lúcia	32	F	solteira	pós-graduação	advogada	não	cara-a-cara
Renato	29	M	solteiro	ensino médio	designer	sim	cara-a-cara
Gilda	57	F	casada	ensino fundamental	dona de casa	sim	MSN
Caio	14	M	solteiro	ensino fundamental	estudante	sim	cara-a-cara
Júlia	16	F	solteira	ensino médio	estudante	sim	MSN
Ricardo	18	M	solteiro	ensino médio	estudante	sim	cara-a-cara
André	20	M	solteiro	ensino fundamental	office-boy	sim	cara-a-cara
Luís	31	M	solteiro	ensino superior	revisor	não	MSN
Tatiana	34	F	solteira	ensino superior	administradora de empresas	sim	cara-a-cara
Luciano	37	M	casado	ensino superior	funcionário público	sim	cara-a-cara

Tabela 3. Quadro de entrevistados.

2. Capítulo 1 – O Público e o Privado: uma genealogia dos conceitos

2.1 O Público, o Privado e a Individualização

Efetuar distinções nem sempre é uma tarefa fácil, principalmente quando a distinção se refere às noções de público e privado. Corre-se o risco de criar categorias estanques que não correspondem ao dinamismo da realidade e que só fazem sentido para o pesquisador que as admite para facilitar seu trabalho, bem como de privilegiar certos sentidos que o par assume no decorrer do tempo. No entanto, não é possível desenvolver a discussão pretendida nesse trabalho sem partir de algumas definições preliminares. As questões relacionadas ao público e ao privado na atualidade estão, certamente, relacionadas a desenvolvimentos anteriores, e que já podem ser vislumbrados nos problemas que a sociologia se propôs a discutir desde sua emergência.

A dicotomia público/privado permeia, na verdade, toda a história da civilização ocidental, desde a Grécia clássica até os nossos dias. A noção de privacidade, por sua vez, que alude à esfera onde o indivíduo se retira ao abrigo das intromissões do mundo, tem uma história mais breve: termo traduzido do inglês *privacy*, e que não corresponde exatamente nem à vida privada, nem à intimidade, adquire seu sentido moderno durante a Reforma Protestante. Somente em solidão o indivíduo pode encontrar-se com Deus e falar diretamente a Ele⁹. A recomendação protestante da salvação pela fé conduz os homens a escutar suas consciências no recolhimento privado; a escuta do foro interno carece de solidão, isolamento, *privacidade*.

Mas o conceito em questão só adquire maior consistência com o liberalismo, o qual torna o cultivo da vida privada um ideal normativo. Os liberais secularizaram o âmbito do foro interno, fazendo da privacidade uma esfera na qual o indivíduo pudesse desenvolver com plenitude suas capacidades. A privacidade fica desse modo definida como um espaço de soberania individual. A teoria política liberal fará de sua existência um direito, um limite

⁹ WEBER, Max. A ética protestante e o "espírito" do capitalismo / Max Weber; tradução José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

moral ante o poder. Por outro lado, o reconhecimento dessa zona de autoconsciência esboça duas esferas de competência: as esferas pública e privada, do Estado e do indivíduo, os âmbitos da necessidade e da liberdade. Para os liberais, o desfrute da liberdade está intrinsecamente ligado à existência desse domínio privado que identificam com o marco da realização humana.

Na sociologia clássica, o tema da privacidade acaba oculto sob o âmbito mais amplo do individualismo, objeto privilegiado de interesse para uma sociologia que ainda buscava firmar seu domínio enquanto ciência, na medida em que estava intrinsecamente ligado à emergência da modernidade, momento em que a velha ordem da tradição começa a dissolver-se e ceder lugar à moderna sociedade industrial capitalista. A sociologia clássica constrói um cenário no qual o indivíduo, ao passo que se liberta dos grilhões da tradição e adquire maior liberdade individual, também se distancia da esfera pública. Aqui já não há, como na teoria liberal, uma promessa de auto-realização individual sem obstáculos, mas sim, um juízo mais crítico das condições do indivíduo moderno.

Em Ferdinand Tönnies, por exemplo, o individualismo aparece na distinção entre a *Gemeinschaft* (comunidade) e a *Gesellschaft* (sociedade). Esse autor lembra que, na vida comunitária, não há espaço para a individualidade. Produto da natureza dos seres humanos, os homens se unem instintivamente seguindo um sentimento de unidade e solidariedade. Unidade de vontade, de espaço e de mentes; e totalidade, porque na *Gemeinschaft* os indivíduos se entregam de corpo e alma à coletividade. Na *Gesellschaft*, uma forma artificial de agrupamento humano, a associação gira em torno da vontade racional de indivíduos que buscam continuamente concretizar seus interesses particulares. O individualismo é produto de um mundo em que os indivíduos não possuem laços profundos e vivenciam a sociedade como uma entidade alheia, que passa a ser vista como uma instância hostil. A vaidade e o interesse particular são as razões subjacentes à sociabilidade. Dessa forma, existe uma indiferença generalizada em relação aos membros da coletividade¹⁰.

¹⁰ C.f TÖNNIES, Ferdinand. 1979. “Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais”. In: Tönnies, F. Comunidad y Asociación. Barcelona: Ediciones Península.

Em Georg Simmel, além do individualismo, já é possível reconhecer claramente um esboço de teoria da intimidade, a qual aparece como a manifestação dos traços que caracterizam a própria individualidade qualitativa, isto é, a unicidade e a particularidade, aplicadas nas relações duais. A individualidade para este autor surge não como uma tendência anti-social ou como resultado de interesses individuais, mas do conflito existente entre indivíduo e sociedade¹¹. Toda sociedade esforça-se para ser um todo, uma unidade orgânica da qual os indivíduos devem ser apenas membros. A partir do período renascentista, ocorre o que ele denomina como liberação interna e externa do indivíduo das formas de vida comunais da Idade Média¹², e um desejo do indivíduo de se destacar do grupo, de se apresentar de modo mais proeminente do que as formas estabelecidas até então permitiam. Com efeito, o individualismo do século XVIII será marcado pelo anseio de liberdade¹³ e pela noção da igualdade natural entre os homens. No entanto, liberados dos constrangimentos representados pelo status hereditário, pela Igreja e pelas guildas, os indivíduos passaram a querer se distinguir uns dos outros: “What mattered now was no longer that one was a free individual as such, but that one was a particular and irreplaceable individual” ([1971], p.222). Esse individualismo é denominado “qualitativo”, em contraste com o individualismo “quantitativo” do século XVIII.

Os ideais românticos do século XIX inspiraram um cenário social no qual cada indivíduo encontrava o sentido de sua vida na sua diferença em relação aos outros, na unicidade pessoal de sua natureza e atividades. A realização da peculiaridade dos homens é alcançada pelo cultivo da personalidade, noção que adquire importância especial nesse momento e alude a uma exclusividade que tende à separação. A ênfase da existência já não é posta no que há de comum, mas no que é absolutamente próprio, naquilo cujo desenvolvimento demanda solidão, ou ao menos retiro. A diferença passa a ser uma exigência moral.

A intimidade aparece como um tipo de relação que ocorre no que Simmel denomina de “formação sociológica mais simples”, isto é, a díade, ou mais simplesmente, a relação

¹¹ “Thus, it seems to me, the basic struggle between society and individual inheres in the general form of individual life. It does not derive from any single, ‘anti-social’, individual interest”. SIMMEL, G. “Individual and Society in Eighteenth- and Nineteenth-Century Views of Life”, in *The Sociology of Georg Simmel*, p. 59.

¹² Simmel, G. “Freedom and the Individual”, in *On Individuality and Social Forms*, p.217.

¹³ Idem, p.218.

que ocorre entre duas partes. O que há de específico nessa relação é que cada uma das partes sente-se confrontada apenas pelo outro e não pela coletividade que há acima deles¹⁴. No entanto, a díade é sujeita a tonalidades que a tornam especial ou trivial; especial quando as partes sentem que o que existe em sua relação é único, ou raro, e trivial quando o conteúdo pode ser usualmente repetido. A trivialidade nas relações entre duas partes aparece, pois, como uma característica negativa, uma ameaça. O fato de que a díade não se torne uma estrutura maior, que ultrapassa os dois elementos, é a base da intimidade, de acordo com Simmel¹⁵. O que por sua vez conforma o caráter íntimo de algumas relações está estritamente ligado à crença do indivíduo de que o cerne de sua existência é aquilo que o distingue dos outros. Com efeito, o que caracteriza uma relação como íntima é a crença de que o que ali transcorre não é partilhado por mais ninguém além das duas partes. Nas palavras do autor:

The peculiar color of intimacy exists if the ingredients of the first type, or more briefly, if the 'internal' side of the relation, is felt to be essential; if its whole affective structure is based on what each of the two participants gives or shows only to the one person and to nobody else. (1950, p.126)

A intimidade não é, portanto, baseada no conteúdo da relação. Duas relações podem parecer idênticas quanto aos seus ingredientes, mas só é íntima aquela em que a qualidade “individual-exclusiva” aparece como o cerne. Assim, mesmo que alguém confesse coisas íntimas para uma pessoa estranha, não haverá relação de intimidade na medida em que é justamente o contrário, isto é, o caráter não-individual, geral, que move a relação.

Outro aspecto importante do individualismo simmeliano diz respeito aos desdobramentos que a vida na grande cidade traz à personalidade do indivíduo. A metrópole, forma espacial da sociedade moderna é o solo frutífero para a conjunção entre a economia monetária e a forma de personalidade caracterizada pela “objetividade impiedosa”, pelo intelectualismo e pelo distanciamento. A grande cidade é o reino da objetividade e da racionalidade, porém, o triunfo do cálculo, que afasta o sentimento e a espontaneidade, traz consigo um avanço da racionalidade em forma de reserva, de atitude

¹⁴ Ibid., p.123.

¹⁵ Ibid., p.126.

defensiva em relação aos múltiplos estímulos que a cidade oferece. A reserva é um limite mental para preservar o eu e evitar sua desagregação; por outro lado, as relações monetárias, que nivelam todas as qualidades pelo “quanto”, embotam a visualização do caráter único dos seres e coisas e, portanto, a sua individualidade.

Na medida em que o dinheiro compensa de modo igual toda a pluralidade das coisas; exprime todas as distinções qualitativas entre elas mediante distinções do quanto; na medida em que o dinheiro, com sua ausência de cor e indiferença, se alça a denominador comum de todos os valores, ele se torna o mais terrível nivelador, ele corrói irremediavelmente o núcleo das coisas, sua peculiaridade, seu valor específico, sua incomparabilidade. (Simmel, [2005], p.581-2).

Além disso, o excesso de estímulos proveniente da vida na metrópole demanda uma camada de proteção, que acaba se configurando como indiferença, antipatia e até aversão aos outros. Ao passo que essa condição reverbera em maior liberdade para o indivíduo metropolitano em comparação com aquele que vive nas pequenas cidades, ela também cria um sentimento de solidão e isolamento. A conquista da individualidade no anonimato da grande cidade tem, pois, um alto preço: o abandono e a solidão. Entretanto, a negatividade da reserva é compensada por outro fenômeno também presente na grande cidade. Para combater o anonimato que ela produz, é preciso cultivar a individualidade; a extravagância aparece como uma forma de sociabilidade positiva que busca afirmar a personalidade e uma identidade imprecisa.

É possível dizer que a análise de Simmel, principalmente no que tange ao excesso de estímulos e à sociabilidade da grande metrópole, aparece como o germe de muitas questões vislumbradas no presente. Os homens de hoje, tais como os daquele momento, também precisam desenvolver estratégias e defesas para lidar com estímulos ainda mais poderosos. De acordo com Helena Béjar (1985), para Simmel, a adoção do individualismo como modo de vida e como visão de mundo induz o homem a procurar um lugar no qual possa exercer sua plena soberania. Embora Simmel não aborde o tema da privacidade de maneira explícita, a autora entende que sua abordagem contém a sugestão de que o distanciamento do indivíduo da sociedade está relacionado ao seu recolhimento ao âmbito da esfera privada. A ambivalência que definia as formas sociais volta a aparecer: o dinheiro

afasta os indivíduos da arena pública, sentida como uma realidade alheia e ameaçadora, mas torna possível a construção de uma esfera privada intimamente relacionada com o que há de mais autêntico do ser humano. A privacidade seria, portanto, o âmbito no qual se desenvolve a vida do espírito, o lugar para o cultivo dos sentimentos, para uma intimidade concebida como zona sagrada e como categoria cognitiva. No entanto, resta o dilema entre a privacidade como refúgio da autenticidade, mas com o perigo da alienação e do isolamento, ou a aceitação do “ser humano geral”¹⁶, refém da objetividade e da sociedade.

No mais, talvez seja possível entrever o germe da atitude do indivíduo contemporâneo que cuidadosamente faz um exercício de construção de identidade mediante a exaltação de elementos que despertem a atenção naquela extravagância do indivíduo metropolitano que Simmel trouxe à luz. Ainda que a relação possa ser feita, resta indagar se de fato essa atitude de “extravagância” de fato constitui um tipo de sociabilidade mais positiva, como o autor imaginou, ou se a exaltação dos atributos individuais, subjetivos, não conduz no presente a ainda maior isolamento.

Em nossa época, tanto o individualismo, quanto a privacidade, voltam, segundo Béjar (1988), a adquirir um sentido positivo, quando o culto da vida privada aparece como um tipo de utopia individualista enquanto as utopias coletivas entraram em crise. Na atualidade, o redescobrimento do domínio privado expressa a separação em relação aos assuntos coletivos. A mesma autora afirma que o homem moderno alcançou agora um novo estágio no processo de desencantamento weberiano, no qual não há nenhum sistema moral que os indivíduos estejam dispostos a compartilhar. Perderam sua força as utopias que, desde a Revolução Francesa, apregoavam um modelo de sociedade melhor, ao passo que o desemprego, a decepção sentida em relação aos resultados políticos da esquerda ocidental e a transformação da sociedade, regulada agora por uma complexa rede de corporações que dificultam a participação do indivíduo nos empreendimentos coletivos, são alguns dos elementos que, a seu ver, transformam a concepção e a vivência da esfera pública. Ao entusiasmo político dos anos sessenta e setenta, seguiu-se um progressivo desinteresse pela vida política e pela transformação do mundo.

¹⁶ Idem, p.24.

Assim, o individualismo transformou-se em tendência dominante da moral do final do século vinte. Tanto no presente, como antes, ele possui como núcleo o indivíduo; no entanto, o individualismo contemporâneo distancia-se das proposições liberais. Seu protagonista não é um ser ativo que busca o desenvolvimento integral ao abrigo da privacidade enquanto planeja a participação na vida pública, tal como corresponde a um ser autônomo e racional. Para alguns autores¹⁷, o sujeito do individualismo contemporâneo foi visto como um ser não solidário, narcisista e afastado da política. Com efeito, para este ponto de vista, a privacidade liberal, espaço de desenvolvimento de uma individualidade forte, converteu-se em refúgio da impotência. No entanto, esse é um ponto controverso na teoria social. A individualização é, como buscaremos explicar, o eixo fundamental para a compreensão das mudanças sofridas pelos conceitos de público, privado e íntimo. Entendida por alguns autores como um processo que conduz à decadência tanto da esfera pública, quanto da esfera privada, e por outros como uma possibilidade de fortalecimento de uma ética da responsabilidade¹⁸, ou da reflexividade¹⁹, a individualização parece agora, como nos primórdios da modernidade, um destino do qual não se pode escapar. No entanto, antes de efetuar esse salto para a condição atual, é preciso examinar de que modo a questão do público, do privado e de seus desenvolvimentos, isto é, da intimidade e da privacidade, é tratada na sociologia contemporânea.

¹⁷ Béjar H., 1985; Lasch, C., 1979; Sennett, R., 1988

¹⁸ LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*. Lisboa, Relógio D'água, 1983.

¹⁹ BECK, Ulrich. *Individualization: institutionalized individualism and its social and political consequences*. London, Sage, 2006.

2.2 A Privacidade na Sociologia Contemporânea – Cotejando as interações virtuais com o interacionismo simbólico de Erving Goffman

Dentre as abordagens sociológicas contemporâneas sobre a privacidade, destaca-se a de Erving Goffman. O artigo “*The Nature of Deference and Demeanour*” (2006) constitui a primeira aproximação do autor ao tema, embora de forma indireta. É na interação social que os homens encontram mostras de deferência, cortesia e aprovação do próprio comportamento, de apreço à identidade. O fato de que a sociedade seja a fonte onde o “eu” fundamenta sua identidade contribui para a estabilidade dela. Ao contrário, se o indivíduo fosse capaz de encontrar em si mesmo essa aprovação de que tanto depende, a sociedade acabaria por desintegrar-se e se converteria “em um conjunto de ilhas habitadas por homens solitários e sisudos, cada qual dedicado à adoração permanente de seu próprio santuário”.²⁰ Aqui também é possível entrever a ameaça que o isolamento e a exacerbação da privacidade representariam para a coesão social.

Segundo Goffman, o “eu” é um assunto cerimonial que requer certas áreas de autodeterminação. Ele vê o *self* como fundamentalmente motivado pelo desejo de ser bem considerado. Em sua visão, os *selves* são emocionalmente vulneráveis – facilmente atacáveis, traídos, desacreditados, constrangidos, e etc. Ele reconhece que essa vulnerabilidade possui tonalidades trágicas e cômicas. A tragédia ocorre quando os indivíduos sofrem rejeição, desrespeito, ou mesmo quando duvidam de si mesmos. A comicidade acontece mesmo quando há embaraço: em situações em que a pretensão de alguém é revelada, por exemplo. Mas, além disso, Goffman percebe a exuberância do *self*. Se todas as interações oferecem riscos – de falha, exposição e rejeição – elas também carregam a promessa de recompensas se as ameaças puderem ser evitadas²¹.

Assim, em relação à representação da deferência, o autor ressalta os chamados rituais de apresentação e de evitação, que se referem àquilo que se deve fazer para

²⁰ GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays in face-to-face behavior* / Erving Goffman ; with a new introduction by Joel Best. *The Nature of Deference and Demeanor*. New Brunswick, N.J. : Aldine Transaction, 2005, p.478.

²¹ Ibid., p.VIII-X.

demonstrar deferência a outros atores (saudações, convites, lisonjas), e aquilo que não se deve fazer para preservar certa distância em relação ao receptor e para não violar aquilo que Simmel chamou de “esfera ideal”:

Although differing in size in various directions and differing according to the person with whom one entertains relations, this sphere cannot be penetrated, unless the personality value of the individual is thereby destroyed. A sphere of this sort is placed around man by his honor. Language poignantly designates an insult to one's honor as 'coming to close'; the radius of this sphere marks, as it were, the distance whose trespassing by another person insults one's honor.²²

Quando o ator não precisa mostrar nenhuma preocupação em penetrar a reserva usual do outro, e não precisa ter medo de contaminá-lo com a penetração em sua privacidade, Goffman considera que o ator está em termos de “familiaridade” com ele.

Um importante foco de evitação reverencial é o cuidado verbal que os atores são obrigados a exercer para não trazerem à baila assuntos que possam ser dolorosos, embaraçosos ou humilhantes para o receptor. Nos hospitais psiquiátricos, onde Goffman realizou sua pesquisa de campo, é possível notar o oposto disso: a violação das regras de privacidade e separação ocorre a todo o momento. A isso Goffman denominará “tratamento não-pessoal”, isto é, trata-se da intimidade do paciente em sua presença como se ele não estivesse ali, retiram-se as portas dos dormitórios e banheiros, obriga-se a exibir a nudez, entre outras formas de tratamento que seriam inadmissíveis em situações “normais”.

O outro tipo de ritual de deferência é constituído pelos rituais de apresentação. Enquanto os rituais de evitação informam o que não deve ser feito, os rituais de apresentação informam o que deve ser feito. Há quatro tipos desse ritual: saudações, convites, cumprimentos e pequenos serviços. Mediante todos eles, é comunicado ao receptor²³ que ele não é uma ilha isolada e que os outros estão, ou tentam estar envolvidos com ele e suas preocupações privadas.

²² Simmel, G. *The Sociology of Georg Simmel*, tr., ed. By Kurt Wolf (Free Press, Glencoe, Ill., 1950), p.321.

²³ O termo utilizado originalmente por Goffman na língua inglesa é “recipient”, usualmente traduzido como “objeto”. Preferimos traduzi-lo como “receptor”, pois expressa melhor o sentido dado por Goffman àquela

Goffman ressalta a tensão existente entre os rituais de apresentação e os de evitação, tensão que se estende na constante dialética entre a necessidade de interação social e a exigência moral de respeito pela esfera ideal de cada ser humano, isto é, por sua privacidade. Perguntar pela saúde de alguém da família pode ser adequado como mostra de preocupação, mas inadequado se algum fato tornar dolorosa a resposta. Como sugeriu Durkheim, “a personalidade humana é uma coisa sagrada; não se deve ousar violá-la ou infringir suas fronteiras, enquanto ao mesmo tempo o maior bem só se dá em comunhão com os outros”.²⁴

Por conduta (demeanor), Goffman entende os elementos do cerimonial individual tipicamente representados pelo vestuário e pelo comportamento, que servem para mostrar àqueles que se encontram na imediata presença que possuem qualidades desejáveis ou indesejáveis. Em nossa sociedade, segundo Goffman, a pessoa bem comportada possui os seguintes atributos: descrição e sinceridade, modéstia, comando do discurso e dos movimentos físicos, autocontrole sobre as emoções, apetites e desejos, e segurança quando sob pressão. Tais aspectos são fundamentais para a apresentação de um indivíduo em uma interação face a face em qualquer sociedade. Embora toda a teoria das interações simbólicas de Goffman seja baseada no tipo de interação face a face que ocorre em uma arena física, tentaremos mostrar que ela também é de grande valia para refletir sobre aquelas que ocorrem em âmbito virtual. A intenção é elucidar como alguns aspectos da abordagem desse autor podem ser úteis para analisar esse tipo particular de interação, mesmo a despeito da ressalva assinalada.

Nas interações virtuais, o vestuário e o comportamento não aparecem como numa interação face a face. Logo, são substituídos por outras formas de expressão da conduta. No orkut não se interage diretamente com o receptor, mas com o avatar²⁵ constituído pelo

parte que está recebendo algo no decorrer da interação. O receptor é, portanto, sempre “o outro” com quem se interage em dada situação.

²⁴ Durkheim, E. “The Determination of the Moral Facts.”, p.37, (tradução minha).

²⁵ O termo “avatar” foi incorporado na linguagem das tecnologias da informação para se referir à criação de uma identidade que pudesse substituir a pessoa no âmbito virtual.

No dicionário Aurélio de língua portuguesa, ele possui dois significados: [Do sânscr. avatara, 'descida' (do Céu à Terra), pelo fr. avatar.] S. m.

1.Rel. Reencarnação de um deus, e, especialmente, no hinduísmo, reencarnação do deus Vixnu.

2. Transformação, transfiguração.

perfil do receptor. Nesse avatar, do mesmo modo que na interação face a face, é possível obter informações a respeito do outro com quem se interage. Não se pode saber o que ele está vestindo, mas pode-se ter uma idéia do que ele costuma vestir pelas fotos de seu álbum. Tampouco é possível fazer uma avaliação precisa de seu comportamento, mediante os gestos, a fala, a postura. Contudo, a interação virtual também dispõe de suas formas de etiqueta. Embora os limites da “esfera ideal”, para seguirmos com a expressão de Simmel, não sejam claramente delineados, por ainda não haver uma ordem convencional à disposição dos *selves* que ali interagem, há certos comportamentos que são considerados de bom tom e outros que não o são. No entanto, a discrição, a sinceridade e o comedimento dos apetites e desejos aparecem de modo diferente das interações no plano físico. Nos quatro anos de existência do orkut, é possível notar mudanças no modo de conduta dos usuários. Inicialmente, quando a vivência na rede era novidade e não se sabia as dimensões do terreno onde se estava pisando, as pessoas pareciam não ter tanto cuidado com a discrição, o comedimento e a sinceridade. Como retrata a fala de uma das entrevistadas:

“... o código das pessoas via internet, via orkut, é “over”, sempre tem que tirar um pouco. Oi querido! Oi querida! Tira um pouco, que é menos”. (...) “O que eu sinto é que assim como acontece nos *chats* e tudo o mais, é que as pessoas procuram ser legais, carinhosas, educadas, porque você não está falando só com o destinatário da sua mensagem, você está falando com todos ao mesmo tempo, então a sua reputação, a sua imagem é muito importante, você não vai se desentender via orkut. Então, as pessoas tendem a exagerar nos adjetivos, e parabenizar num aniversário dizendo ‘meu querido’, ‘minha querida’. Eu costumo ser assim só com os meus amigos, minhas amigas e os amigos do meu círculo pessoal, mas eu vejo que às vezes acabo tendo uma postura assim com pessoas com quem não tenho muito contato e isso eu reconheço que é algo meio bizarro. Sabe, por que eu tenho que me relacionar dessa forma, por que tenho que dizer certas coisas assim no mundo virtual, coisas que eu não diria na presença delas?”

(*Lúcia, 32 anos)

Como percebe a usuária, o fato de haver uma platéia a observar as interações pode, por um lado, fazer com que as pessoas exagerem nas manifestações de afeto, engendrando o que podemos definir como “intimidade forçada”, isto é, que não corresponde ao grau de aproximação/familiaridade que se teria na interação física. Por outro lado, essa “intimidade

forçada”, pode criar problemas, por fazer com que algumas pessoas se sintam invadidas em sua esfera ideal.

De acordo com a abordagem de Goffman, uma forma de tratamento que expresse grande intimidade com pessoas com as quais não se tem familiaridade efetiva, seria uma invasão da esfera ideal que envolve o receptor. Ora, por que essa forma de tratamento é utilizada no orkut? A entrevistada não entende por que age assim, mas sente que é a forma adequada de comportamento. Então, que tipo de esfera ideal é essa cuja invasão ocorre aparentemente com tanta facilidade? A questão é que, embora essa forma de tratamento seja sentida por alguns participantes como um código a que devem seguir em suas interações, por outro lado, ela engendra constrangimentos e incômodos por parte dos que se sentem invadidos em sua esfera ideal. Assim, como mostra a fala de um entrevistado, quem observa a interação não sabe se o tom da mensagem corresponde de fato ao nível de relação que existe entre os inter-agentes, ou se a comunicação está no registro do excesso:

“Às vezes nem tinha nada a ver, mas da forma como as pessoas escrevem ali, parece que você realmente tem alguma coisa com elas. Eu comecei a ficar de saco cheio disso. Uma menina que eu nem conhecia direito começou a escrever umas coisas pra mim, e quem via, achava mesmo que rolava alguma coisa, mas nem tinha rolado nada, nada.”
(*Renato, 29 anos)

É importante ressaltar que o registro do excesso não pode ser considerado uma regra de interação no orkut. Embora ele apareça com frequência, nem sempre é o registro utilizado pelas pessoas. Renato diz que em alguns casos as mensagens ultrapassam o sentido que ele atribui a suas relações. No caso de sua queixa, a garota nitidamente excedeu em suas mensagens os limites que ele considerava aceitáveis na interação. Usualmente, quando o ator não precisa mostrar nenhuma preocupação em penetrar a reserva do outro e não precisa ter medo de penetrar em sua privacidade, Goffman considera que o ator está em termos de “familiaridade” com o outro. Na situação relatada por Renato, a garota não possuía familiaridade com ele, daí o sentimento de invasão. A garota, assim como Lúcia, a outra entrevistada, forçou uma familiaridade que não corresponde à situação real da interação. A diferença é que Lúcia percebe como seu comportamento é forçado e estranha a própria atitude, entreando certa necessidade de portar-se dessa forma no orkut.

Contudo, Renato deixa claro que a discrepância entre a familiaridade real e a virtual ocorre em algumas situações apenas (“às vezes nem tinha nada a ver”), deixando implícito que em algumas situações, o tom da mensagem pode corresponder de fato ao nível de relação que existe entre os inter-agentes fora do plano virtual.

Algumas explicações podem ser dadas para essa situação. A primeira é que, estando suprimidos muitos dos elementos que orientam a conduta no plano físico, tais como gestos, olhares, entonações e vestimenta, as pessoas sentem necessidade de compensar as manifestações expressivas no plano verbal. Daí o exagero nas frases que visam exprimir afeto, raiva e outras emoções.

Outra explicação a ser aventada é que as interações virtuais, em particular as que ocorrem no orkut, são relativamente recentes. O orkut surgiu em 2004 e muitas pessoas estão conhecendo agora esse universo. De acordo com Goffman, e mesmo com outros autores da linha do interacionismo simbólico²⁶, em qualquer lugar onde haja interação social, serão criados códigos e regras para ordená-la. Todavia, a criação de um código virtual de conduta e etiqueta não poderia ocorrer do dia para a noite. Do mesmo modo, a vivência da privacidade também foi algo pouco a pouco construído nesse âmbito. Evidentemente, esses códigos foram sendo gestados conforme as interações se desenvolviam. O próprio orkut sofreu modificações desde sua criação para adaptar-se às novas necessidades e desejos dos inter-agentes. Ora, se a criação de um padrão de conduta no universo orkutiano não aconteceu de forma imediata, tampouco a apreensão ou a aprendizagem desses códigos poderiam ocorrer dessa forma. Do mesmo modo que um indivíduo é educado para comportar-se bem em sociedade e que o trabalho de socialização exige tempo, a educação para o universo virtual, a aquisição dos códigos de conduta no orkut demanda tempo e energia para ocorrer. Para as pessoas mais jovens, os adolescentes, por exemplo, que podem ser socializados fazendo uso das formas de interação virtuais, o estranhamento é menor e o comportamento deles no âmbito virtual parece muito mais

26 Ver, por exemplo, GOFFMAN, E. *The Arrangement between the Sexes*. Theory and Society, Vol. 4, No. 3 (Autumn, 1977), pp. 301-331. GARFINKEL, H. (1967). A conception of, and experiments with, 'trust' as a condition of stable concerted actions. In O.J. Harvey (ed.), *Motivation and Social Interaction*, New York: Ronald Press. GARFINKEL, H. (1967). *Studies in Ethnomethodology*. New Jersey: Prentice Hall.

“natural” do que o comportamento daqueles que foram socializados sem fazer uso desses meios e que os estão experimentando recentemente.

- Você teve alguma dificuldade para mexer no orkut no início?
 - Tive sim, achava muito chato esse negócio de comunidades, depois fui entendendo e fui viciando.
 - Acabou gostando?
 - Com certeza, gosto muito.
 - E do que você não gosta?
 - De pessoas que não conheço que pedem pra “add” (adicionar).
 - Você não aceita?
 - Não.
 - Já teve algum problema com isso?
 - Já sim, eu não tinha malícia e aceitei pessoas mal intencionadas, mas agora sou mais seletiva. (*Gilda, 57 anos)
-
- E não te incomoda que essas pessoas saibam que você entrou na página delas?
 - Ah, não, porque o orkut é pra isso mesmo.
 - Você apaga seus recados?
 - Não, deixo todos.
 - Por quê?
 - Ah, porque não tenho nada pra esconder ali. (*Caio, 14 anos)

O que desejamos ressaltar nesse ponto é que, mediante a observação dos modos de conduta e etiqueta, já é possível entrever o exercício de criação de formas de privacidade. “Formas” e não “forma”, pois a vivência não é idêntica para cada indivíduo e isso é um elemento bastante importante que remete à liberdade contemporânea de possuir em aberto formas de vida antes fixas para todos. Nas duas falas anteriores já é possível vislumbrar duas formas diferentes não só de etiqueta e conduta, mas de preocupação com a privacidade. Se o jovem não demonstra qualquer tipo de preocupação em esconder os detalhes da sua vida, a mulher pertencente à outra geração demonstra um cuidado com a

seleção das pessoas com quem irá se socializar, pois tem medo que pessoas “mal-intencionadas” possam acessar sua vida. Assim, embora haja formas diferentes de etiqueta no orkut, elas certamente existem e guardam semelhanças e diferenças em relação às interações numa arena física. A forma principal de comunicação no site são os recados, que podem ser armazenados em um espaço específico para esse fim, ou apagados. Como é possível perceber na fala dos entrevistados, uma parte fundamental do ritual consiste em responder os recados que foram recebidos.

“Eu preciso abrir (o orkut), checar meus recados, depois... eu tenho uma seqüência, aí eu vejo se o número (de visitas) alterou, e no caso, como eu tenho esse relacionamento que acabou recentemente, eu preciso entrar na página dele e verificar o que se passa ali. (*Lúcia, 32 anos)

“A primeira coisa que faço quando entro no orkut é ver se tenho novos recados e, caso eu tenha, respondê-los”. (*Renato, 29 anos)

Note-se que há uma seqüência, exatamente como um ritual, que deve ser respeitado. Nesse ritual, um elemento fundamental da etiqueta é responder os recados recebidos. No entanto, caso os recados não sejam respondidos, o impacto é muito menor do que se a pessoa não obtivesse resposta em uma interação falada. O embaraço que ganharia lugar então não ocorre na interação virtual, na medida em que não há a face diretamente exposta a ser perdida. Questionada a respeito do que sente quando seus recados não são respondidos, o entrevistado diz:

“Eu acho que é um pouco de falta de consideração, mas não fico bravo por causa disso. Às vezes você tem tantos recados, que nem chega a perceber se uma das pessoas não responde. De repente, a pessoa não teve tempo pra responder, ou então, vai falar com você em outra hora. Isso acontece bastante”. (*Renato, 29 anos)

Por outro lado, *Gilda, a entrevistada mais velha, parece não concordar com *Renato:

-- Você sempre responde seus *scraps*?

- Procuro sempre responder.
- E as pessoas sempre te respondem?
- Com certeza, minha turma é atenciosa.
- Mas se a pessoa não responder, você acha que é falta de educação?
- Eu acho que se eu não responder é falta de educação.

É possível pensar que, para ela, assim como nas relações face a face, é indispensável para a boa manutenção da interação que se responda aos recados, caso contrário, uma indelicadeza será cometida em relação ao interlocutor. Renato parece não dar tanta importância para o fato. Claro está que responder aos recados é parte indispensável do ritual de comunicação no orkut; com efeito, a maioria das pessoas que escreve espera por uma resposta. No entanto, também está claro que a não-obtenção de resposta não é, de modo algum, uma falta tão grave como quando isso ocorre em uma interação face a face.

De acordo com Goffman, o bom comportamento é algo requerido do ator se ele for transformado em alguém digno de confiança para manter-se como inter-agente, equilibrado para a comunicação, e que age de tal forma que os outros não se sentem em perigo quando interagem com ele. Em geral, mediante sua boa conduta, o indivíduo cria uma imagem de si mesmo. Os hospitais psiquiátricos aparecem mais uma vez como o maior exemplo do mau comportamento: lá as pessoas se masturbam abertamente, arranham-se, deixam o asseio de lado, homens e mulheres comportam-se como se fossem de outro sexo e assim por diante.

No orkut, a boa conduta também é indispensável para que o inter-agente seja considerado pessoa de confiança. Assim, se ele for percebido como alguém que não responde aos recados, certamente sua credibilidade como inter-agente ficará abalada e sua sociabilidade prejudicada. Além disso, nesse caso, homens e mulheres também podem comportar-se como se fossem de outro sexo. Muitas pessoas possuem um perfil, um avatar que não corresponde à verdadeira identidade. No entanto, isso não prejudica as interações, isto é, possuir uma identidade “falsa” não torna o inter-agente inapto para a interação. Entretanto, também não é considerado exemplo de boa conduta:

“Eu acho que essas pessoas (que criam vários) perfis estão a fim de brincar, ou de espionar a vida dos outros, tipo quando você deixa o visualizador ativado e não quer que os

outros saibam que entrou no perfil deles. Mas, eu não aceitaria como amigo uma pessoa com perfil falso e dá pra perceber quando ele (o perfil) não é real”. (*Renato, 29 anos)

“Eu posso usar o orkut do meu irmão e faço isso com frequência quando quero ver a vida de outras pessoas. Quando não quero deixar rastros, uso a página dele. Eu sei que isso é antiético, mas eu o faço (risos)”. (*Lúcia, 32 anos)

No orkut, e nas interações virtuais como um todo, há uma espécie de liberdade que não existe nas interações face a face, a saber, a liberdade para criar novas faces e utilizá-las de acordo com a natureza das situações de interação. Dessa forma, caso o intuito seja ver sem ser visto, uma saída pode ser a criação de um perfil “falso” que não corresponde à verdadeira face do inter-agente. Embora não seja exemplo de boa etiqueta, essa atitude não ameaça a face, ao contrário, protege-a do risco de o agente ser percebido na posição de quem “espia”. Em seu último livro²⁷, Manuel Castells afirma que a representação de papéis e a construção de identidades como base da interação on-line constituem uma proporção minúscula da sociabilidade baseada na Internet, e esse tipo de prática parece estar fortemente atrelada à conduta dos adolescentes, na medida em que se encontram em fase de descobrir suas identidades e de fazer experiências com ela. A Internet, prossegue Castells, não é um terreno privilegiado para a criação de fantasias pessoais, mas uma extensão da vida como ela é. “A realidade parece ser que muitos, provavelmente a maioria, dos usuários sociais da comunicação mediada por computador criam personalidades *on-line* compatíveis com suas identidades *off-line*”²⁸. No que se refere ao orkut, é evidente que a construção de um perfil falso não constitui a regra das interações. São pessoas reais que interagem ali em sua maioria, e ele parece apenas (mas não simplesmente) adicionar uma nova forma de sociabilidade em suas vidas. Até esse ponto concordamos com Castells quando afirma que, ao contrário das alegações de que a Internet seria uma fonte de comunitarismo renovado ou uma causa de alienação do mundo real, a interação social na Internet não parece ter um efeito tão expressivo sobre a configuração da vida cotidiana em geral, exceto por adicionar interações *on-line* às relações sociais existentes. Afora reforçar algumas relações à distância, no caso de pessoas de classes sociais médias e altas, a Internet pouco afeta a

²⁷ CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet : reflexões sobre a internet os negócios e a sociedade / Manuel Castells; [tradução de] Maria Luiza X. de A.Borges. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2003.

²⁸ Baym, 1998, p.55, *Apud* Castells, M. Ibid.

rotina diária das pessoas, segundo o autor. No entanto, não se pode excluir a existência de um exercício de construção da identidade ocorrido nesse âmbito. É importante afirmar que nesse ponto, estamos pensando em uma construção do *self* em um registro diferente do de Castells. Se, nessa obra, o autor não especifica o que entende por identidade, deixando implícita a idéia que se refere a um processo limitado à adolescência, pensamos, diferentemente, que identidade é um conceito por demais complexo para ser trabalhado dessa maneira. Embora não seja o foco da discussão, para os propósitos que aqui nos cabem, o processo de construção da identidade está ligado a um exercício constante de invenção e reinvenção do “eu” e está imbricado ao contexto de individualização dos modos de vida contemporâneos²⁹. Dessa forma, acreditamos que ele não esteja mais restrito a nenhum período da vida biológica, sendo, ao contrário, objeto de constante reformulação. Na distinção que faz entre identidade pessoal (exemplificada pela biografia) e identidade social, Goffman propõe que a primeira demanda coerência por ser relativa à vida compreendida em sua totalidade, enquanto a segunda admite a pluralidade de papéis sociais. Referindo-se à biografia, Goffman afirma:

Note-se que essa unicidade inclusiva da linha de vida está em flagrante contraste com a multiplicidade de “eus” que se descobrem no indivíduo ao encará-lo sob a perspectiva do papel social onde, no caso de a segregação entre papel e audiência estar bem manipulada, ele poderá sustentar com bastante facilidade egos bem diversos e, até certo ponto, pretender que não é mais algo que já foi. (2005, p.492)

²⁹ Uma discussão interessante sobre esse assunto está presente no livro *Individualization*, de Ulrich Beck, no qual é mostrado como a identidade deixa de ser um dado e se transforma em uma tarefa de que os indivíduos são encarregados e por cujos efeitos devem responsabilizar-se. Ninguém mais nasce sendo alguma coisa; o “ser algo” é uma missão diária realizada a duras penas. O que distingue a individualização dos primeiros tempos da modernização daquela desdenvolvida no que Beck denominou de “modernização reflexiva” ou “segunda modernização” é justamente a transformação dos padrões sólidos de determinação individual (cujos principais exemplos são classe e gênero) para posições em constante mutação, que forcem os indivíduos a estar sempre em movimento e não prometem como satisfação um destino em que seja possível relaxar e evitar preocupações. No entanto, é bom ressaltar, a individualização continua sendo agora, como antes, um destino do qual não se pode escapar. A diferença é que agora o indivíduo não tem a quem culpar por seu destino: se ele ficar doente, é porque não se alimentou bem; se ficar desempregado, é porque não se qualificou o suficiente, isto é, a culpa é sempre dele mesmo. O modo de vida em tempos de modernização reflexiva, como frisa Beck, é uma série de soluções biográficas (individuais) para contradições sistêmicas; os riscos e as contradições continuam sendo socialmente produzidos e é o dever de lidar com eles que se torna individualizado.

No entanto, se defendemos que o que está presente no orkut é a vida das pessoas, ou seja, sua biografia, não é possível afirmar que apenas os papéis sociais sejam sujeitos à mutação no que diz respeito à identidade. O que observamos a partir da vivência no site de relacionamentos demonstra esse fato com clareza: na construção e constante atualização dos perfis, bem como nas próprias interações, o que se vê é justamente o exercício frenético de indivíduos em constante mutação, sem nunca encontrar um ponto de chegada, uma identidade definitiva. A história criada por cada indivíduo, com o registro de suas interações, suas fotos e todo o restante testemunhado por aquela página, bem como pelos seus observadores, faz parte de sua biografia. São trechos, fragmentos da sua história pessoal. E embora a possibilidade de reinvenção constante da identidade resulte, por um lado, na geração de insegurança, também pode, em certo sentido, ser compreendida como maior liberdade do indivíduo contemporâneo para apropriar-se de sua biografia.

-- Você apaga seus recados?

-- Não, porque é como se fosse uma historinha minha com aquelas pessoas. Então, por que eu vou apagar? É um histórico de tudo o que aconteceu na minha vida em 3 meses, no caso.

(*Lúcia, 32 anos)

-- Você apaga seus recados?

-- Não.

-- Eu guardo com carinho rs. (*Gilda, 57 anos).

Após termos nos afastado um pouco da questão da privacidade, retomamos a discussão com a segunda abordagem de Goffman, referente ao tema das interações e da privacidade: A Representação do Eu na Vida Cotidiana (1975, [1995]). A perspectiva sociológica definida pelo autor para a análise da vida social tem por base a interação social que ocorre dentro dos limites físicos de uma arena. O ponto de vista empregado na análise é o da representação teatral; dessa forma, ele reconstrói a cena com seus elementos: atores, platéia, cenário e bastidores. A interação é definida como a “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata” (Goffman, 1995, p.23).

De acordo com essa perspectiva, toda interação tem como tema básico subjacente o desejo de cada participante de guiar e regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam. Esse controle é realizado principalmente pela influência sobre a definição da situação que os outros venham a formular. O indivíduo pode ter influência nessa definição a partir de sua forma de expressão, de modo a causar uma determinada impressão nos outros, que os faça agirem de acordo com o que havia planejado.

Os outros, por sua vez, podem utilizar aspectos não-governáveis do comportamento expressivo do indivíduo como prova da validade do que é transmitido pelos aspectos governáveis, isto é, podem perceber expressões sobre as quais o indivíduo tem pouco controle e que contradizem o conteúdo de sua fala, ou de seus gestos calculados, por exemplo. Ao saber que está sendo examinado, o indivíduo muda a expressão livre que mantinha e adota uma expressão calculadamente sociável. Nesse sentido, é possível controlar o papel do indivíduo que “monta o palco para um tipo de jogo de informação, um ciclo potencialmente infinito de encobrimento, descobrimento, revelações falsas e redescobertas” (Ibid., p.17).

A informação que o indivíduo inicialmente possui ou adquire sobre os outros participantes é de fundamental importância já que, com base nela e em resposta, começará a definir a situação e a planejar linhas de ação. Se a definição inicial da situação interativa estiver errada, pode ocorrer hostilidade, constrangimento e embaraço, com os participantes experimentando o tipo de anomia³⁰ gerado quando o minúsculo sistema social da interação face a face entra em colapso.

Do mesmo modo que no ensaio anterior, Goffman encara a atividade do indivíduo do ponto de vista da expressividade, concebendo o homem como ator que possui uma segunda natureza, que deve manter as normas de conduta e aparência do grupo social a que pertence. Ele analisa as técnicas necessárias para controlar a própria expressão, para o que é preciso dominar o espaço de encenação, objetivo que se cumpre por meio da divisão da atuação em diferentes espaços. Um espaço é todo lugar limitado por certas barreiras antepostas à percepção. Goffman distingue duas regiões principais em toda atuação, a

³⁰ Goffman não efetua nenhuma referência a Émile Durkheim ao fazer uso do termo “anomia”, no entanto, entendemos que o autor se refira ao conceito durkheimiano.

anterior e a posterior. A região frontal (*front-region*) é o espaço da atuação e, posto que ocorre na presença de um público (os outros em geral), nela predomina a formalidade. A cortesia e o decoro devem presidir a atuação nesse espaço. O *front-stage* é o âmbito da tensão, o espaço onde os indivíduos necessitam manterem-se alertas. O *backstage*, também chamado de fundo cênico e espaço dos bastidores é definido como “(...) qualquer das regiões que geralmente estão situadas fora dos limites do público”.³¹ O fundo cênico é o âmbito da ação sem aparência, da liberdade de expressão, “(...) o lugar onde o ator pode confiar que nenhum membro do auditório se intrometa”.³² O *backstage* é um espaço fechado, limitado voluntariamente para evitar uma potencial intromissão. É do mesmo modo uma esfera de ensaio da atuação que se fará no *front stage*, a ante-sala que serve para preparar a atuação no espaço público. O espaço entre bastidores é o lugar onde as pessoas interagem com confiança, sem travas formais, o âmbito onde reina a familiaridade. No fundo cênico, muito próximo da idéia de esfera privada, o indivíduo retira a máscara e abandona seu personagem.

Âmbitos da liberdade, da autenticidade, da familiaridade e lugar de isolamento onde o homem se encontra sem máscara, os espaços privados por excelência de uma casa, como o dormitório e o banheiro, seriam redutos da atividade humana onde não cabe a representação. Assim, as duas regiões da atividade humana, o *front stage* e o *backstage* são, em muitos sentidos, equiparáveis à idéia de esfera pública e esfera privada.

Nas interações virtuais ficam suprimidos os aspectos não-governáveis do comportamento expressivo do indivíduo. Desse modo, o controle das próprias manifestações é muito maior do que na interação face a face. Por outro lado, se a expressão corporal é utilizada para definir a situação interativa, de forma que, quando se expressa de determinada maneira, o indivíduo possa esperar determinadas reações dos outros, diminui a possibilidade desse controle no caso das interações virtuais. Como a fala é dissociada da expressão corporal, a interpretação pode ficar prejudicada. A chance de surgirem mal-entendidos é muito maior. Comparando a interação no orkut com outros tipos de comunicação em que não existe a presença física do outro, como, por exemplo, a carta e o

³¹ GOFFMAN, E. Apud Zeitlin, I. La sociologia de Erving Goffman, p.102.

³² Idem, p.103.

e-mail, pode ser identificada entre eles uma diferença óbvia, porém central. Na comunicação por carta ou e-mail há, primeiramente, o intervalo de tempo entre o momento em que um escreve, o outro lê, responde e a resposta é finalmente lida. No orkut, a interação é muito mais rápida e nesse ponto pretende ser como a conversa presencial, ou por telefone, já que é (quase) imediata. Elementos da oralidade estão presentes o tempo todo, vide a linguagem que acabou sendo criada a partir da comunicação por Internet, na qual se escreve da maneira como se fala.

Em relação ao telefone, como bem pontua Ana Maria Nicolaci (2005, p.23), “como (...) há muito faz parte de nossas vidas, todos sabemos que ele não gerou problemas familiares nem tampouco diminuiu o contato físico com conhecidos. Simplesmente ampliou as possibilidades de comunicação entre interlocutores pertencentes a uma rede de sociabilidade já existente no mundo ‘real’. Não gerou a possibilidade de conhecer estranhos com os quais fosse possível desenvolver relacionamentos virtuais porque não gerou ambientes que possibilitassem esse tipo de encontro”.

Outro aspecto importante é que no orkut existe um elemento que só havia nas interações em uma arena física pública, isto é, a platéia, os outros que observam a interação. Em trecho de entrevista já citado, vimos a seguinte frase:

“as pessoas procuram ser legais, carinhosas, educadas, porque você não está falando só com o destinatário da sua mensagem, você está falando com todos ao mesmo tempo, então a sua reputação, a sua imagem é muito importante, você não vai se desentender via orkut”.

(*Lúcia, 32 anos)

A entrevistada disse isso quando tentava explicar os motivos que levavam as pessoas a utilizarem uma linguagem no orkut que, a seu ver, parecia exagerada, disparatada da que seria usada numa interação física, face a face. Dessa forma, embora não haja o perigo imediato de ficar sem face numa interação virtual, há a idéia de uma platéia que observa as interações, um outro “imaginário”, uma presença virtual e real ao mesmo tempo. Porém, na medida em que o indivíduo pode ser anônimo, ser outra pessoa, utilizar um apelido, ou mesmo um nome falso no orkut, são, sem dúvida, menores a cautela e o controle que ele tem, comparados com as interações em que há a presença física dos outros.

Ademais, no âmbito virtual, as conversas permitem que certo grau de intimidade seja atingido em tempo muito mais curto do que na arena física. Na medida em que há a sensação de maior liberdade de expressão, pelo fato de estarem suprimidos os constrangimentos físicos que as expressões corporais implicam, é possível a abertura da própria intimidade de maneira muito mais confiante. Mas, se até o momento tratamos da privacidade, da intimidade e das esferas pública e privada de forma um tanto isolada, sem aprofundar a relação entre os termos, e também sem nos ater a uma definição específica que fosse nos servir de parâmetro ao longo da análise, isto se deve à própria natureza da questão. Na medida em que um elemento fundamental do individualismo contemporâneo é a ausência de parâmetros pré-definidos de ação, ou seja, não há referenciais seguros a que se fiar, seria contraditório tentar definir os termos de antemão. Pois acreditamos que a própria natureza do problema que nos move nesta pesquisa é ausência de definições e fronteiras seguras entre o público e privado. Talvez pudéssemos ter partido de uma definição, mas isso apenas com o intuito de desconstruí-la ao longo da pesquisa. Por esse motivo, optamos por deixar as definições em aberto, ou melhor, deixar que elas se construam ao longo da exposição, do mesmo modo que na vida das pessoas. O importante é frisar que essas definições estão sendo criadas e negociadas no cotidiano das relações entre indivíduos e o orkut é um celeiro extremamente profícuo para visualizar como o conflito entre o público e o privado vem ocorrendo, e como novas vivências da privacidade e da intimidade estão sendo criadas.

Com efeito, a tarefa do próximo capítulo é tentar se aproximar do que seriam essas esferas no plano conceitual e de que forma elas estariam relacionadas com a interação social ocorrida no orkut. No tocante a essas indagações, a abordagem de Carlos Castilla del Pino será muito profícua para nos auxiliar a respondê-las.

3. Capítulo 2 - A Intimidade, a Esfera Privada e a Esfera Pública

Uma abordagem muito interessante e útil para que sejam definidos com mais precisão os elementos que constituem a intimidade é a realizada por Castilla del Pino em seu artigo “Teoria da Intimidade” (1996). Nele, além de circunscrever o campo da intimidade, o autor trabalha com a idéia de interação, ampliando seu escopo. Diferentemente de Goffman, cuja abordagem é centrada nas interações face a face, del Pino opera a distinção entre interações “reais” e “virtuais” em um sentido que nos auxilia a pensar a sociabilidade que ocorre no orkut.

Segundo o autor, as atuações humanas são representações de um “eu”. Algumas são consideradas “reais” porque ocorrem na presença de outros em uma interação; outras são imaginárias e chamadas “virtuais” porque o eu se imagina na presença de outros “eus” também imaginários. No entanto, mesmo nas interações chamadas reais, há um elemento de imaginação envolvido, e esse ponto é o que se afigura mais interessante para refletir sobre as interações virtuais. Para Pino, nas interações reais, o eu com o qual interagimos está ali apenas como um corpo; de fato, a interação sempre ocorre com um eu imaginado, do qual o corpo é apenas um veículo de expressão (verbal ou extra-verbal). Portanto, a separação feita entre interações reais e virtuais, ainda que funcional no plano analítico, não é encontrada fidedignamente no plano empírico. “Com quem nos relacionamos na realidade empírica, senão com o eu do outro que construímos como imagem mental, ou seja, nossa imaginação?” (Pino, 1996, p.15-16, tradução minha). Assim, se, como postula Pino, ninguém tem acesso à intimidade do outro, ela deve ser inferida, na medida em que a relação será estabelecida com o eu íntimo presumido do outro e, em grau muito menor, com o eu mostrado.

No que tange à representação do eu, o autor afirma que, para cada atuação/representação é construído um eu. Logo, se podemos nos envolver em diversas situações, diversos “eus” podem ser criados. O órgão construído pelo eu para cada situação é denominado de “sujeito”. A partir de uma formulação de Karl Jaspers, Pino define o sujeito como aquele que confere consciência à unidade de todos os “eus” que constrói,

construiu, ou poderá construir, e de ser ele mesmo, como sujeito, em cada apresentação do eu. O sujeito, além de construí-lo, também vigia, controla e repara o eu no curso da interação e, se for preciso, transforma-o para maior êxito do sujeito. Assim, cada “eu” é um instrumento do sujeito. Quando alguém diz que se comportou como um idiota no dia anterior, é o sujeito julgando o eu que atuou 24 horas antes.

O cenário é outro elemento fundamental desse processo. Diferentemente do cenário teatral, que é dado de antemão, o cenário é um espaço elaborado no decorrer da interação, à medida que os participantes interagem, estando sujeito, pois, a transformações incessantes. Dependendo do contexto, as atuações humanas podem ser de três tipos: íntimas, privadas e públicas. Castilla del Pino critica o que considera uma falta de distinção entre as esferas privada e íntima habitualmente feita por sociólogos tais como Richard Sennett e Helena Béjar. Esses diferentes modos de atuação não se qualificam, a seu ver, por si mesmos, mas pelo cenário no qual têm lugar (Pino, 1996, p.18). Desse modo, ele sugere que seja abandonada a idéia de comportamentos intrinsecamente íntimos, privados ou públicos e sugere uma qualificação derivada do cenário onde a ação ocorre. O autor acrescenta que as atuações humanas são *representações* porque os personagens, os “eus” empíricos ou virtuais, são construídos de acordo com o tipo de cenário em que irão atuar. O caráter de representação aparece de modo inequívoco nas atuações externas, na medida em que os atores se preparam para a aparição em público. No entanto, também faz parte das atuações privadas e íntimas.

Ora, quais são as diferenças entre esses três cenários? O cenário íntimo é aquele que só pode ser observado pelo próprio sujeito. Como exemplo, o autor sugere as fantasias matinais dos encontros que imaginamos ter, ou das situações que esperamos encarar antes de sairmos de casa, ou os sonhos. Essas experiências podem ser narradas e comunicadas, mas, e isso é muito importante, não perdem por isso seu caráter de íntimas. A comunicação do imaginado não é a exibição do imaginado. O íntimo pode ser dito, não mostrado (ibid.,

p.19). O outro não tem acesso ao que o sujeito verdadeiramente imaginou, fantasiou ou sonhou³³.

O cenário das atuações privadas é necessariamente observável, porque as atuações que aí tem lugar, embora feitas a sós, são atuações exteriorizadas. No entanto, o sujeito e aquele que partilha com ele um cenário privado protegem-se da observação alheia, de qualquer interferência estranha que possa ameaçar sua *privacidade*. O cenário público se dispõe de tal forma que as atuações são necessariamente observáveis. O público é expressamente exteriorizado e exteriorizável; o privado, exteriorizado, mas expressamente oculto e o íntimo, invisível.

O cenário eleito para a interação é resultado de um pacto implícito ou explícito entre os participantes. O *voyeur*, por exemplo, transgride o pacto de privacidade e olha o que não deve ser visto ou ouvido pelos demais; o exibicionista também transgride o pacto de privacidade e exhibe o que não deveria ser mostrado. Esses são dois exemplos extremos de atuações inadequadas para o cenário onde transcorrem, mas há graus de inadequação da conduta de alguém que indicam a capacidade do sujeito de atuar de maneira adequada à situação pactuada.

O cenário das atuações íntimas é um cenário virtual, de acordo com Pino. Nosso espaço virtual é nossa mente na qual o sujeito posiciona um eu, que o representa, perfeitamente coerente para a interação com os outros, que na verdade, não são outros reais, senão partes do próprio eu. A diferença entre esse espaço virtual e aquele do computador é que o último pode ser acessado mediante uma senha ou qualquer outra chave, ao passo que o espaço íntimo não é acessível a ninguém senão ao próprio sujeito. A inobservância é o traço que o caracteriza. A intimidade luta para ser exteriorizada, seja ao âmbito privado, pela confidência, seja ao âmbito público, como no rádio, na televisão, ou de forma mascarada, como na literatura. (Cf. Pino, 1996)

³³ “O que digo é que, embora nos interpretemos mutuamente sem cessar e tentemos nos compreender, não nos conhecemos: não há conhecimento e, portanto, meio, ainda que fosse apenas de imaginar o outro na intimidade de seu viver – alegria de outrem, de sua tristeza, ou mesmo imaginar seu estado de espírito, seu estado de alma, não significa que a intimidade e a tonalidade de seu viver se tornem minimamente acessíveis a nós. Esse estado de coisas, aliás, não cria de modo algum obstáculos ao amor”. CONCHE, Marcel. In: CHARLES, S. Comte-Sponville, Conche, Ferry, Lipovestky, Onfray, Rosset: *É possível viver o que eles pensam?* São Paulo, Editora Barcarolla, 2006, p.95.

A confiança é, segundo o autor, uma atuação privada e verbal, cujo conteúdo se refere às atuações íntimas, daí a busca por um interlocutor especial, um confidente. Na intimidade, guardam-se certos tipos de sentimentos e desejos considerados inconfessáveis. Parece haver nesse ponto certa contradição no pensamento do autor, que não explica como os “sentimentos inconfessáveis” que caracterizam a intimidade do sujeito podem lutar pela exteriorização. No mais, parece-nos que nem sempre a intimidade que se quer confessar procura um “confidente”, um interlocutor especial. Na verdade, o oposto é que parece mais plausível: a intimidade talvez lute para exteriorizar-se, porém, não é possível afirmar com segurança se a situação e o interlocutor para o qual fazê-lo são escolhidos tão criteriosamente. O exemplo do computador-terapeuta é bastante ilustrativo de nossa afirmação e pode ser extrapolado para a reflexão sobre a vivência da privacidade e da intimidade no orkut³⁴.

Em primeira instância, nos termos de Castilla del Pino, se o que diferencia as atuações é o cenário onde elas ocorrem, o orkut, na medida em que permite a observação, é um espaço de atuação pública. No entanto, ele também possibilita a existência de atuações privadas, como iremos detalhar, mas não permite atuações íntimas. Estas, como já definido, são inacessíveis ao outro, podendo ser comunicadas, porém, não exibidas. Entretanto, essa comunicação da intimidade ocorre no orkut, da mesma forma que poderia ocorrer na literatura, no rádio e na televisão, por exemplo, se seguissemos estritamente a teoria do autor. Embora seu texto seja contemporâneo, ele não faz nenhuma comparação entre vivências da intimidade ao longo do tempo. Sua teoria é ontológica, pauta-se na vivência da intimidade humana, como se ela fosse imutável. Entretanto, a nosso ver, as vivências da intimidade e da privacidade certamente são alteradas quando o cenário para as atuações de todo tipo passa a ser virtual, isto é, passa a ocorrer no ambiente da rede informatizada. Se o autor é sagaz ao mostrar que as atuações são definidas por seu cenário e não por seu conteúdo, certamente a mudança de um cenário físico para um cenário virtual traz implicações para a forma como as atuações públicas, privadas e íntimas ocorrem.

³⁴ O cientista Joseph Weizenbaum, do MIT, criou em 1966 um programa chamado “Eliza” que imitava uma psicoterapia não-direcionada. Qualquer questão digitada pelo usuário constituía uma pista para Eliza respondê-la. Em pouco tempo, estudantes passaram a insuflar o computador com seus problemas e infelicidades como se houvesse uma pessoa real e empática por trás da tela. Esse exemplo será novamente mobilizado no terceiro capítulo.

A primeira diferença a ser considerada é que a interação no orkut é quase sempre multi-referenciada, isto é, embora a mensagem possua um destinatário, ela pode ser acompanhada por toda a platéia, no mínimo composta pelos amigos do participante da rede.

No entanto, o ponto mais importante é o seguinte: se a definição do caráter público, privado ou íntimo de uma situação é dada pelo cenário no qual a atuação ocorre, como poderia ser caracterizado aquele constituído pelo caso em exame? Na medida em que o cenário público se caracteriza por permitir a observação das atuações, o orkut pode ser considerado um cenário público. No entanto, a rede social possui recursos que possibilitam que seja transformado o caráter das interações que nela acontecem, de público para privado. Se a comunicação ocorrer via *scraps*/recados, a interação é pública. Para que isso não se dê, é possível usar o recurso do “depoimento”, no qual a mensagem aparece apenas para o destinatário, podendo ser aceita (o que a tornará permanente no perfil), ou recusada, de modo que nenhuma outra pessoa poderá acessá-la. Essa é a forma mais usada pelos participantes de conferir privacidade à interação:

- Mas e se você não quiser que outras pessoas saibam do que você está falando?
- Aí eu mando por depoimento e aviso pra pessoa não aceitar (*Júlia, 16 anos)

Outro recurso de privacidade criado no orkut foi a possibilidade de tornar os recados e fotos acessíveis apenas aos amigos. No entanto, esse recurso não faz com que as interações por meio de recados se tornem privadas, na medida em que elas continuam podendo ser visualizadas pelos amigos.

Desse modo, as interações que ocorrem, são, em sua maioria, públicas. Há a possibilidade de haver interação privada, mas, quando esse é o desejo de fato, outros meios mais eficazes podem ser usados, como o e-mail e o MSN, por exemplo. No entanto, como os elementos que estão presentes nas páginas do orkut dizem respeito à vida privada dos sujeitos, cria-se a ilusão de que as interações são também de âmbito privado. Porém, elas não o são. Embora as pessoas possam fazer um pacto implícito ou explícito de que a interação que mantêm seja privada, ela continua sujeita à observação alheia. Daí a sensação de incômodo que acomete muitas pessoas, quando percebem que sua vida está sendo espiada. Algumas resolvem deixar o orkut por conta disso. Outras parecem não se

incomodar, todavia. Os entrevistados mais jovens demonstraram menos preocupação com a questão de ter a atuação privada observada por outras pessoas. Ao afirmar que o objetivo do orkut é mesmo esse, isto é, não esconder, eles parecem ter se adequadado ao pacto de publicidade que ocorre no orkut. Assim, os sujeitos mais jovens parecem ter desenvolvido maior capacidade de adequação ao modo de interação orkutiano. O mais jovem dos entrevistados, *André, de 14 anos, diz não se sentir nem um pouco incomodado com a possível visualização de suas informações pessoais:

- Você apaga seus recados?
- Não, deixo todos.
- Por quê?
- Ah, porque não tenho nada pra esconder ali.

Os outros entrevistados jovens, uma garota de 16 anos e um garoto de 18, tampouco se sentem incomodados com exposição no orkut:

- Alguma vez você se sentiu muito exposta no orkut, sem privacidade?
- Não, nunca. (*Júlia, 16 anos)
- Você alguma vez se sentiu “exposto”, “sem privacidade” no orkut?
- Acho que não. (*Ricardo, 18 anos)

Por outro lado, os entrevistados mais velhos parecem ter uma visão bem diferente nesse aspecto:

- Alguma vez você se sentiu exposta, sem privacidade?
- Sim, agora no Natal, no período das férias, eu tirei umas fotos de biquíni e resolvi colocá-las no meu álbum do orkut, e eu percebi que, de alguma forma, eu estava me expondo demais ali. Porque eu coloquei uma foto que podia ser acessada não só pelos conhecidos do meu grupo de amigos, mas por pessoas de toda a rede. Não sei o que podiam fazer com a foto, mas depois de umas duas semanas eu caí em mim, e vi que era uma exposição muito grande, que eu estava me expondo ali. (*Lúcia, 32 anos)

-- Você alguma vez se sentiu exposto, sem privacidade no orkut?

-- Orra! E como! Várias vezes, até aprender a lição, tomei muito na cabeça! Até perdi uma namorada! Mas hoje em dia acho que as pessoas estão mais espertas com isso, tomam mais cuidado com as coisas que escrevem, não dão muitos detalhes da vida pessoal pra se preservar mesmo. (*Renato, 29 anos)

-- Você já se arrependeu de ter falado alguma coisa no orkut?

-- Já sim, mas aos poucos fui aprendendo que não se pode falar de tudo no orkut. (*Gilda, 57 anos)

A princípio, a intimidade permite que se escape da coação do mundo exterior. Como afirmou Ortega³⁵, para sair do mundo, que é a total exterioridade, a única possibilidade é escapar para dentro de si mesmo, recluir-se na intimidade. O sujeito possui assim um âmbito de liberdade que utiliza para atuações sem testemunho. Daí o zelo com que protege sua intimidade, tanto da interferência alheia quanto da possibilidade de que algum conteúdo dela escape e se descubra o que se queria manter invisível. (Pino, 1996, p.24). Os “eus” íntimos são tão opostos aos privados e públicos, que dificilmente se deixa de mantê-los secretos. No entanto, isso não significa que na intimidade o sujeito possa fazer tudo o que deseje. Também nesse âmbito o poder está presente, seja na forma de um Deus onipresente, seja na forma do autocontrole introjetado, afirma Pino. Os códigos da vida privada e pública estão também presentes na vida íntima, com modificações, de modo que os três tipos de vida tendem a se homologar. Contudo, ao passo que a vida pública é altamente observada e controlada e a vida privada requer precauções para manter-se oculta, a vida íntima é somente auto-controlada, isto é, apenas o próprio sujeito tem poder sobre ela.

Assim, embora algumas correntes filosóficas e pensadores, tais como Santo Agostinho, por exemplo, afirmem que a intimidade é a verdadeira face do sujeito, ela não se configura dessa forma, afirma Pino. A privacidade e a intimidade são necessárias como formas de experimentar os “eus” mais livres de controles externos e compensar, assim, o enorme dispêndio energético que supõe a defesa narcísica requerida por toda atuação pública. Isso não significa, contudo, que os “eus” privados e públicos sejam falsos ou

³⁵ O autor refere-se a José Ortega y Gasset, mas não cita a obra em que o filósofo espanhol expõe tal idéia.

alheios ao sujeito. Já que fazem parte dele, as atuações privadas e públicas também são verdadeiras nesse sentido. A diferença é que o cenário íntimo permite viver uma imagem de si à margem das outras duas, de modo que a auto-estima possa ser preservada em algum grau.

Se prosseguirmos com o raciocínio, o orkut, na medida em que é um cenário público, mas receptáculo de elementos da vida privada, cria confusão nos modos de vivência do público, do privado e do íntimo. São públicas as interações que nele se dão, porque é público o cenário no qual ocorrem. Entretanto, nem sempre são sentidas dessa forma pelos sujeitos. É como se houvesse um deslocamento entre o cenário (público) e a experiência (privada) do sujeito. Vemos como, nesse caso, a definição de Castilla del Pino pode não dar conta de explicar a complexidade dessas imbricações. Se as interações no orkut fossem simplesmente públicas, como qualquer outra interação desse gênero em uma arena física, as pessoas saberiam de antemão quais códigos usar e, dificilmente, teriam problemas relacionados à exposição da sua vida privada. No entanto, o fato de ocorrerem em cenário virtual, certamente, imprime peculiaridades em seu caráter, as quais não são abordadas pelo autor.

Em matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo³⁶, uma garota de 10 anos reclamava da própria timidez. Quando ela nasceu, os pais já possuíam Internet em casa. Dessa forma, a menina acabou encontrando uma solução para seu problema: o MSN, nome pelo qual o mensageiro instantâneo da Microsoft – o Messenger – ficou conhecido. “Coisas mais íntimas, eu só falo pelo MSN. Na escola, ao vivo, não dá para dizer.” Segundo ela, essa é a regra entre seus amigos e amigas. Há um consenso. Quando se encontram no espaço público do colégio, conversam amenidades, coisas do cotidiano, elucidam dúvidas das aulas, comentam as férias ou mesmo o fim de semana. Aquilo que os aflige, comentam entre si. Só que virtualmente.

De forma hilária, a situação é ilustrada numa charge da revista *The New Yorker*, publicado em 1992. Nele, um cachorro está à frente de um computador e diz a outro, que o observa: “Na internet, ninguém sabe que você é um cachorro.” A moral da história, de

³⁶ DÓRIA, Pedro. *Confidências Virtuais*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 28 ago. 2006, Suplemento Link, p.L5.

acordo com o autor da matéria, é que a loura de seios fartos que alimenta os sonhos do marmanjo pode muito bem ser um sujeito barbado e carrancudo do interior do Mato Grosso.

No entanto, embora não se tenha certeza se a bela loira é de fato bela loira e não o sujeito barbado, o que comanda é o poder da imaginação. Se a interação se mantiver em âmbito virtual, os participantes podem nunca descobrir a realidade de quem está do outro lado da tela. Como elucidado o comentário que uma pessoa fez em um *blog* na ocasião de uma discussão sobre internet³⁷:

“O que excita na Internet é justamente essa liberdade, essa ‘possibilidade do inédito’, da realização das mais recônditas fantasias sexuais, do anonimato no falar com alguém, na possibilidade de moldarmos nossa identidade a nosso gosto, de sermos jovens apesar de velhos,... de realizarmos fantasias juvenis em corpos cansados pela idade. A anarquia da Internet é que faz dela algo inédito, diferente, demolidora de todas as ‘morais’ impostas, elaboradora de novos valores e destruidora de mitos e referências hipócritas. A Internet rejuvenesce a alma e nos dá um novo sentido à vida. Viva a bagunça e a insegurança na Internet!”.

Aqui vemos como a insegurança e a “bagunça” podem ser experimentadas não como pontos negativos, mas como atrativos da vida virtual. Ser anônimo, ser uma pessoa diferente, brincar com a identidade, realizar fantasias proibidas, tudo isso significa a possibilidade de ultrapassar os limites morais tradicionalmente estabelecidos pela sociedade. E tudo isso de forma “segura”, sem que a identidade “verdadeira” ou tradicional seja abalada. Assim, o homem que fantasia ser mulher pode passar pela loira de seios fartos sem ter de vivenciar essa experiência “na pele”, isto é, sem ter de transformar-se efetivamente em uma mulher³⁸.

³⁷ Blog Cocadaboa: www.cocadaboa.com.br

³⁸ Idéia semelhante é desenvolvida por Erving Goffman ao tratar do estigma em sua relação com a identidade do indivíduo. Se a posse de um estigma pode afetar negativamente as relações sociais daquele que o possui, o esforço para escondê-lo ou consertá-lo pode fixar-se como parte da identidade pessoal, gerando o intenso desejo de um comportamento inadequado quando se está de posse de uma máscara. Daí, segundo Goffman, a vontade que algumas pessoas têm de publicar material revelador de forma anônima. GOFFMAN, E. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1988, p. 76.

No entanto, a história da menina de 10 anos possui uma importante diferença: ela não se identifica por nome falso, nem por apelido; utiliza seu próprio nome. E o retrato na tela do MSN não foi buscado em um canto da rede; é o seu. Não há, sequer, o anonimato da distância. As pessoas com quem ela conversa são seus amigos. (Até porque, cientes, seus pais acompanham cuidadosos seu uso da rede; respeitam sua privacidade, mas vigiam ainda assim para que converse apenas com conhecidos).

Então qual é a diferença? Por que é mais fácil falar de coisas íntimas pela rede com quem se conversou de manhã e se conversará na manhã seguinte? Fazendo um paralelo, o autor da matéria afirma que a mesma situação não se repetiria entre adultos. Num arroubo de audácia, as pessoas podem até se declarar via *web*. Mas, segundo o jornalista, (quase) sempre essa atitude é seguida de arrependimento. Não se diz pela rede, para conhecidos, o que não sealaria pessoalmente. Ao menos, isso é raro. Contudo, de nosso ponto de vista, a atitude de revelar-se com a mediação do computador não é um comportamento restrito a crianças. É plausível que adultos possam ser seduzidos pela proteção que a tela oferece e nossas observações acerca do orkut confirmam essa proposição. Os problemas de excesso de exposição ou de falta de privacidade relatados por alguns entrevistados estão relacionados à revelação de informações pessoais em um âmbito público. No caso de Renato, por exemplo, o recado deixado pela menina em sua página tornou pública uma relação que, em sua concepção, deveria ter permanecido na esfera privada. A garota claramente transgrediu o pacto implícito de privacidade que havia na relação. No entanto, quando incidentes desse gênero ocorrem, as pessoas parecem passar a ter mais cuidado em relação à exposição da vida privada no orkut. Quando indagado sobre os assuntos que trata no site com seus amigos, Renato disse o seguinte:

-- Que tipo de assunto vocês tratam?

-- Ah, saber o que a pessoa vai fazer no final de semana, comentar alguma novidade, pedir algum favor, marcar alguma coisa. Mas eu recebo o recado e já apago, pra ninguém ficar bisbilhotando também o que eu vou fazer, o que eu fiz ou deixei de fazer. Como eu disse, já tive muitos problemas com isso. Então, agora eu evito dizer coisas mais pessoais, e já apago os recados depois que respondo.

Segundo Castilla del Pino, as atuações que devem ser íntimas obedecem a um código histórico e implicitamente consentido, que define quais devem permanecer reservadas para a intimidade (Pino, 1996, p.30). Quando não se reservam, podem ser consideradas impertinentes, obscenas e até passíveis de punição. No caso de Renato, a atuação claramente excedeu a barreira da intimidade e por isso pareceu-lhe impertinente e inadequada.

Mas o que há de peculiar nas interações virtuais que cria essa imbricação entre os modos de existência públicos, privados e íntimos? Como a menina da matéria acima mencionada percebeu, a comunicação virtual poupa-nos dos constrangimentos do cara a cara e das surpresas. A confiança não é recebida por grito, ou choque, ou choro. Apara arestas, defende da reação do outro. E, quando vier o encontro do dia seguinte, já passou um tempo e a reação nos é mais leve.

A intimidade é algo construído, dirá Pino, se não descoberto como possibilidade. A criança desde cedo descobre que há certas coisas proibidas. Em vez de deixar de fazê-las, ela aprende que há um espaço em que pode, senão concretizá-las, ao menos imaginá-las sem que ninguém o saiba. A intimidade resulta, assim, de uma subtração da vida pública e privada e se faz tanto mais extensa, quanto menos forem as vidas privada e pública. Portanto, entre as formas usuais de vida, há um tipo de transação entre as diversas atuações; as íntimas ficam, em última instância, como salvaguardas e descanso das atuações privadas e públicas, como alívio da laboriosa tarefa de atuar na realidade. Por isso, a garota da matéria somente revelava sua intimidade no MSN. No entanto, há uma diferença importante no que tange a esses dois tipos de comunicação, aquela que se processa pelo Orkut e aquela que utiliza o MSN, o comunicador instantâneo da Microsoft. No MSN, embora a comunicação também seja virtual, a conversa é mantida na esfera privada, isto é, ninguém além do emissor e do receptor da mensagem irá tomar conhecimento do que foi dito. Daí o maior conforto sentido nesse tipo de interação. No orkut, contudo, há a presença de espectadores. Ainda que o usuário opte pelo recurso da privacidade, que não permite a visualização de seus recados por pessoas desconhecidas, seu quadro de mensagens ainda pode ser visto por seus amigos e, para muitas pessoas, o número de amigos pode ultrapassar a casa dos 900! Se, em algumas situações, a simples presença de um único outro é

indesejada, quem dirá de 900 outros... Por isso, quase todos os entrevistados são claros ao dizer que quando o assunto é secreto, ou a conversa precisa ser longa, eles recorrem ao MSN e não ao orkut.

-- Mas existe alguma diferença entre falar no MSN e no orkut?

-- Tem sim. No MSN você realmente conversa com as pessoas, não é só pra deixar recados. Além disso, pode tratar de coisas mais íntimas, que não quer que as pessoas saibam, porque ali você vai ter privacidade. (*Renato, 29 anos)

-- Mas e se você não quiser que ninguém veja o que você está dizendo?

-- Então, aí você vai pro MSN. (*André, 20 anos)

No orkut, as atuações são públicas, logo, requerem considerável dispêndio de energia. Além do esforço de preservação da face perante o outro imediato e perante toda a platéia que supostamente observa as interações, há em alguns casos o cuidado de preservação da privacidade, evidenciado no ato de apagar recados, medir o que se escreve nos recados e assim por diante. Embora a tela do computador minimize consideravelmente esse esforço em comparação com aquele realizado nas interações em uma arena física, ainda assim ele está presente.

O que foi dito acima pode ser aplicado a interações entre duas pessoas, a despeito dos “espectadores”. Mas, e no que tange a uma interação formal entre vários participantes, como em um debate, por exemplo? A posição de Goffman a esse respeito, malgrado apareça em uma nota de rodapé, não deixa de ser sumamente esclarecedora:

Uma interação pode ser propositadamente estabelecida como oportunidade e lugar para enunciar diferenças de opinião, mas em tais casos os participantes devem ter o cuidado de concordar em não discordar quanto ao tom de voz conveniente, vocabulário e grau de seriedade com que todo argumento deve ser exposto, e quanto ao mútuo respeito que os participantes discordantes devem cuidadosamente continuar a expressar uns para com os outros. Esta definição da situação dos debatedores, ou definição acadêmica, pode também ser invocada súbita e prudentemente como meio de traduzir um sério conflito de opiniões em outro que

possa ser tratado dentro de uma estrutura aceitável por todos os presentes (GOFFMAN, 1975, p.19).

Pensando nas conversas que observei nas comunidades do orkut, mesmo aquelas ocorridas nas comunidades da categoria “política”, que apresentaram debates intensos na época das eleições, o que se percebia era exatamente o contrário do afirmado por Goffman: muitas vezes, aquilo que se configurava como um princípio de debate acabava se tornando mera troca de agressões. Em quase todos os casos presenciados, algum participante da comunidade escrevendo como anônimo, ou com algum perfil falso, começava a proferir agressões aos portadores de opiniões contrárias às suas. Estes passavam a rebater as agressões e estava findo o debate. Na comunidade “Fora Lula” (178.649 membros), a moderadora, irritada com a invasão de sua comunidade e com o mau comportamento dos simpatizantes de Lula e do PT, deixou o seguinte recado no dia 06/04/2008:

Comunicado da Moderação aos Petistas/Esquerdistas

Petistas imundos¹³ nojentos¹³ e todos esquerdistas,

sabemos que vocês morrem de inveja desta comunidade, e fazem de tudo para entrar aqui. Querem entrar pra debater conosco?? pois entrem!! porém avisamos que estarão **sujeitos à expulsão sumaria** se:

- . ofenderem esta comunidade/dono/moderadores
- . ofenderem quaisquer um dos membros FL
- . postarem tópicos tendenciosos
- . ofenderem a Oposição Política do Brasil
- . usarem de termos/palavras chulas
- . desrespeitarem as Regras da Comunidade
- . usarem tópicos/postagens apelativas
- . insultar, xingar, badernar, etc e tal
- . postarem propaganda eleitoral de qualquer partido/candidato de esquerda

Deverão estar cientes que, aos membros FL, caberá agirem como o desejarem com vocês. Vocês não tem também, direito de reclamar contra qualquer um dos membros da FL.

Lembrem-se: AQUI É A CASA DOS FORA LULA!!!!!!! e os Fora Lula podem xingá-los o

Aqui na FL, petistas, petralhas e esquerdistas em geral não tem nenhum direito, a não ser debater sem insultar.

Podem debater com a corja¹³ esquerdista como desejarem. Eles que nos agüentem. Vamos derrubá-los com argumentos, com a verdade. Eu acredito/confio em vocês.

terminando em agressão física. Como isso não é possível no mundo virtual, o autocontrole também é bem menor. Se numa discussão cara-a-cara as pessoas precisam tomar mais cuidado com as palavras e com a postura em geral, por estarem fisicamente expostas à(s) outra(s), na relação virtual, é mais fácil o sujeito depor sua máscara social e deixar de lado as regras de polidez e cortesia, já que, se ninguém sabe quem está por trás da tela, não há exposição ao constrangimento físico ou subjetivo (censura, vergonha, embaraço, humilhação). Assim, do mesmo modo que as pessoas se sentem mais livres para expor sua intimidade via *web* em razão da ausência dos constrangimentos físicos, elas também se consideram mais livres para abandonarem as regras de polidez e cortesia que orientam as interações face a face.

Esse é um aspecto que, claramente, opera contra a idéia de vitalização da esfera pública, pois facilmente pode-se passar da linguagem do discurso e da persuasão para a agressão. No entanto, existem outros aspectos que merecem ser considerados antes de tecer qualquer explicação, principalmente no que diz respeito ao sentido do termo “esfera pública”. Nesse tocante, a abordagem de Hannah Arendt pode oferecer-nos um bom parâmetro de reflexão acerca das comunidades do orkut.

O primeiro indicador estatístico sobre as comunidades, já apresentado na introdução, mostra que a maioria delas se enquadra na categoria “pessoas”, um tema do âmbito privado, relacionado à subjetividade. A categoria “política” sequer aparece na classificação, o que significa que possui menos de 3% de representatividade. Outro ponto é que grande parte das comunidades presentes nos perfis não se destina a nenhum tipo de discussão. Comunidades como “Eu odeio acordar cedo”, “Odeio dias chuvosos”, ou “Adoro viajar” são as mais freqüentes. Todas elas pertencem à ordem da estrita subjetividade, do sentimento de amor ou ódio por alguma coisa e, como tais, não geram discussão. Aqui é aplicada a máxima “gosto não se discute”.

Ademais, é possível notar que a maioria das pessoas participa de um número muito grande de comunidades (mais de uma centena). Fica claro que não seria possível participar de qualquer debate em mais de cem comunidades ao mesmo tempo. Principalmente porque a maioria dos temas que aglutinam comunidades não serve a esse propósito. Antes, parece destinada a afirmar a subjetividade dos indivíduos, a mostrar “quem eles são”.

- Você participa de quantas comunidades?
- Umas 115, por aí...
- E você costuma entrar com frequência em todas essas comunidades?
- Não, pra mim eu acho que isso só faz parte de você vender seu peixe, sua auto-imagem. Então, eu faço questão de mostrar um pouco quem eu sou através das comunidades. Então eu mostro se eu gosto de MPB, se eu gosto de... normalmente é em relação à música. Mas também em relação ao cinema, que é algo que me interessa, posição política, seriam fragmentos do meu mundo, do meu universo, então as comunidades criam um espelho do que eu sou um pouco.
- Mas você chegou a entrar em alguma comunidade com o objetivo de participar, debater?
- Participar e debater, não. A finalidade é compor como um mosaico de tudo o que eu gosto e de tudo o que eu gostaria de dizer pras pessoas, por exemplo. Eu não coaduno com racismo, homofobia, violência, então pra mim é como participar de certas bandeiras políticas, eu não participo do debate, mas o fato de eu fazer parte dali, mostrar pros meus amigos, demonstra que tenho um certo posicionamento político com a vida, com certas questões. (*Lúcia, 32 anos)

Embora Lúcia afirme que sua participação nas comunidades evidencia um posicionamento político, o simples fato de ostentar a comunidade como uma bandeira não configura uma atitude política no sentido de Hannah Arendt. A entrevistada deixa claro que sua participação nas comunidades políticas serve ao propósito de dizer quem ela é, logo, está informada por critérios privados, não-pertencentes ao mundo comum. Quando Arendt escolhe Sócrates como base para discutir a capacidade de pensar, ela busca também reconstruir um tipo de pensamento e uma concepção do “eu” afins à vida pública, que possuem como fundamento a alteridade, a publicidade e a multiplicidade de pontos de vista. O pensamento dialógico informa-nos que para constituir nossa singularidade precisamos exercitar constantemente a capacidade de colocarmo-nos no lugar do outro, de considerar as opiniões alheias. A noção arendtiana de personalidade alude a uma atualização constante de nossa singularidade por meio do exercício da capacidade de pensar, que compele ao espaço da visibilidade do mundo. A atividade de pensar exige reflexão e juízo autônomos no domínio público, no qual aparecemos sempre como cidadãos. É aí que o mundo se revela de forma única para cada ser humano pensante e as

idéias dos indivíduos se tornam reais. Por isso o exercício da atividade de pensar na pluralidade é capaz de criar um espaço, um componente político.

A singularidade dos indivíduos deve manifestar-se no espaço da visibilidade, do “quem somos” na esfera da ação, e não no âmbito privado. Nesse sentido, a liberdade humana é entendida não como horizonte das experiências interiores, mas, ao contrário, como um espaço do exercício das qualidades públicas. O cultivo da condição humana envolve a capacidade de liberar-se das condições subjetivas privadas, ou seja, das idiossincrasias que informam nosso ponto de vista particular, o qual não deixa de ser legítimo desde que permaneça como opinião privada. Para a autora, o encanto e a satisfação exclusivos com as realizações pessoais e com o consumo material demonstram não só o empobrecimento de nossa capacidade de imaginar, mas o aniquilamento de nossa capacidade de apreciar algo que não esteja relacionado a interesses particulares.

Nesse sentido, as relações manifestas no orkut seguem claramente a tendência já delineada por Arendt de que a intimidade se torna o lugar da afirmação da diferença e da personalidade na sociedade moderna de massas. E, nesse sentido, uma tendência muito próxima àquela já vislumbrada por Simmel ao tratar do indivíduo na grande metrópole, isto é, da esfera privada como âmbito no qual se recolhe o espírito, a personalidade e os sentimentos. Caso deseje saber quem eu sou, veja minhas comunidades e os depoimentos que meus amigos escrevem para mim. Caso deseje saber como é a minha vida, quais são minhas atividades e relações, veja minha lista de amigos e meu quadro de recados. Dessa forma poderá ter uma idéia de minha personalidade, do quanto sou querido, do que faço, dos lugares que frequento. Minhas relações pessoais estão ali expostas e dizem muito sobre meu “eu”. A exibição de uma vida pessoal intensa fornece a gratificação, o prêmio da popularidade. Ao contrário do mundo antigo, onde a fama era conquistada pelo reconhecimento das qualidades políticas dos homens, isto é, de sua capacidade de discurso e persuasão, agora são as qualidades essencialmente privadas que fazem sua popularidade. No entanto, quem possui mil amigos e participa de centenas de comunidades não será capaz de estabelecer uma comunicação profunda. Nesse caso, a quantidade parece substituir a qualidade dos vínculos e embora as pessoas se comuniquem frequentemente pela rede, essa comunicação é efêmera, superficial, algo que não requer mais do que três linhas. Se o

assunto demandar maior profundidade, outro meio será provavelmente escolhido para o diálogo.

O objetivo maior dos contatos parece ser a própria conexão e sua manutenção, bem como o estabelecimento de novas relações, ou seja, manter-se na rede ou fazer parte dela busca a sensação de estar conectado. Se o indivíduo não possuir isso, pode não se sentir parte do mundo, criando uma idéia de isolamento.

“Quando o pessoal do meu trampo começou a fazer amizade, todos perguntaram: ‘você tem Orkut?’ e foram um adicionando o outro; quando eu disse que não tinha orkut, quer dizer, que tinha saído, todo mundo me olhou com cara estranha, tipo, qual é a desse cara, o que ele tem pra esconder, como se eu fosse esquisito por não ter orkut.” (*Luís, 31 anos)

Ao fim e ao cabo, além da comunicação, há um forte elemento de afirmação do “eu” a partir das qualidades privadas. Essa idéia fica ainda mais clara se observarmos a dinâmica da participação nas comunidades. Como já foi dito, a maioria dos usuários observados participa de mais de cem comunidades. Na comunidade chamada “Tenho mais comunidades que amigos” (421.083 participantes), as pessoas pedem que os participantes as adicionem como amigos, de modo que essa diferença diminua um pouco.

Na verdade, a questão da participação nas comunidades é um pouco mais complexa do que isso. Algumas nuances sutis podem passar despercebidas, caso não se detenha o olhar nos detalhes de sua dinâmica. Na comunidade “Eu adoro entrar em comunidades” há uma enquete com a seguinte questão: “Você participa de todas as comunidades que entra?”. Do total de 493 votos, 40% disseram que participam. Esse é um dado importante que poderia concorrer como um indício de invalidade de nossa idéia acerca da participação nas comunidades do orkut. No entanto, observando mais atentamente, é possível perceber que a participação nas comunidades continua seguindo a mesma lógica da participação no site. Um comentário feito nesse tópico é bastante ilustrativo do que estamos dizendo: “Não consigo (ficar um dia sem entrar no orkut)... confesso... e o pior é quando dou uma opinião em alguma comunidade, pois fico querendo saber se alguém respondeu, o que achou...”. Esse comentário mostra que a participação aqui possui tonalidades narcisistas. A motivação

parece ser chamar a atenção, agradar os colegas com o comentário feito, muito mais do que a preocupação com o tema discussão. ‘Será que alguém leu o que escrevi’, ou ‘o que as pessoas pensaram a respeito disso’ são preocupações narcisistas que não superam o âmbito das questões privadas.

Ora, se essas comunidades não servem ao propósito da discussão, por que fazer parte delas? Mantida essa linha de raciocínio, fica clara a resposta à pergunta feita é: para dizer quem se é, para definir e afirmar a própria personalidade e, assim, realizar o exercício constante de construir a própria identidade. Nada mais prático e adequado num mundo de “identidades líquidas”: as possibilidades de criação e recriação constantes, de hoje ser uma coisa e amanhã ser outra, de vestir uma pele e despi-la sem sentir remorsos por isso, de conversar hoje sem ter a obrigação de conversar no dia seguinte, de estabelecer e romper conexões quando isso for desejado. Conforme Bauman (2005), o modo consumista de ser implica a necessidade de satisfação instantânea; ao mesmo tempo, sugere que o único valor, a única utilidade das pessoas é proporcionar satisfação aos(as) outros(as). Pessoas e relações enjoam quase do mesmo modo que as coisas consumidas diariamente. Elas não foram feitas para durar. O rompimento de um relacionamento passa a ser visto como algo tão inevitável quanto a própria morte. “Que seja eterno enquanto dure” é o lema do amor moderno. Esse modo reduzido de relacionar-se, menos importuno, ajusta-se a todo o resto – ao líquido mundo moderno das identidades fluidas, o mundo em que o aspecto mais importante é acabar depressa, seguir em frente e começar de novo. Como se vê, esse não é um atrativo qualquer.

“... o que eu acho interessante (no orkut) é você poder estabelecer contatos rápidos, então se você não tem vontade de conversar com uma pessoa por telefone, ou pessoalmente, ou escrever um e-mail, você pode passar um recado via Orkut, por exemplo, desejar um feliz aniversário pra uma pessoa com quem você não tem tanto contato, então você não vai escrever um e-mail pra ela e você não vai ligar, mas você gostaria de parabenizar, então isso é possível, é um tipo de comunicação que é mais impessoal do que um e-mail ou um telefonema”. (*Lúcia, 32 anos)

Dessa forma, o orkut não só criou um meio de comunicação rápido, mas engendrou uma forma de sociabilidade cômoda. Como fica claro na abordagem de Goffman, as

interações sociais cara a cara demandam um grande esforço e um gasto de energia para que seja possível a alguém preservar a face. Simmel também nos mostrou que o indivíduo na grande cidade aprende a desenvolver certas atitudes defensivas para preservar-se do excesso de estímulos e de contatos. O orkut promove uma sociabilidade cômoda porque permite reduzir consideravelmente esse gasto de energia nas interações sociais. O esforço de preservação da face ainda existe, mas é, em grande medida, suavizado. Por intermédio do orkut, é possível manter uma rede de contatos composta por centenas de amigos. Se, na grande metrópole, o indivíduo poderia sentir-se atordoado com tamanho estímulo, na rede, ele tem meios de conciliar a sociabilidade intensa, com certa proteção. Uma discussão interessante a esse respeito é realizada por Kenneth Gergen no livro *The Saturated Self* – “O Eu Saturado”, sem tradução para o português (1992). Ao examinar sua própria vida e a história recente, Gergen conclui que as mudanças tecnológicas do último século produziram uma mudança radical nas formas de relacionamento. Como resultado do desenvolvimento tecnológico, que compreende rádio, transporte, televisão, telefone, transmissão via satélite e, finalmente, computadores, ficamos expostos a uma enorme quantidade de estimulação social. Dessa forma, comunidades pequenas e duráveis foram gradualmente sendo substituídas por uma vasta e crescente gama de relacionamentos. Gergen procura demonstrar como esse massivo aumento da estimulação social, que chega a um estado de *saturação*, funda as bases das mudanças em nossa experiência cotidiana do eu e das relações, bem como instaura o relativismo na esfera acadêmica. Isso porque a saturação social, isto é, a exposição maciça a múltiplos pontos de vista, torna difícil definir o que é bom ou verdadeiro, já que não há mais suportes confiáveis e homogêneos para nossas crenças e valores.

Há poucas décadas, a maioria dos relacionamentos ainda era face a face. Para quem cresceu em uma cidade do interior, a cada saída de casa, quase todos os rostos encontrados eram conhecidos ou, ao menos, familiares. A questão é que não se tinha contato com tanta gente. Hoje, ao contrário, mesmo uma pessoa que viva em uma cidade pequena pode estar saturada pelas relações sociais. E a tecnologia tem papel fundamental nesse processo. Basta calcular com quantas pessoas falamos em um dia, por telefone, e-mail, mensageiro instantâneo ou de outra forma. É possível argumentar que essa realidade não se aplica à grande maioria dos brasileiros, ainda não possuidora do acesso a essas tecnologias.

Segundo estudo feito pelo instituto de pesquisa de mercado americano eMarketer⁴⁰, a população de usuários da Internet no mundo atingiu a marca de 1 bilhão, no final de 2005. 845 milhões de pessoas utilizam a rede com regularidade e 175 milhões possuem acesso via banda larga. No entanto, as desigualdades nesse âmbito, apesar do crescimento exponencial, ainda são significativas. Os dados demonstram que o acesso é ainda bem maior nos países desenvolvidos. Os Estados Unidos despontam na liderança com 209 milhões de usuários, seguidos pela China, com 123 milhões. No entanto, a América Latina é a região do mundo que apresentou maior crescimento em usuários, 70,7% entre 2004 e 2005, de acordo com a pesquisa. Dentro dos países, a desigualdade social, racial, sexual, etária e geográfica também é grande ainda. Porém, a Internet tem tido um índice de penetração mais veloz que qualquer outro meio de comunicação na história: nos Estados Unidos, o rádio levou trinta anos para chegar a sessenta milhões de pessoas; a TV alcançou esse nível em quinze anos, enquanto a Internet levou apenas três. O restante do mundo ainda não alcançou os países desenvolvidos, mas o acesso à Internet tem se ampliado substancialmente em todos os continentes, principalmente nos grandes centros metropolitanos.

⁴⁰ A pesquisa chamada “Worldwide Online Access: 2004-2010” pode ser acessada pelo site: http://www.emarketer.com/Report.aspx?bband_world_jun06.

#	País	Usuários da Internet (milhões)	População (milhões)	Adoção da Internet	Fonte
1	United States	209	299	70 %	Nielsen//NR
2	China	123	1.306	9 %	CNNIC
3	Japan	86	128	67 %	eTForecasts
4	Germany	51	83	61 %	C.I.Almanac
5	India	40	1.112	4 %	C.I.Almanac
6	United Kingdom	38	60	63 %	ITU
7	Korea (South)	34	51	67 %	eTForecast
8	Italy	31	59	52 %	ITU
9	France	30	61	48 %	Nielsen//NR
10	Brazil ⁴¹	30	188	16 %	eTForecasts
TOP 20 Countries		836	4.064	19.9 %	IWS
Total World - Users		1,076	6,499	15.7 %	IWS

Fonte: <http://www.internetworldstats.com> e institutos diversos

⁴¹ Pesquisa do Ibope indicou que o total de pessoas com mais de 16 anos com acesso à internet em qualquer ambiente (casa, trabalho, escolas, universidades e outros locais) era de **39 milhões em Set/07**. Eram 36,9 milhões em Jun/07 e 32,5 milhões em Jun/06. 6 milhões de pessoas que acessam a internet exclusivamente de locais públicos pagos ou gratuitos.

É notório, portanto, que o acesso vem se expandindo no Brasil e em outros países em desenvolvimento. Existem inúmeros projetos de inclusão digital dedicados a ampliar esse acesso. Porém, é outra a questão que se pretende discutir aqui, embora essa seja de grande importância. O ponto é que, como toda tecnologia que adere à vida das pessoas, vide o rádio, o telefone e a televisão, é fato que os computadores a cada dia fazem mais parte do cotidiano, e é isso que nos importa aqui.

É inequívoco, no mais, que tais mudanças reverberem na cultura. De repente, é possível notar que algo se perdeu e que não pode mais ser recuperado. Surge a sensação de deslocamento. Com a crescente saturação da cultura, todas as concepções prévias sobre nós mesmos e nossos relacionamentos começam a ruir; modos tradicionais de estabelecer contatos passam a não nos servir mais, tornam-se antiquados. Quem não pode, ou não quer fazer parte dessa corrida, ficará excluído. Você não tem celular, nem computador? Sinto muito, nosso contato será restrito às contingências do destino. No mínimo, as pessoas acharão estranho que alguém não queira fazer uso dessas tecnologias. “Que pessoa antiquada”, pensam. E quem de fato não pode participar desse mundo é fadado a engrossar as fileiras daquela nova categoria denominada de “os excluídos digitais”, que nada mais são do que os excluídos de todo o resto.

Um típico cenário da vida contemporânea é descrito por Gergen (1992), tendo por base sua própria experiência: caixa lotada de e-mails, secretária eletrônica cheia de mensagens, cada um de seus amigos morando em um país, ou passando a maior parte do tempo em aeroportos, falando mais em seus celulares do que pessoalmente. Obviamente, esse é um cenário muito mais usual para as classes média e alta. No entanto, não há como negar que esse fenômeno, denominado por Gergen de *saturação social*, é uma tendência crescente, que se propaga mundialmente. Caracterizada, segundo o autor, por uma imersão ainda mais profunda no mundo social, essa saturação nos expõe cada vez mais às opiniões, valores e estilos de vida dos outros. A tese central do autor é que tal imersão nos impele a um novo tipo de consciência, emergente desde o início dos anos 70. De acordo com seu ponto de vista, os desenvolvimentos tecnológicos, principalmente no campo da comunicação, são fundamentais para entender a mudança dos ideais romântico e moderno

do eu. As chamadas *tecnologias de saturação social* são, com efeito, pontos-chave do esmaecimento contemporâneo do eu individual (*individual self*). O “povoamento do eu” é caracterizado pela infusão de múltiplas identidades parciais no “eu” mediante o uso dessas tecnologias. Esse processo conduz, por sua vez, ao que ele denomina de “*condição multifrênica*” (Gergen, 1992).

Mais concretamente, a questão é que o desenvolvimento tecnológico possibilitou uma enorme proliferação dos relacionamentos. Essas mudanças, divididas em duas etapas - baixa e alta tecnologia - são as seguintes: 1) baixa tecnologia: as estradas, os serviços postais, o automóvel, o telefone, o rádio, o cinema e os livros impressos; 2) alta tecnologia: aviões, televisão e a tecnologia da informação (computadores e seus acessórios). Com o surgimento do rádio e do cinema, por exemplo, os estilos de vida, os maneirismos, as opiniões, as expressões faciais e formas de relacionamento não mais permaneceram confinados à audiência imediata. A televisão, por sua vez, ocasionou um crescimento exponencial dessa multiplicação do “eu” *ad infinitum*. Dessa forma, Marilyn Monroe e James Dean podem eternamente conviver conosco, desde que alugemos um de seus filmes na locadora mais próxima. Portanto, conforme os relacionamentos passam a depender cada vez menos da presença palpável, o que é possibilitado pelos desenvolvimentos tecnológicos, é necessário estar preparado tanto para ter a vida inundada pelas figuras da mídia, como também para um paradoxal isolamento socialmente saturado.

Outro efeito dessa disseminação das identidades produzida pelas tecnologias é a própria massificação das identidades. Quando as celebridades se tornam referenciais, todos passam a comportar-se da mesma forma e desejar as mesmas coisas. Estamos cada vez mais padronizados embora conservemos a sensação de autenticidade. Nunca as pessoas foram tão iguais em suas diferenças. Como diz Gergen, os retratos pintados pela mídia podem ser tão fortes que, para muitos, acabam tornando-se mais reais do que a própria experiência⁴².

⁴² Neste ponto é possível retomar a leitura de Simmel do indivíduo da grande cidade que busca assegurar sua autenticidade nas relações íntimas e no comportamento excêntrico que adota na vida pública. De acordo com Gergen, a “condição multifrênica” atual, embora crie uma ilusão de autenticidade para o indivíduo que se espelha nas celebridades, aponta justamente para a massificação das identidades, cada vez mais iguais.

Se, há um século, os relacionamentos eram praticamente delimitados por uma distância que pudesse ser percorrida a pé e não perduravam caso alguém se mudasse da comunidade, hoje, o número e a variedade de relações que é possível possuir, a potencial frequência de contato e sua intensidade e duração estão, ao ver de Gergen, aumentando ao ponto da saturação. Em apenas uma tarde em frente à televisão, centenas de rostos insinuam-se em nossas vidas. Não é mais a comunidade imediata que ocupa nossos pensamentos e sentimentos, mas uma gama de personagens em constante mudança. Além dos personagens da mídia, muitos dos quais fictícios, há os personagens do mundo virtual, ou seja, os “amigos virtuais”, que embora assim designados, não deixam de ter uma existência real. Com efeito, além das centenas de rostos vistos na TV, há centenas de rostos vistos no orkut. A diferença é que, com esses últimos, o indivíduo interage, constrói uma sociabilidade que, no mais, reverbera na própria constituição e recriação do seu “eu”.

No entanto, reitera o Gergen, se, por um lado, tempo e distância não são mais ameaças sérias aos relacionamentos e eles podem expandir-se com todo o estímulo das tecnologias disponíveis, por outro, a saturação provocada por esse excesso de relações acaba sendo fonte de estresse para as pessoas. Como cultivar tantas amizades, dar a atenção necessária a cada um dos inúmeros amigos? Será que apenas uma mensagem no celular, ou um e-mail (o que o escasso tempo me permite) é suficiente? No entanto, afirma o autor, por incrível que pareça, a tecnologia pode intensificar o nível de emoção dos relacionamentos. Isso porque os relacionamentos estáveis, de longa data, tendem a normalizar-se. Troca-se a intensidade pela estabilidade. Nas relações fluidas, ao contrário, é possível lidar com a intensidade na medida em que não há permanência. Pois então, que seja eterno (ou intenso) enquanto dure. Essa é a grande lição que os relacionamentos contemporâneos ensinam. A “sociabilidade cômoda” existente no orkut, apesar de permitir um maior conforto nas interações, pelos motivos já expostos, de facilitar os contatos, as relações fluidas e efêmeras, e promover uma comunicação rápida, não deixa de mobilizar emoções intensas. Isso parece estar em contradição com a fala de uma das entrevistadas:

“Eu entrei na primeira vez porque foi uma novidade, eu tinha acabado de voltar de Londres, e eu me sentia assim por fora do que estava acontecendo aqui, queria reatar algumas amizades, então, a primeira vez que entrei foi mesmo pra reatar um vínculo com

meu círculo de amigos. Só que aconteceu de eu passar por uma fase difícil da minha vida, eu entrei em depressão, e percebi que aquelas relações que eu tinha, aqueles “supostos amigos” do orkut, não eram realmente, não faziam parte da minha vida, que eram relações frias”. (*Lúcia, 32 anos)

Em alguns momentos, é possível que as relações virtuais “saturadas” sejam sentidas como “frias” e isso vai ao encontro do que Gergen denominou de “paradoxal isolamento socialmente saturado”. No entanto, se o excesso de relações às vezes dificulta que se dispense uma atenção profunda para cada amigo, por outro lado, não evita a possibilidade de uma relação intensa⁴³. Em outro trecho, a mesma entrevistada relata que foi por intermédio do orkut que ela começou a namorar e como a rede foi palco dos conflitos que levaram ao fim do relacionamento. E em todos os momentos dessa relação, a dramaticidade fica evidente:

“Uma coisa que esqueci de dizer em relação a minha primeira entrada no orkut é que, quando eu decretei meu orkuticídio, ninguém notou, ninguém me procurou, então realmente fez sentido mesmo. Eu estava sofrendo, estava muito mal e ninguém notou, apenas uma pessoa notou e essa pessoa foi meu ex-namorado, que na época ainda era apenas um amigo do orkut, e me mandou um e-mail dizendo: “nossa, está faltando uma carinha, o que aconteceu com você?” E foi a partir daí que eu estabeleci um relacionamento com ele, porque ele foi a única pessoa que notou que eu havia saído do orkut. Então, não sei se as pessoas se importam muito com isso, o grau de envolvimento emocional é muito pequeno”.

Ela qualifica as relações que possuía no orkut como “frias” porque ninguém notou sua saída da rede, mas ao mesmo tempo, a própria saída foi o motivo que a levou a estabelecer um vínculo profundo mais tarde, além de ser o estopim ou palco para crises vivenciadas na relação:

-- Você já teve algum problema por conta do orkut?

-- Já, no âmbito afetivo. Essa pessoa que eu me relacionei por três anos eu conheci via orkut, estabeleci uma relação real, um namoro, mas ele continuou, eu havia decretado meu orkuticídio e ele me procurou por isso, esse foi o pretexto que ele usou pra se aproximar. A partir daí, do orkut, nós estabelecemos uma relação via e-mail. Via e-mail, depois telefone,

⁴³ Nicolaci-da-Costa (1998), Costa (2001) e Peris *et al* (2002) mostram como os relacionamentos virtuais podem ser solidários, profundos e intensos. Para maiores detalhes, vide bibliografia.

até que finalmente nós tivemos um namoro. Mas eu não tinha mais orkut e ele tinha. E ele se relacionava com meninas, tinha uma postura ali como se não namorasse. (...) Então eu tive crises enormes em função de ciúme. Até um ponto em que ficou insustentável porque eram muitas brigas e que ele resolveu sair. De alguma forma ele foi pressionado por mim, mas ele viu que se ele continuasse, ele não conseguia agir diferente, não conseguia ter uma postura de tratar com frieza, ou apenas desejar um abraço, não. Então ele viu que ele precisava sair pra manter o relacionamento real que ele tinha.

Essa fala, além de evidenciar os conflitos que ocorrem em razão da transposição da vida privada para o âmbito público, mostra o oposto de uma relação “fria”; é permeada por emoções intensas, como ciúme, desejo, raiva, frustrações. Lúcia afirma que o ex-namorado era incapaz de tratar as amigas com frieza, e postula essa atitude como a motivação para a saída dele do orkut. Nesse caso, o estresse não foi gerado pela “saturação”, mas sim pelo fato de que, pela rede, Lúcia via a forma como o ex-namorado tratava as amigas e não conseguia suportar isso. Algo que antes ficava escondido, ou que até podia ser disfarçado, se tornou público, evidente, não só para ela, mas para toda uma rede composta de amigos e espectadores.

Outra dimensão importante apontada por Gergen acerca dessa condição *multifrênica* é o conflito vivenciado pelas pessoas, em função da pluralidade de vozes que falam ao “eu”, ou seja, dos muitos valores que devem ser seguidos e que inevitavelmente acabam criando a sensação de conflito interno. As pessoas ouvem que devem ser práticas, mas empáticas, compreensivas, porém firmes, entre tantos outros exemplos. Como afirma o autor, nenhum valor em si mesmo reconhece a importância da qualquer outro valor alternativo. Não há mais uma única verdade: muitos pontos de vista concorrem pelo status de verdade em nossa condição multifrênica (Gergen, 1992).

Essa condição multifrênica, saturada, fica mais clara quando comparada com a situação presente em épocas anteriores. Os cientistas modernos, por exemplo, acreditavam na existência de um mundo objetivo e cognoscível, bem como na possibilidade de alcançar a verdade sobre esse mundo. Na vida cotidiana, também se acreditava na existência de “eus” cognoscíveis. Todo indivíduo deveria possuir uma personalidade ou um caráter básico e essa essência mostrar-se-ia na maioria dos relacionamentos. Caso contrário, a

pessoa seria considerada uma impostora, uma fraude, possivelmente neurótica, ou desonesta (Gergen, 1992, p.83). Como nos diz Gergen, o senso de objetividade é uma conquista social (Ibid., p.84), atingida a partir de uma coalizão de subjetividades. Se, como ocorre agora, essa coalizão não é atingida, começa a surgir um crescente senso de dúvida sobre a objetividade de qualquer posição. Então, o que garante que uma teoria seja aceita como certa e outra descartada como errônea? Isso dependerá de questões sociais como poder, negociação social e prestígio, dirá o autor. Não há fatos prontos no mundo para serem descobertos, mas, sim, diferentes perspectivas sociais que aceitam ou não os fatos. Termos como razão, emoção e depressão, só fazem sentido porque há um compartilhamento de seus sentidos, um pacto social que aceitou a verdade de sua existência e que, por isso, não fariam sentido alguns séculos atrás. A questão do poder define o que é tido como verdade e transmitido como conhecimento pelo sistema educacional.

Os filósofos nunca foram capazes de justificar a distinção entre o mundo real e o mundo da experiência, nem a existência de um mundo real independente da experiência. Entretanto, já não é possível sustentar, como no século XVII, que a mente é um espelho interno do mundo exterior. Por que deveria ser assumido que há um mundo interno do eu, privado e isolado, que pensa, fala, conhece e se expressa por palavras? Na verdade, a idéia de que as pessoas expressam sua subjetividade por meio de palavras é algo típico da cultura ocidental. A partir daí é que se pode falar de suas “intenções”, “motivações” ou “inspirações”. A idéia de tentar compreender o que “realmente alguém quis dizer”, ou algo que estava “por trás da atitude”, é típica dessa configuração cultural, que acredita na possibilidade de identificar um estado interior. No entanto, para a exposição dos sentimentos próprios, é necessário usar a língua, os códigos partilhados, que são públicos. Os indivíduos não são, com efeito, os agentes intencionais de suas próprias palavras, convertendo, privada e criativamente, pensamentos em sons e inscrições. Ao contrário, eles adquirem seu status de “eu” tomando uma posição dentro de um sistema pré-existente de linguagem. Assim, a distinção entre sujeito e objeto, mente e mundo se deteriora; a afirmação de que as palavras são sinais exteriores de significados internos perde sentido e o indivíduo gradualmente desaparece no turbilhão da vida comunitária.

A vida atual tem como elemento central a dissolução da “essência das coisas”, tal como estava presente no modernismo. Torna-se difícil demarcar com precisão os limites de conceitos como público e privado, por exemplo, cujas fronteiras deixam de ser rigidamente delimitadas. Da mesma forma, no mundo das artes, da música e mesmo na academia, a tendência é a hibridação, a mistura de gêneros diversos. As categorias tradicionais da vida cultural tornam-se confusas e os limites indistintos. Assim, Gergen propõe que até mesmo as fronteiras entre o “eu” e os objetos começam a esmaecer, fazendo com que o indivíduo perca sua integridade. Afinal de contas, com tantas perspectivas, como é possível saber quem sou eu? Acabaram-se as grandes verdades, restam as diferentes linguagens, os diferentes pontos de vista, as construções sociais, sempre mutantes. Máquinas funcionando dentro de corpos humanos, máquinas inteligentes, inteligência artificial e fabricação da vida são questões deste tempo. Se existem múltiplas vozes, cada uma proclamando uma realidade diferente, qual delas deve ser privilegiada? Se, por exemplo, a distinção entre feminino e masculino não reflete mais uma realidade palpável, ela torna-se desnecessária? Nesta era, o “eu” é definido não mais como uma essência, mas de forma relacional, de modo que os “eus” podem tornar-se manifestações das relações, colocando os relacionamentos na posição central antes ocupada pelo indivíduo no período moderno. Como fica claro pela observação do orkut, no momento em que o usuário entra no *site* e começa a construir o seu perfil, dá também início à atividade de definição e redefinição de seu “eu”, que ocorre não apenas no momento de montagem do perfil, mas também ao longo das interações. Assim, se as relações estiverem ocorrendo a contento, o perfil do usuário provavelmente refletirá um estado emocional de satisfação; no caso de as relações estarem “frias”, o perfil pode adquirir uma tonalidade triste, uma falta de movimentação e de vivacidade. No caso de Lúcia, o desejo de matar-se foi refletido em um “orkuticídio”. É possível, contudo, que algumas pessoas desejem esconder o real estado emocional em que se encontram; no entanto, como esse retrato do *self* está vinculado às interações, nem sempre lhe é possível separar-se de forma tão intensa da vivência real do indivíduo.

Nas comunidades tradicionais, em que as relações eram confiáveis, contínuas e cara-a-cara, um senso firme de identidade era favorecido. Além disso, havia forte concordância em relações a modelos de comportamento “certos” e “errados”. As pessoas podiam simplesmente “ser”, pois havia pouca oportunidade de ser diferente. Com a

saturação social, o modelo tradicional é rompido e as pessoas são empurradas para diferentes relacionamentos. O resultado é que não ocorre uma sólida confirmação da identidade, nem existem padrões confortáveis de ação. Com efeito, essa construção termina pautada por aquilo que existe de sobra, ou seja, os relacionamentos, as interações. Ainda que sejam sentidos muitas vezes como frios, ou possam ser avaliados como “voláteis e efêmeros”,⁴⁴ não excluem a possibilidade de se tornarem profundas e de fornecerem um importante subsídio para a constituição da identidade.

Ora, a tendência dominante na evolução das relações sociais nas sociedades contemporâneas é a ascensão do individualismo, sob todas as suas manifestações. De acordo com a sistematização de Castells (2003), após a transição da predominância de relações primárias (corporificadas em famílias e comunidades) para a de relações secundárias (corporificadas em associações), o novo padrão dominante parece fundar-se no que poderíamos chamar de relações terciárias, corporificadas no que ele denomina de “redes egocentradas”. Tal processo representa a privatização da sociabilidade: “o novo padrão de sociabilidade em nossas sociedades é caracterizado pelo individualismo em rede” (p.108). Castells vale-se de dados disponibilizados por Barry Wellman e pelo Internet and American Life Project (2000), para argumentar que a Internet é eficaz na manutenção de laços fracos, os quais de outra forma seriam perdidos no cotejo entre o esforço pelo envolvimento em interação física (inclusive telefônica) e o valor da comunicação. Sob certas condições, ela pode criar novos tipos de laços fracos, como as comunidades de interesse. A Internet parece também desempenhar um papel positivo da manutenção de laços fortes à distância, como entre membros de uma família que estejam distantes geograficamente, prossegue. Não só o e-mail fornece um instrumento cômodo para o relacionamento à distância, como torna mais fácil que a presença seja marcada sem que haja envolvimento em interações mais profundas, que exigiriam maior dispêndio de energia. “Mas o papel mais importante da Internet na estruturação das relações sociais é sua contribuição para o novo padrão de sociabilidade baseado no individualismo” (Castells, 2003, p.109), argumentará. Assim, não é a Internet que cria um padrão de individualismo

⁴⁴ Cf. BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

em rede, mas seu desenvolvimento fornece um suporte material apropriado para sua difusão como a forma dominante de sociabilidade.

No entanto, se há indícios suficientes de que o individualismo esteja restrito ao âmbito privado e não à esfera da visibilidade, para retomarmos o raciocínio de Hannah Arendt, isto é, se a singularidade dos indivíduos fica restrita à sua subjetividade, será que ainda é possível esperar da Internet uma ferramenta revolucionária para vitalizar a esfera pública? De acordo com Castells, essa esperança ainda existe, na medida em que a rede garante fácil acesso à informação política e permite que os cidadãos sejam quase tão bem informados quanto seus líderes. A interatividade torna-lhes possível solicitar informação, expressar opiniões e pedir respostas pessoais a seus representantes. Em vez de o governo vigiar as pessoas, as pessoas poderiam vigiar o governo – o que é de fato um direito delas, já que teoricamente o povo é soberano. Entretanto, a maioria dos estudos descreve um quadro melancólico – com a possível exceção das democracias escandinavas, afirma Castells (2003, p.128). Num mundo de crise generalizada de legitimidade política, e de indiferença dos cidadãos por seus representantes, poucos se apropriam do canal de comunicação interativo, multidirecional, fornecido pela Internet, de ambos os lados da conexão. Os políticos e suas instituições divulgam suas declarações e respondem burocraticamente – exceto em época de eleição. Os cidadãos não vêem muito sentido em gastar energia em indagações políticas, exceto quando atingidos por um evento que desperte sua indignação ou afete seus interesses pessoais. A Internet não pode fornecer um conserto tecnológico para a crise da democracia, pontua o autor (Ibid., p.129). O problema da política existe antes da Internet, logo, é temerário esperar que ela o resolva. Contudo, ao nivelar relativamente o terreno da manipulação simbólica, e ao ampliar as fontes de comunicação, de fato ela contribui para a democratização, acredita o autor, na medida em que põe as pessoas em contato numa ágora pública, para expressar suas inquietações e partilhar suas esperanças. É por isso que o controle dessa ágora pública pelo povo talvez seja a questão política mais fundamental suscitada pelo desenvolvimento. (Castells, 2003, p.135).

Na comunidade do orkut “Fora Lula” (178.649 membros), calculamos quantas postagens são publicados em média por dia e quantos comentários são feitos em cada

postagem. Tendo por base que a comunidade se destina a criticar o atual governo Lula, todos os tópicos propostos de alguma forma estão relacionados a esse propósito e, mais amplamente, a uma discussão de cunho político. O resultado foi o seguinte: em média, são publicados 136 tópicos por dia, sendo que cada tópico possui, por sua vez, a média de 11 comentários. Embora, como dissemos antes, não haja regras claras para orientar a configuração do debate, bem como exista a falta de igualdade no direito de expressar opiniões, é expressivo o volume de discussão presente na comunidade. No entanto, é mister lembrar que aos opositores é concedido o direito de dizerem o que quiserem, sem nenhuma exigência de respeito para com os defensores do governo, enquanto estes, sim, devem medir suas palavras caso desejem expor seu ponto de vista. Essa é uma postura contrária à configuração de qualquer debate. Os “Fora Lula” agem como se estivessem em sua própria casa, isto é, em uma esfera privada, onde podem insultar e se comportar como bem entenderem, mas, que ao mesmo tempo, é um local que deve ser respeitado por qualquer visitante. Ora, se, por um lado, nos ativermos à definição do que é público, não é possível associar esse espaço à idéia de ágora ou esfera pública. Por outro, como afirma Castells, se levarmos em consideração que ali é concedido um espaço para discussão e expressão de idéias que concernem a preocupações coletivas, pode-se considerar que há, no mínimo, um aporte para o fortalecimento da política.

Seria anacrônico esperar que os espaços virtuais funcionassem tal qual a ágora no sentido clássico. Entretanto, ao tomarmos a noção de público no sentido arendtiano, não esperamos reconhecer na contemporaneidade um reflexo de formações antigas, mas, sim, ter um parâmetro teórico sem o qual não é possível tecer qualquer discussão. Assim, quando afirmamos que os membros da comunidade “Fora Lula” se comportam como se estivessem na própria casa, ou seja, na esfera privada, é feita referência a uma postura que *de facto* prejudica a configuração de um debate, independentemente do apego a qualquer rigidez conceitual.

Assim, se concordamos com Castells quando este diz que o papel mais importante da Internet na estruturação das relações sociais é sua contribuição para o novo padrão de sociabilidade baseado no individualismo, não podemos esperar desses novos espaços de discussão virtual o milagre da ressurreição da esfera pública. Embora, de algum modo, eles

engendrem discussões políticas, o cenário atual transformou a concepção e a vivência da esfera pública. Retomando o raciocínio de Helena Béjar, não se pode esquecer que muitas utopias que apregoavam um modelo melhor de sociedade perderam sua força. Esta e outras questões dificultam, indubitavelmente, a participação do indivíduo nos empreendimentos coletivos.

Além disso, e esse é o tema da discussão do último capítulo, em muitos sentidos, o individualismo significou a libertação em face das tradições e o acesso a uma autonomia real em relação às grandes estruturas de sentido. No entanto, como bem pontua Gilles Lipovetsky⁴⁵, isso não significa nem que desapareceu todo o poder sobre os indivíduos, nem que se adentrou um mundo ideal, sem conflito nem dominação. Os mecanismos de controle não sumiram, eles só se adaptaram, tornando-se menos reguladores, abandonando a imposição em favor da comunicação (p.20). Assim opera o processo de personalização, com um mínimo de sujeição e o máximo possível de escolhas privadas.

⁴⁵ Cf. CHARLES, S. Comte-Sponville, Conche, Ferry, Lipovetsky, Onfray, Rosset: *É possível viver o que eles pensam?* São Paulo, Editora Barcarolla, 2006.

4. Capítulo 3 – A sociabilidade no Orkut – privacidade, poder, saber e controle.

Como procuramos demonstrar, o direito à privacidade, motivo de preocupação nos dias de hoje, não existiu desde sempre. Contudo, para além de sua existência formal como conquista da modernidade, uma sutil dialética entre revelação e ocultação é algo inerente à vida social, como mostrou Georg Simmel⁴⁶. O elemento variável é, na verdade, o grau em que essa dialética está presente em cada cultura e, numa mesma cultura, em diferentes momentos da história. Irwin Altman define-a como *“processo de controle dos limites pelos quais os homens se mostram às vezes abertos e acessíveis aos demais e outras vezes se fecham a seus semelhantes.”*⁴⁷ Barrington Moore apresenta-a como *“as barreiras contra a intrusão e formas para delimitar uma sociabilidade não desejada”*⁴⁸. Como é possível depreender do que é dito a respeito, o significado da privacidade sempre esteve ligado à idéia de separação entre a existência pública e a existência privada de cada indivíduo.

A privacidade seria, portanto, uma esfera culturalmente variável, na qual o indivíduo busca refúgio para fugir de uma sociabilidade frequentemente sentida como excessiva. Está intimamente ligada à noção de individualidade, na medida em que surge da percepção da separação existente entre o eu e o mundo e se constitui como o refúgio desse “eu” que deseja isolamento. Relaciona-se também ao desenvolvimento da subjetividade e é percebida como o lugar onde o indivíduo pode cultivar seu potencial, sua liberdade e sua diferença em relação à massa; com efeito, a privacidade só poderia fazer sentido numa sociedade democrática, urbana e industrializada. Contudo, para que seja uma prática social, tem de ser legitimada ideológica e institucionalmente. A privacidade como direito está relacionada à admissão de certa imunidade das pessoas, com a aceitação de que, antes de tudo, elas são seres singulares, indivíduos. Como já dissera Ferdinand Tönnies⁴⁹, esse

⁴⁶ SIMMEL, G. “As grandes cidades e a vida do espírito [1903]”, trad. Leopoldo Waizbort, Mana, 11(2), 2005, pp. 577-91.

⁴⁷ ALTMAN, Irwin. Privacy Regulation: Culturally Universal or Culturally Specific?, The Journal of Social Issues, Vol. 33, 1977, p.67.

⁴⁸ MOORE, B. Jr. Privacy - Studies in Social and Cultural History. Armonk, New York: M. E. Sharpe. 1984, p. 6.

⁴⁹ TÖNNIES, F. Comunidad y asociación: el comunismo y el socialismo como formas de vida social. Barcelona: Ediciones Península, 1979.

reconhecimento só pode ocorrer em condições de *Gesellschaft*. Só a sociedade moderna permite o desenvolvimento sistemático da privacidade como prática, como ideologia e como direito. Dessa forma, a busca por um espaço próprio faz sentido somente quando o indivíduo passa a ser considerado uma entidade singular e única, como algo que está acima da comunidade,. Tal como mostrado pelos pais da sociologia, a dissolução da sociedade tradicional traz consigo as condições necessárias para o desenvolvimento do individualismo: a urbanização, a separação entre o lar e o lugar do trabalho, a nuclearização da família e o enfraquecimento da autoridade religiosa, entre outras características, e, com isso, a privacidade torna-se um valor moral na sociedade moderna (em especial nas sociedades com desenvolvimento capitalista mais avançado). No entanto, o recolhimento do indivíduo em uma esfera própria, ao abrigo da balbúrdia da vida coletiva, engendra a ameaça de seu distanciamento da esfera pública. Tal tendência, já vislumbrada pelos teóricos da modernidade, parece ter se acirrado no momento atual. O indivíduo contemporâneo não é um ser ativo que busque o desenvolvimento integral no abrigo da privacidade, enquanto planeja a participação na vida pública, mas, como afirma Helena Béjar (1988), um sujeito narcisista que encara todo contato com descrença e profundo temor. A privacidade liberal, espaço de desenvolvimento de uma individualidade forte, parece ter se tornado refúgio da impotência.

No mais, as mesmas transformações responsáveis por seu surgimento na modernidade enquanto direito do indivíduo vêm acompanhadas de tendências que operam contra a própria privacidade, a qual, paradoxalmente, só é possível na sociedade moderna. Assim, o desenvolvimento do Estado moderno, sua progressiva burocratização e, sobretudo, as recentes mudanças tecnológicas, põem em perigo o espaço de soberania individual cuja defesa forma parte de nossa cultura. No entanto, a questão que pretendemos enunciar não se resume apenas à falta de privacidade acirrada pelo desenvolvimento tecnológico. Como afirma Foucault (2006), a ascensão do íntimo ao nível do discurso é algo que pode ser rastreado historicamente e que tem seu início já no século XVII. Desde então, o corriqueiro, o escondido da existência dos homens passou a ser dito, narrado, tanto na imprensa, como na literatura e em outros meios. O que o autor deseja mostrar com a

escavação das histórias “cinzas” dos “homens infames”⁵⁰ é a relação entre discurso, poder e verdade. Dessa forma, diz ele, por muito tempo no ocidente, a vida cotidiana só pôde ter acesso ao discurso, atravessada pela fábula e transfigurada como façanha heróica. Só assim se tornava dizível. Apenas a partir do final do século XVII é que o comum e o nebuloso ascenderam ao discurso e fizeram aparecer o que antes não aparecia: o real. Enfim, o mais escondido, o mais penoso de dizer, até o mais escandaloso e proibido. Desenvolveu-se, nesse período, uma espécie de imposição para desvelar o mais obscuro e, ao mesmo tempo, o mais corriqueiro da existência, daí a relação entre poder e verdade.

Segundo Foucault, o cristianismo instaurou na história um procedimento de confissão totalmente singular, que permaneceu por muitos séculos. A partir da Reforma, adaptado a funções “psicológicas”, como melhor conhecimento e domínio de si, o discurso da confissão explodiu. Mais tarde, procedimento parecido é retomado pela psicanálise, legitimado dessa vez com o estatuto de ciência.

Hoje, como já notou Foucault, a confissão tem o arsenal tecnológico ao seu dispor. Ele imaginou que chegaria um dia no qual as pessoas diriam pelo rádio ou pela televisão: “Pois bem, escutem: eu não me entendo mais com a minha mulher, não posso mais fazer amor com ela, não tenho mais ereção na cama com ela, estou muito confuso, o que devo fazer?...” (2006, p.238.) A história da confissão não termina assim, haverá outras peripécias, diz ele. Sem dúvida, e a pesquisa aqui empreendida foi motivada, em grande parte, por uma dessas “peripécias”.

Como procuramos explicitar, a dinâmica da sociabilidade no orkut favorece a exposição da vida privada e esse é um dado fundamental para averiguar como tal processo está vinculado às formas de atuação do poder contemporâneo, que se pauta pelo saber. Na

⁵⁰ “Queria que essas pessoas não fossem dotadas de nenhuma dessas grandezas estabelecidas e reconhecidas – as do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo ou do gênio; que pertencessem a esses milhares de existências destinadas a passar sem deixar rastro; que houvesse em suas desgraças, em suas paixões, em seus amores e em seus ódios alguma coisa de cinza e de comum em relação ao que se considera, em geral, digno de ser contado; que, no entanto, tivessem sido atravessadas por um certo ardor, que tivessem sido animadas por uma violência, uma energia, um excesso na malvadeza, na vilania, na baixeza, na obstinação ou no azar que lhes dava, aos olhos de seus familiares, e à proporção de sua própria mediocridade uma espécie de grandeza assustadora ou digna de pena”. (2006, p.207).

medida em que o privado é tornado público em nome de uma sociabilidade mais cômoda, é criado dilema que, de um lado, envolve a preservação da própria privacidade, mantendo-a longe do âmbito público, e, de outro, a sustentação desse tipo de sociabilidade. Problema que pode ser vislumbrado em dois registros diferentes, porém, imbricados dialeticamente. O primeiro deles é que a rede poderia constituir metáfora poderosa de um mundo comum, por sua qualidade inerente de “conectar”, de unir os homens, de ser domínio onde as coisas aparecem e se tornam públicas. Por outro lado, se aquilo que aparece e se torna público é a vida privada das pessoas, a metáfora adquire outro significado, a de um mundo privado comum, o que demonstraria a ausência do “público” na acepção arendtiana. Logo, aquilo que se configurava como possibilidade de fortalecimento da esfera pública, ou ainda como uma “nova roupagem” dela, novamente desemboca na tese de sua decadência. No entanto, à decadência da esfera pública não corresponde o fortalecimento da esfera privada, pois na medida em que esta ascende ao nível do discurso de forma até exaustiva – podemos dizer sem exagero – ela também decai, perdendo seu sentido original de privado. Na definição de Hannah Arendt (1981), o termo “público” possui dois significados. O primeiro é o de que tudo o que vem a público pode ser ouvido e visto por todos. Nesse sentido, o público é que confere realidade a algum ato por permitir que ele apareça e seja testemunhado pelos homens. Por isso é que a intimidade, embora enriqueça os sentimentos privados, acaba custando a perda de garantia sobre a realidade do mundo e dos homens. Há muitas coisas que não suportam a luz da vida pública e da constante presença dos homens; muitos assuntos que, por sua natureza, só são relevantes e só podem sobreviver na esfera privada. Assim, a exposição constante e massiva da intimidade, além de apontar para o declínio da política, marca o próprio declínio da vida privada. Se grande parte da vida privada das pessoas se encontra na rede e a maior parte das informações nela presente foi lá inserida pelas pessoas livre e espontaneamente pelas pessoas, é necessário perguntar o que está acontecendo com a privacidade. Ela deixou de importar? Provavelmente não. No momento em que o social engolfou a distinção entre as esferas de vida dos homens, tornando-a difusa, o conflito e as tensões advindos dessa confusão certamente atingem a vida humana. Os valores da privacidade ainda são muito importantes e as pessoas estão incomodadas e temerosas com a invasão que pode ocorrer pela internet. Por isso há o conflito entre, por um

lado, a exposição que fazem de sua intimidade e, por outro, o temor da invasão de sua privacidade.

O segundo sentido do termo público é o próprio mundo, na medida em que é comum a todos e diferente a partir do lugar que cabe a cada um. O que ocorre numa sociedade de massas, diz Arendt, é justamente que o mundo comum entre as pessoas não é mais capaz de mantê-las unidas, relacioná-las e separá-las. Além disso, outra qualidade inerente ao mundo comum é que ele já existia quando nascemos e continuará existindo quando morrermos. Em outras palavras, o mundo transcende o processo biológico da vida. No entanto, a permanência e a imortalidade do mundo só são possíveis quando nele é construído algo que dure mais do que as vidas terrenas. O significado mais profundo da esfera pública reside na questão de que cada indivíduo ocupa um lugar no mundo e possui sobre ele determinado ponto de vista. Por essa razão é que ser visto e ouvido por outros é tão importante. Somente quando a pluralidade inerente ao mundo é assegurada, a realidade pode manifestar-se. O mundo comum não pode sobreviver quando há apenas uma opinião e uma perspectiva. Daí o sentido original de privado, que significa:

(...) ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana, ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação objetiva com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida” (Arendt, 1981, p.68).

No orkut, os perfis podem sobreviver à morte biológica das pessoas. Na ocasião do acidente de avião da TAM (17/07/2007), os perfis dos mortos continuaram presentes no site por algum tempo, o que despertou a curiosidade de muitos usuários. O que fazer quando o dono do perfil morre e ninguém possui a senha para acessar sua conta e cancelá-la? Como uma das entrevistadas muito bem pontuou, a existência virtual no orkut precisa ser constantemente alimentada. E esse “alimento” é dado na interação, isto é, toda a atuação no site de relacionamentos atravessa a dimensão da sociabilidade, da interação e, conseqüentemente, do outro. Dessa forma, ainda que o perfil permaneça, seu possuidor estará “morto” na medida em que ninguém mais escreve e responde recados ou atualiza informações, ou seja, na medida em que a interação é bruscamente interrompida. De fato, a

vida privada de alguém não sobrevive à sua morte. Ainda que ela desperte a curiosidade mórbida de alguns, não passará de algo circunstancial, efêmero. Nada que se assemelhe às obras realizadas no mundo comum, no sentido arendtiano.

A privação de relações objetivas com os outros culminou no fenômeno de massa da solidão, o qual assumiu sua forma mais anti-humana, ao ver de Arendt, porque a sociedade de massas não apenas destrói a esfera pública e a privada como também o lar privado dos indivíduos, onde eles se protegiam das vicissitudes do mundo. O caráter sagrado da privatividade dos antigos advinha do fato de que quem não possuísse uma propriedade no sentido de um lugar próprio e tangível no mundo não possuía, com efeito, a qualidade de cidadão. Ademais, a esfera privada deveria ser tão sagrada e oculta quanto os processos biológicos do nascimento e da morte, os quais não fazem parte do domínio dos homens e sim dos deuses. Dessa forma, não é correto dizer que a propriedade privada era, antes da era moderna, uma condição para adentrar a esfera pública. Pois, como nos diz Arendt, ela era muito mais do que isso:

A privatividade era como que o outro lado escuro e oculto da esfera pública; ser político significava atingir a mais alta possibilidade da existência humana, mas não possuir um lugar próprio e privado significava deixar de ser humano (Arendt, 1981, p.68).

A contradição entre público e privado, peculiar aos estágios iniciais da era moderna, foi um fenômeno temporário que carregou consigo a própria extinção da diferença entre ambas as esferas devido à sua submersão na esfera social. Segundo Arendt, ambas desapareceram: a esfera pública porque se tornou mera função da esfera privada, e a esfera privada porque se tornou a única preocupação comum que sobreviveu. Assim, a moderna descoberta da intimidade significa uma fuga do homem do mundo exterior para sua subjetividade individual. No entanto, se a intimidade antes era protegida pela esfera privada, a transformação desta última em esfera social ameaça até mesmo esse último refúgio do indivíduo⁵¹.

⁵¹ Embora concordemos em grande medida com as aferições de Arendt, há que se ter certa cautela ao trabalhar com suas definições de público e privado. A análise de Arendt é considerada, sob muitos pontos de vista, um “trabalho político anti-moderno”. Na medida em que a esfera pública para a autora remete à ágora grega, locus do qual eram excluídos escravos, mulheres, trabalhadores e residentes não-cidadãos,

Nesse sentido, muitas contradições assolam a vivência do homem contemporâneo: por um lado, há um indivíduo isolado, solitário e ego-centrado; por outro, um indivíduo saturado de relações sociais e ávido por manter-se conectado. Na verdade, a relação talvez não seja de contradição entre os termos. O desejo de manter-se conectado e a busca por relações estão intimamente relacionados à solidão. Contudo, se tais relações são fluidas, superficiais e efêmeras, isso é devido ao próprio ritmo da vida contemporânea e não ao fato de que sejam mediadas por ferramentas tecnológicas.

“Ah, eu sou meio carente, sabe? Chegou um momento, perto do dia que eu saí do orkut, que eu não saía dele, ficava sempre aberto, e eu ficava apertando F5 para ver se alguém deixava algum recado pra mim”. (*Luís, 31 anos)

Em seguida, perguntamos ao mesmo entrevistado:

sua idéia de público, além de considerada anacrônica, é tida como contrária ao universalismo político, principalmente pelas intelectuais feministas. No entanto, a chave para escapar a essa interpretação talvez reducionista da obra de Arendt é, como mostrou Benhabib (1992), compreender a “estranha metodologia” da autora, que concebe o pensamento político como um trabalho de “contar histórias”. Esse exercício do pensamento escava a história para redescobrir as “pérolas” da experiência passada que podem orientar a mente no futuro. Nesse sentido, a idéia quase apocalíptica de Arendt da “emergência do social”, pode ser vista como uma tentativa de pensar através da história humana sedimentada em camadas de linguagem. (Benhabib, 1992, p.92). Além disso, Benhabib reconhece que há duas concepções de público presentes na obra de Hannah Arendt, uma localizada na teoria do totalitarismo, na obra *A Origem do Totalitarismo*, e outra na *Condição Humana* (1981). Assim, uma vez localizada a concepção de espaço público na teoria arendtiana do totalitarismo, ela adquire um foco diferente daquele presente na *Condição Humana*. Os termos “associacional” e “agonístico” podem dar conta desse contraste, segundo Benhabib. De acordo com a visão agonística, a esfera pública é um local onde a grandeza política e moral, o heroísmo e a preeminência são revelados e compartilhados com os outros, espaço no qual se compete por reconhecimento, precedência e fama; por último, espaço onde se procura uma garantia contra a futilidade e a efemeridade de todas as coisas humanas. Por outro lado, na visão associacional, **uma esfera pública pode ser constituída em qualquer lugar onde haja ação comum coordenada mediante o discurso e a persuasão**. Não é um espaço no sentido topográfico ou institucional, mas sim, um espaço onde se pode ter liberdade. Assim, uma praça pública onde as pessoas não agem em concerto não é um espaço público, do mesmo modo em que uma sala de jantar onde as pessoas utilizam a linguagem política o é. A violência pode ocorrer em qualquer lugar, público ou privado, mas sua linguagem é sempre privada, pois é a linguagem do medo. A distinção, nesse caso, é dada pela linguagem, pelo meio utilizado, e não a priori. Evidentemente, a crítica feminista à abordagem arendtiana das esferas pública e privada é muito mais complexa e extensa do que apresentamos aqui. Embora não tenhamos podido contemplar essa discussão nesse momento, mantemos a idéia como possibilidade de análise futura, principalmente no que diz respeito ao limite que a esfera privada pode se tornar pública, ou ser politizada, sem prejuízo da privacidade enquanto direito individual.

-- E como era sua vida social no Orkut? Você conversava com muita gente?

-- Ah, acho que eu sempre conversava com as mesmas pessoas, meus amigos de sempre; mas o gozado é que tinha umas 'minas' perdidas que me adicionaram, ou quiseram. Cheguei a ficar com uma, porque ela viu minha foto e curtiu o meu perfil.

-- Mas e aí, foi pra frente, ou ficou só nisso mesmo?

-- Fiquei com ela umas semanas e só. Ela desenganou”.

Desde os tempos do surgimento da grande cidade, o indivíduo urbano precisou aprender a lidar com o excesso de sociabilidade, recorda-nos Simmel (1903, [2005]) A forma que melhor se encaixou ao estilo de vida urbano foi certo isolamento, aliado à manutenção de contatos superficiais e efêmeros. Com o desenvolvimento do que podemos denominar de tecnologias de relacionamento, isto é, de ferramentas que permitiram interações à distância, como o telefone e o computador, o número de relações aumentou ao ponto da saturação (Gergen, 1992). O computador, no entanto, lembra-nos Nicolaci-da-Costa (2005), na medida em que criou um ambiente para esse tipo de encontro, foi o único a gerar a possibilidade de estabelecer contatos com estranhos com os quais fosse possível desenvolver relacionamentos virtuais. Esses relacionamentos possuem várias peculiaridades que se ajustam ao modo de vida contemporâneo: podem ser rápidos, econômicos no sentido de poupar a energia de uma interação face a face, impessoais, cômodos, práticos e, ainda assim, não excluem a possibilidade de criação de laços profundos por seu intermédio. No entanto, no caso do orkut (mas também de outros *sites* semelhantes de relacionamento), pode haver uma ilusão de proteção, que leva o usuário a esquecer momentaneamente o fato de estar atuando em uma arena pública. Esse “esquecimento”, aliado à própria dinâmica do *site*, estruturada em torno da vida pessoal das pessoas, pode levar o sujeito a considerar a perda de sua privacidade.

A maior alegoria do temor moderno da vigilância pelo poder e da perda da privacidade é representada pelo Panóptico de Jeremy Bentham⁵². Além dela, há também o

⁵² Cf. BENTHAM, Jeremy. *O Panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva).

notório Grande Irmão de George Orwell (1948)⁵³. A ficção que se tornou clássica ofereceu-nos a visão de um futuro no qual o “Grande Irmão” (*Big Brother*) observava e controlava cada movimento das pessoas, por intermédio de aparelhos de televisão onipresentes.

Michel Foucault utilizou o projeto do Panóptico como metáfora do poder moderno, cuja principal tarefa era disciplinar, mantendo uma ameaça constante e palpável de punição. A estratégia desse poder era fazer as pessoas acreditarem que em nenhum momento se poderiam esconder do olhar onipresente dos seus superiores, de modo que nenhum desvio de comportamento, por mais secreto, poderia ficar impune.

O panoptismo é a característica mais notável da sociedade disciplinar. Definido por Foucault (1996) como um mecanismo que se exerce sobre os indivíduos em forma de vigilância individual e contínua, em forma de controle de punição e recompensa, e em forma de correção, isto é, de formação e transformação dos indivíduos em função de certas normas, possui, por conseguinte, um triplice aspecto: vigilância, controle e correção, e constitui dimensão fundamental das relações de poder que existem em nossa sociedade. (p.103).

Até o começo do século XVIII, o controle era realizado pelo grupo a que o indivíduo pertencia. Só mais tarde é que as instâncias se deslocaram para o Estado. A partir de então, é em razão da qualidade de indivíduo que ele se encontra colocado em uma instituição que vai constituir o grupo, a coletividade a ser vigiada. Enquanto indivíduo é que se entra na escola, no hospital e na fábrica. É criada uma estrutura de vigilância que chama os indivíduos a si, integrando-os e constituindo-os enquanto grupos. Ora, aqui Foucault apresenta o individualismo sob um panorama diferente: enquanto a perspectiva liberal e mesmo a sociologia clássica ressaltam a liberdade conquistada pelo homem na condição de indivíduo, Foucault revela o lado obscuro dessa condição, ou seja, sua captura pelo poder.

Com efeito, qual é o papel dessas instituições? Primeiro, elas implicam o controle, a responsabilidade sobre a quase totalidade do tempo dos indivíduos: controlam a dimensão

⁵³ Cf. ORWELL, George. 1984. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978, 11ª Edição.

temporal de suas vidas. Como explica Foucault, a sociedade moderna, ao contrário das antigas, não se interessa pelo controle espacial dos indivíduos na forma de sua pertinência a uma terra; seu alvo é fazer com que eles tornem seu tempo disponível para o aparelho de produção. A segunda função das instituições de seqüestro é o controle dos corpos. A função especializada de cada instituição acaba abrangendo toda a existência humana e impondo uma disciplina geral que ultrapassa amplamente suas finalidades aparentemente precisas. A terceira função é a “criação de um novo e curioso tipo de poder” (1996, p.120), que é polimorfo e se apresenta como econômico, político e judiciário ao mesmo tempo. Nas escolas, por exemplo, a todo o momento há punição, recompensa e classificação.

Enfim, a quarta e última característica do poder é sua configuração como poder epistemológico, capaz de extrair um saber da própria prática para reforçar o controle do comportamento, e um saber sobre os indivíduos a partir da observação, da classificação, do registro, etc. Ao lado do saber tecnológico há, portanto, um saber de observação, clínico, próprio das ciências psicológicas e sociais.

As técnicas panópticas desempenharam papel crucial na passagem dos mecanismos de integração de base local, feitos na medida das capacidades naturais dos olhos e ouvidos humanos, para a integração supra-local, administrada pelo Estado, de territórios muito mais vastos do que o alcance das faculdades naturais do homem. A assunção da vida pelo poder, ou, melhor dizendo, uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de “estatização do biológico”, foi, segundo Foucault, um dos fenômenos fundamentais do século XIX. Mais precisamente, a disciplina tenta reger a multiplicidade dos corpos enquanto corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados e eventualmente punidos. A nova tecnologia que se instala dirige-se, por outro lado, à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem a corpos, mas na medida em que formam uma massa afetada por processos que são próprios da vida, tais como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. Assim, após uma tomada de poder individualizante sobre o corpo, ocorre uma tomada de poder massificante; de uma anátomo-política do corpo humano, vemos aparecer, no fim do século XVIII, uma biopolítica da espécie humana.

As disciplinas incidiam sobre o indivíduo e seu corpo; a biopolítica lida com um novo corpo, constituído por muitas cabeças: a população, vista como problema científico,

político, biológico e de poder. Os mecanismos disciplinar e de regulamentação não se excluem; antes, sobrepõem-se e articulam-se. A norma é o elemento que vai circular entre o disciplinar e o regulamentador, que vai ser aplicado ao corpo e à população. A sociedade da normalização não é, pois, uma espécie de sociedade disciplinar generalizada, cujas instituições se teriam alastrado e finalmente recoberto todo espaço. Ela é “uma sociedade em que se cruzam, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação” (Ibid.p.302).

Assim, de uma técnica que marcava o corpo, emergiu outra que o vigiava e, finalmente, uma que não marca, nem vigia da torre central, mas é introjetada nos corpos e nas mentes, regulando os desejos, as formas com que as pessoas se concebem e ao mundo. Com efeito, o biopoder deixa de ter um lugar fixo, seja numa torre, ou numa instituição; ele não é mais externo aos indivíduos, está dentro deles, presente em cada gesto, em cada momento de suas vidas. Ainda a respeito da passagem dos poderes soberanos centrados na pessoa do príncipe para a forma de poder disciplinar, é possível notar, como explica Foucault, um aprimoramento nas técnicas de controle: o controle psicológico é sempre muito mais eficaz que o físico. A Igreja Católica inaugurou uma forma de controle que se tornou a maior estratégia do poder disciplinar: a confissão. O poder pastoral precisa saber para poder controlar. E ele o faz de uma forma tão eficaz que, após a confissão, os que se confessam sentem-se aliviados. Em nossa sociedade de orientação psiquiátrica, os “desviantes” do padrão de comportamento sexual não são mais queimados na fogueira, mas tratados até com certa benevolência. Como diz Foucault, “a psiquiatria tornou-se a nova religião” (Idem, p.312). Freud e suas teorias deram início ao processo de transferência do gélido confessionário para o aconchegante divã; no entanto, a lógica permaneceu a mesma: confessar as faltas, para ser perdoado por Deus, ou pelo superego.

Com o desenvolvimento da tecnologia, refinaram-se as formas de controle, como detalharemos adiante. Na medida em que a principal estratégia do poder é o saber, quanto mais informações a respeito de si mesmas as pessoas puderem oferecer, tanto mais eficaz será o controle sobre elas. Se, nos tempos da sociedade disciplinar, era preciso domar os corpos para maximizar a força de trabalho e moldá-los para que se encaixassem nas fôrmas pré-fixadas pela sociedade, atualmente, há a captação de dados e informações fornecidos

muitas vezes voluntariamente pelos vigiados. Esses elementos serão utilizados para maximizar o potencial de consumo⁵⁴ (e não a força de trabalho), bem como para fornecer, aos agentes do poder, conhecimento valioso acerca do comportamento da população. E esse conhecimento não é difícil de ser obtido.

Com efeito, o segundo registro que pretendemos anunciar é o de que a decadência das esferas pública e privada se insere numa dimensão maior, que é a do poder. Em seus *Ditos e Escritos* (vol.IV), Foucault deixa muito claro que o poder não se separa do saber:

O humanismo moderno se engana, portanto, ao estabelecer essa divisão entre saber e poder. Eles são integrados, e não se trata de sonhar com um momento em que o saber não dependeria mais do poder, o que é uma maneira de reconduzir sob forma utópica o mesmo humanismo. Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder. (Foucault, 2006, p.172).

As vidas dos homens comuns e infames, cujo fim seria desaparecer sem nunca terem sido mencionadas, só puderam deixar rastros a partir de seu contato com o poder. Como demonstra Foucault, aos mecanismos religiosos de confissão seguem-se agenciamentos administrativos; ao perdão e à absolvição substituem-se mecanismos de registro. No entanto, o objetivo visado permanece o mesmo: a passagem do cotidiano para o discurso. A confissão perde proeminência e vai gradualmente sendo substituída por procedimentos antigos, mas, até então, localizados: a denúncia, a queixa, a inquirição, o relatório, a espionagem, o interrogatório. Assim, o que se diz se registra por escrito, se acumula, constitui dossiês e arquivos.

A voz única, instantânea e sem rastro da confissão penitencial que apagava o mal apagando-se ela própria é, doravante, substituída por vozes múltiplas que se depositam em uma enorme massa documental e constituem assim, através dos tempos, como a memória

⁵⁴ “Hoje, as pessoas não são mais enquadradas pela miséria, mas pelo consumo. Tal como no século XIX, mesmo se é sob um outro modelo, elas continuam capturadas em um sistema de crédito que as obriga (se compraram uma casa, móveis...) a trabalhar todo o santo dia, a fazer hora extra, a permanecer ligadas. A televisão oferece suas imagens como objetos de consumo e impede as pessoas de fazer o que se temia tanto, já no século XIX, ou seja, ir aos bistrôs onde se faziam reuniões políticas, onde os reagrupamentos parciais, locais e regionais da classe operária corriam o risco de produzir um movimento político, talvez a possibilidade de derrubar todo esse sistema”. (FOUCAULT, M. 2006, p.67).

incessantemente crescente de todos os males do mundo. O mal minúsculo da miséria e da falta não é mais remetido ao céu pela confiança apenas audível da confissão; ele se acumula sobre a terra sob a forma de rastros escritos. É um tipo de relações completamente diferentes que se estabelece entre o poder, o discurso e o cotidiano, uma maneira totalmente diferente de o reger e de o formular. Nasce, para a vida comum, uma nova *mise en scène*(Ibid., p.213).

Nos tempos do Panóptico, havia o temor de que a esfera privada fosse invadida pelos olhos do Grande Irmão. A invasão não era consentida. Mas como pensar em perda da privacidade quando há consentimento na exposição? O problema manifesto no presente, que se traveste como falta de privacidade, adquire ares de contradição quando é lembrado que não houve necessidade de interrogatório ou de espionagem e que a exposição, além de consentida, pôde gerar gozo. Na apresentação dos Ditos e Escritos, Manoel Barros da Motta procura trazer a análise de Foucault para o registro presente, mostrando como os mecanismos de poder se valem da exposição da intimidade em sua atuação:

Nesses mecanismos de poder, de indução ao consumo, de despolitização, papel importante desempenha a televisão, e em alguns lugares quem dispõe do poder privado sobre as principais cadeias está também no poder público, controlando as televisões estatais. E a extensão da visibilidade no sentido benthaminiano se materializa nos reality show, em que a intimidade desaparece e também qualquer modalidade de vergonha. Se o Estado da civilização esteve marcado por uma ética puritana, as novas modalidades de subjetividade se dão pela exibição pública das formas de gozo, pela generalização da pornografia. Big Brother, que figura o horror do controle totalitário na ficção de Orwell, é agora orquestrado como espetáculo pelas televisões e também por sites na Internet⁵⁵. (2006, p.XXX).

Uma história contada por uma entrevistada talvez ilustre melhor o ponto em que pretendemos chegar:

⁵⁵ “No que diz respeito à vivência da intimidade e da identidade-eu, o processo de disponibilização técnica parece sofrer um redimensionamento digno de nota e de sistematização sociológica. O fenômeno de espetacularização da intimidade protagonizado por uma série de tecnologias de ‘culto do eu’ sinaliza para uma reorientação nos regimes de controle: não se trata mais de um monitoramento panóptico da vida ordinária que ocorre à revelia da volição individual; trata-se, antes, de uma deliberação alegre dos próprios indivíduos de mostrarem-se, de exporem a sua intimidade, arquivá-la para uso posterior indefinido”. AMARAL JR., Aécio. “Ciberespaço, escrita íntima e reauratização da experiência”. Comunicação apresentada no 30º Encontro Anual da Anpocs, no GT24: Tecnologias de informação e comunicação: controle e descontrole. Agosto de 2006.

“Eu estava solteira na época, querendo arranjar um namorado. Uma amiga disse que conhecia o cara perfeito pra mim, inteligente, mais velho, bonito e educado. Fiquei super empolgada pra conhecê-lo e comecei a fazer perguntas, mas ela me falou que era melhor descobrir as coisas aos poucos, quando fosse conhecendo. Mas eu não agüentei a curiosidade e fui procurá-lo no orkut, pois imaginei que ele seria amigo da minha amiga. Dito e feito, encontrei ele por lá e fiquei sabendo várias coisas da vida dele, que ele tinha dois filhos, que era divorciado, que tinha viajado pra Europa recentemente.... várias coisas. Aí, a minha amiga nos apresentou e nós marcamos de sair, fomos jantar. Só que no meio da conversa eu soltei: nossa, seus filhos são lindos! Ele ficou indignado e disse: como você sabe que eu tenho filhos? Aí acabei confessando que tinha olhado a página dele no orkut. Eu vi na hora que ele ficou contrariado mesmo não dizendo nada. Depois disso, não deu outra, o cara não me ligou mais”. (*Tatiana, 34 anos)

Essa história evidencia o conflito que pode ocorrer quando o vigiado descobre que sua vida privada foi “violada”. Embora haja contradição entre a atitude de revelar a própria vida e a indignação diante da descoberta de que a vida ali exposta despertou a curiosidade de pessoas que ele sequer conhecia e que essas pessoas obtiveram informações a seu respeito, a situação não deixa de ser inquietante. Como Foucault brilhantemente pontuou, a forma de atuação do poder contemporâneo reside no saber, no conhecer. O saber alimenta e permite que o poder opere. Assim, o fato de pessoas desconhecidas deterem informações que sequer podemos imaginar, sobre nossa vida privada, coloca-as numa situação privilegiada de poder. O homem da história em questão pode facilmente ter se indignado com a curiosidade exacerbada e a indiscrição da moça, a qual, para retomarmos o raciocínio de Castilla del Pino, transgrediu o pacto de privacidade de modo a comportar-se como *voyeuse*. Mas, para além disso, pode ter percebido que ela possuía um nível de conhecimento sobre sua vida que não era recíproco e, o mais importante, dados que talvez ele próprio fosse revelar conforme a interação ocorresse. O fato de ela ter pulado essa etapa e obtido informações por outros meios que não a própria fala dele, isto é, que ela possuísse em suas mãos um conhecimento de sua vida que não tinha sido consentido, claramente os colocou em uma relação de poder. Aquele que se percebe nessa relação, em posição de inferioridade, pode sentir-se fragilizado e indignado com a ousadia do outro em se apropriar de sua vida sem o seu consentimento. A grande contribuição de Foucault para os estudos sobre o poder foi mostrar que ele opera em níveis micro-físicos, ou seja, não está encarnado

nas instituições, não é posse de um governo. Ao contrário, ele permeia as situações mais cotidianas, mais corriqueiras da vida dos indivíduos, pois está disseminado por todo o tecido social⁵⁶. Embora a vida privada daquele homem estivesse presente em um cenário público, o que, pela definição de Castilla del Pino, a descaracterizaria como tal, ele ficou perplexo e incomodado ao deparar com a apropriação dessa vida por estranhos. Ainda que pareça contraditório, para ele, os pedaços da vida presentes no orkut (as fotos dos filhos, das viagens à Europa, etc.) malgrado estivessem expostos, permaneciam sendo sua vida privada. Dessa forma, por mais que a exposição ocorrida por meio do Orkut seja consentida, sua apropriação não o é, e isso é o que engendra as relações de poder. Daí a escolha de Michel Foucault como uma das abordagens que norteiam teoricamente esta pesquisa. Na medida em que nosso objeto é a sociabilidade horizontal, isto é, não-hierárquica, fez-se necessária uma abordagem que correspondesse à natureza do objeto, situando o poder justamente onde menos ele é percebido, a saber, nas relações cotidianas, onde aparentemente prevalece a igualdade⁵⁷.

No entanto, embora muitos recursos de privacidade tenham sido desenvolvidos para evitar a apropriação não-consentida da vida privada, isto é, para limitar o acesso às fotos, recados e vídeos apenas aos membros da rede de amigos do usuário, não é total o controle sobre a apropriação. Primeiramente, porque alguns recursos para burlar o “trancamento”

⁵⁶ Nas redes de poder, ao longo de circuitos bastante complexos, vêm prender-se as disputas da vizinhança, as brigas dos pais e de seus filhos, os desentendimentos dos casais, os excessos do vinho e do sexo, as disputas públicas e muitas paixões secretas. Houve, ali, um imenso e onipresente apelo para pôr em discurso todas essas agitações e cada um dos pequenos sofrimentos. Um murmúrio que não cessará começa a se elevar; aquele através do qual as variações individuais de conduta, as vergonhas e os segredos são oferecidos pelo discurso para as tomadas do poder. O insignificante cessa de pertencer ao silêncio, ao rumor que passa ou à confissão fugidia. Todas essas coisas que compõem o comum, o detalhe sem importância, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, ou melhor, escritas. Elas se tornam descritíveis e passíveis de transcrição, na própria medida em que foram atravessadas pelos mecanismos de um poder político. Durante muito tempo, só os gestos dos grandes mereceram ser ditos sem escárnio; o sangue, o nascimento e a exploração davam direito à história. E, se às vezes acontecia aos mais humildes terem acesso a uma espécie de glória, era por algum feito extraordinário – resplendor de uma santidade ou a enormidade de uma maldade. Que pudesse haver na ordem de todos os dias alguma coisa como um segredo a ser levantado, que o não essencial pudesse ser, de uma certa maneira importante, isto permaneceu excluído até que viesse se colocar, sobre essas turbulências minúsculas, o olhar branco do poder. (...) Nascimento, portanto, de uma imensa possibilidade de discurso. Um certo saber do cotidiano tem, aí, pelo menos uma parte de sua origem e, com ele, uma grade de inteligibilidade aplicada sobre nossos gestos, sobre nossas maneiras de ser e de fazer compreendida pelo Ocidente”. (Ibid. p.216-7).

⁵⁷ Cf. FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro : Graal, 2000.

das fotos e recados já começaram a ser desenvolvidos. Segundo, porque o perfil, as comunidades e a rede de amigos do usuário permanecem visíveis a todos os membros do *site*, o que já confere um montante razoável de informações liberadas; e, por último, não é possível controlar a disseminação de informações que os próprios amigos podem efetuar.

Outra história contada por um de nossos entrevistados mostra as implicações que uma mensagem pode causar na vida de um usuário do orkut. É evidente que telefonemas, e-mails, cartas ou até encontros fortuitos podem ocasionar o mesmo desfecho; entretanto, no Orkut essas informações parecem “escapar” com facilidade muito maior do que em outras formas de comunicação. A tonalidade íntima do que é dito choca-se com a extensão de publicidade do site de relacionamentos, e é isso que o diferencia dos outros meios de comunicação. O número de pessoas que pode ter acesso simultaneamente à informação, a velocidade com que esta pode ser transmitida, bem como a facilidade para o acesso a esses dados é inequivocamente sem precedentes.

“Você acha que quando uma ‘mina’ convida um cara pra tomar vinho na casa dela, os dois sozinhos, não vai rolar alguma coisa? Foi assim que meu amigo descobriu que estava sendo traído, olhou a página de recados da namorada e viu um recado assim: ‘foi ótimo aquele vinho de ontem!’ Aí nem tem como falar que não rolou nada!” (*Luciano, 37 anos)

Da mesma forma que *Renato, essa garota teve o relacionamento encerrado por conta de informações íntimas que foram facilmente obtidas pelo namorado. Ele não precisou de detetives, de interrogatórios, ou de uma observação mais atenta: bastou entrar na página de recados da namorada para descobrir detalhes de sua vida íntima que, de outro modo, poderiam ter permanecido desconhecidos.

Todas essas formas e possibilidades de apropriação da vida privada dos usuários podem soar um tanto “paranóicas”; afinal, mesmo nas interações face a face não se pode ter controle pleno sobre o que permanecerá oculto e o que será revelado. Contudo, o que desejamos ressaltar não são os “fatos notórios”, “heróicos”, as grandes histórias sobre seqüestros, roubos e ilegalidades que ocorrem no orkut. Embora sejam de inquestionável gravidade, decidimos orientar o olhar para a vivência cotidiana, corriqueira dos usuários do

site, para a “vida cinza” dos homens comuns e mostrar que já nesse âmbito das relações próximas notamos mudanças na forma de socialização que evidenciam conflitos relevantes. Assim é que compreendemos porque tantas pessoas resolvem sair do orkut, ou sequer entrar, bem como o cuidado daquelas que decidem permanecer. As pequenas fofocas, mexericos, intrigas, revelações e até ocultações podem gerar conflitos na vida das pessoas, os quais, malgrado possam passar despercebidos a partir de um olhar orientado apenas para as macro-estruturas, não deixam de ter relevância para a análise sociológica do presente.

Com efeito, é possível notar certas estratégias que se afiguram como tentativas de escapar à captura da intimidade. Na internet há, por exemplo, a possibilidade de manter-se “anônimo”⁵⁸, isto é, de tentar utilizar identidades falsas para transitar nos meandros da rede. No orkut, isto é relativamente fácil: basta criar um perfil falso. Assim, parece possível expor a face real quando for esse o desejo, mas também escapar do jugo da observação alheia pelo anonimato. Isso poderia constituir um recurso para proteger a privacidade quando a exibição da vida privada ameaça gerar transtornos. No mais, “ser anônimo” pode representar um atrativo para as interações virtuais em relação às interações em uma arena física. Dessa forma, mostro-me e exibio minha “verdadeira personalidade” quando quero, mas penso que posso fugir dessa exposição quando ela me parecer incômoda.

-- Gosto, sim, da questão da curiosidade, de poder ver o que as pessoas estão fazendo e ver fotos e tudo mais, gosto, mas pretendo não gostar de entrar na página do meu ex-namorado, pra saber como ele está hoje, entende? O que ele tem feito... essa é uma curiosidade mórbida, mas ela existe. Então esse é o prazer (...) Eu tenho meu orkut, porém, o meu irmão tem um Orkut que está configurado de forma que eu possa usá-lo sem deixar rastros.

-- Você usa o Orkut do seu irmão, é isso?

-- Sim (risos). Eu posso usar o Orkut do meu irmão e faço isso com frequência quando quero ver a vida de outras pessoas. Quando não quero deixar rastros, uso a página dele.”

(*Lúcia, 32 anos)

⁵⁸ Colocamos a palavra anônimo entre aspas porque é no mínimo questionável que as pessoas consigam manter-se anônimas no âmbito da rede.

“Mas como eu te disse, ultimamente eu tenho me traído, entro por um perfil de um amigo. Mas não vou entrar mais. Pra quê? Pra ficar fuçando na vida das pessoas”. (*Luís, 31 anos)

Entretanto, o controle não é pleno. Muitas pessoas acabam perdendo o comando de suas interações. O que acontece é que a Internet acaba criando a ilusão de segurança em função da promessa de controle que anuncia. Assim, a pessoa que anonimamente emite ofensas em um *blog* pode esquecer que terá o número IP de seu computador registrado no *site* e poderá ser rastreado por meio dele. Ou o rapaz que manteve conversas ocultas de sua namorada no orkut pode ser surpreendido por recados em sua página que podem acabar com o relacionamento, como no caso de Renato. O que esses problemas anunciam parece estar relacionado à falta de privacidade que pode ocorrer no âmbito da *web* e, do mesmo modo, no orkut. No entanto, se esse é um cenário público, como manter a privacidade sob proteção? Que paredes podem escondê-la? Se partirmos de uma definição de privacidade que remeta ao resguardo de quatro paredes, é evidente que o orkut não poderá preservá-la. A questão que surge é a da possibilidade de novas configurações de privacidade que ultrapassem o sentido atribuído desde suas origens liberais, e que tornem as antigas definições carentes de atualização. Como preservar então o sentido de privacidade nas relações virtuais uma vez que em seu âmbito não haja mais as antigas proteções das paredes para garantir a ocultação? Na medida em que admitimos uma noção de privacidade dinâmica, variável conforme os períodos históricos, mas que possui como sentido fundamental a dialética entre revelação e ocultação, de que modo a ocultação pode continuar operante?

Figura 5. Comunidade “Quer privacidade? Sai do Orkut”

Com grande lucidez, o dono da comunidade fica perplexo com a reclamação de falta de privacidade no site de relacionamentos, já que, como ele bem percebeu, se trata de um espaço público, no qual a exposição é, como ele mesmo diz, “inevitável”. O problema começa a ocorrer quando as pessoas percebem que a exposição de suas vidas privadas pode gerar transtornos. Algo aparentemente óbvio quando se trata das interações nas arenas físicas, afinal, o treino de socialização ensina como o indivíduo deve portar-se quando na presença física de outros, como muito bem demonstra Erving Goffman. Porém, no que diz respeito às interações virtuais, como o indivíduo não se vê fisicamente exposto ao outro, ele pode mais facilmente esquecer que, ainda assim, há exposição. O fato de não haver ninguém ao seu lado não significa que ele não esteja sendo visto. Para além da tela do computador, nos meandros da rede, muitos podem saber o trajeto de seus passos. E isso, não porque tais observadores sejam *hackers*, ou profissionais da vigilância, mas simplesmente porque o próprio indivíduo voluntariamente expôs dados de sua vida pessoal na rede. No caso desta pesquisa, a rede em questão é o orkut. Nele, como procuramos

demonstrar, estão presentes muitos elementos da vida privada das pessoas. Tais elementos são revelados não porque os indivíduos sejam ingênuos ou porque todos possuam um desejo intenso de aparecer, mas porque a própria dinâmica da sociabilidade do site de relacionamentos é estruturada de modo a revelar a vida pessoal dos usuários. Embora alguns recursos tenham sido desenvolvidos para minimizar essa exposição, com o intuito de preservar a privacidade dos usuários, a única solução para quem de fato quer resguardar sua privacidade de forma integral parece ser a saída do orkut, como alerta o título da comunidade.

--Você acha que dá para ter privacidade no orkut?

-- Acho que não, a pessoa que quer privacidade, nem deve entrar no orkut. (*Gilda, 57 anos)

Além disso, concomitantemente ao desenvolvimento de recursos de proteção à privacidade para fornecer maior sensação de segurança aos usuários, outros, que seguem uma tendência oposta, também foram criados, a saber, o recurso de receber diariamente as atualizações dos amigos. Isso porque, ao ativar tal recurso, o usuário é avisado sobre cada novo passo de seus amigos no orkut. Com exceção dos recados, todos os outros movimentos são informados: novos amigos, novos depoimentos, novas fotos, novos vídeos e assim por diante. Se tomarmos por base que a maioria dos usuários possui mais de uma centena de amigos, esse recurso permite economia de tempo valiosa para quem deseja estar a par dos acontecimentos da vida das pessoas que compõem sua rede. Não é mais preciso visitar página por página para saber a movimentação do círculo de amizades. O orkut facilita esse processo, fazendo o trabalho de observação para o usuário.

Nessa chave é possível pensar também sobre os inúmeros crimes que vêm ocorrendo na Internet e, principalmente, no orkut. Comunidades racistas, venda de drogas, prostituição, pedofilia, roubo de identidades e até seqüestros foram realizados a partir das informações presentes no site, o que gerou grande embate entre a justiça brasileira, de um lado, e a empresa americana Google, de outro, a qual se recusava a fornecer os dados dos criminosos na medida em que estes estariam armazenados em servidores fora do país e, portanto, fora do alcance da jurisdição brasileira. Dois pontos merecem ser levantados em

relação a isso. A rede é um instrumento que potencializa a comunicação, mas o que irá definir o uso que é feito dela são as pessoas que a utilizam. O segundo ponto é que, na medida em que as pessoas voluntariamente expõem seus dados pessoais numa rede sem a devida proteção, é como se elas estivessem abrindo as portas de sua casa para quem quiser entrar. O resultado pode ser o mesmo: a mera satisfação da curiosidade de alguns, ou o lucro de outros, seja de forma totalmente ilícita, como no caso dos roubos e da venda de drogas, ou de forma lícita, como no caso das empresas. De qualquer modo, em nenhum desses casos “o invadido” sai ganhando.

Quem quer ter a privacidade preservada não a expõe em lugares públicos. Isto vale para o orkut e outras redes similares. Mas será que é tão simples assim? Será que as pessoas que voluntariamente expõem suas vidas privadas simplesmente não se importam com o seu direito de privacidade? Já vimos que a questão não é bem essa. Ela diz respeito ao significado da noção de privado na vida contemporânea. Se a vida privada é exposta de forma massiva, constantemente, isto é, se ela é tornada pública, é ainda possível pensar em sua existência? O raciocínio apresentado acima, conduzido ao limite, indica que não. É evidente que o problema ainda não se tornou generalizado na sociedade, considerando que a penetração da Internet ainda é limitada. No entanto, a exposição da vida privada das pessoas (na rede e em outros âmbitos) não deixa de ser uma tendência clara. Além disso, como reclamar da invasão de privacidade, quando a vida privada é exposta publicamente? As pessoas têm idéia do caráter público que a rede tem? A própria política de privacidade do *Google* ressalta a voluntariedade da exposição das informações que os usuários tornam disponíveis, bem como explicita a manipulação que elas sofrerão, efetuada tanto por eles, quanto por terceiros.

Destaques da Política de Privacidade do Google

Informação Pessoal e outros dados coletados

- O Google **coleta informação pessoal**⁵⁹ quando você faz o registro de um serviço do Google ou de outro modo **voluntariamente** fornece tal informação. Nós podemos combinar informação pessoal coletada com informação de outros serviços do Google ou

⁵⁹ Grifos meus.

terceiros para fornecer uma experiência de navegação melhor ao usuário, incluindo personalizar o conteúdo para você.

- O Google utiliza **cookies** e outras tecnologias para otimizar a sua experiência online e aprender como utilizar os serviços do Google de forma a melhorar a qualidade de nossos serviços.
- Os servidores do Google automaticamente registram a informação quando você visita o nosso site na web ou utiliza alguns de nossos produtos, incluindo URL, endereço de IP, tipo de browser e idioma, e a data e hora da sua solicitação.

Utilizações

- Nós podemos utilizar informação pessoal para fornecer os serviços que você pediu, incluindo os serviços que exibem conteúdo personalizado e propaganda.
- Nós também podemos utilizar informação pessoal para auditoria, pesquisa e análise para operar e melhorar as tecnologias e serviços do Google.
- Nós podemos compartilhar informação agregada não-pessoal com terceiros fora do Google.
- Quando nós utilizamos terceiros para nos ajudar a processar as suas informações pessoais, exigimos que estejam de acordo com a Política de Privacidade e qualquer outra medida apropriada de confidencialidade e segurança.
- Podemos ainda compartilhar informação com terceiros em circunstâncias limitadas, incluindo de acordo com processos legais, prevenindo fraude ou dano eminente e assegurando a segurança de sua rede e serviços.
- O Google processa informações pessoais em nossos servidores nos E.U.A. e em outros países. Em alguns casos, nós processamos informações pessoais em um servidor fora de seu próprio país.

Suas opções

- Nós lhe oferecemos opções quando solicitamos informações pessoais, sempre que razoavelmente possível. Poderá encontrar mais informações sobre as suas opções nos avisos de privacidade ou FAQs para serviços específicos.
- Você pode se recusar a nos fornecer informações pessoais e / ou recusar os cookies no seu browser, contudo alguns de nossos recursos ou serviços podem não funcionar adequadamente nesse sentido.
- Nós fazemos o possível para lhe fornecer acesso às suas informações pessoais sob solicitação e permitir-lhe corrigir tais dados se não estiverem corretos e apagá-los sempre que razoavelmente possível.

Assim como o orkut e outros *sites*, o *Google* utiliza uma ferramenta chamada *cookie* para realizar a coleta das informações pessoais dos usuários. *Cookie* é uma informação (uma sequência de caracteres) que os *sites* enviam aos navegadores. Nas visitas posteriores, o navegador reenvia os dados para o servidor que o possui. Os *sites* geralmente usam os *cookies* para distinguir usuários e memorizar preferências.

Dessa forma, quando o usuário digita seu nome e senha para entrar no orkut, por exemplo, o navegador recebe e salva um *cookie*, que serve como identificação enviada por ele em todos os acessos, para que o autor daquela conexão seja reconhecido pelo *site*. Por padrão, essa transmissão é invisível ao usuário, mas é possível que o navegador seja configurado para alertá-lo a esse respeito, embora esse procedimento não seja infalível, como a própria política do *Google* alerta. No caso dessa empresa, a transmissão de *cookies* é feita com a justificativa de melhorar a experiência do usuário, bem como de personalizar seu conteúdo, como é definido em sua política de privacidade. No entanto, como o próprio Orkut Buyukkokten deixou transparecer, a informação coletada é muito valiosa. Por isso, há outra cláusula na política que valida a transmissão desses dados para terceiros (que não estão especificados). Por mais que o *Google* afiance a segurança dessa transmissão, não define que uso será feito das informações coletadas por esses “terceiros”. Além disso, ainda que seja sempre reafirmada a voluntariedade do fornecimento dos dados pelos usuários, é possível questionar quantos deles possuem conhecimento da existência desses procedimentos. Todos os usuários do orkut lêem a política de privacidade? Dentre os que lêem, quantos compreendem o significado dos termos nela contidos? No mais, na medida em que a empresa possui muitos dados sobre seus usuários, ainda que ela não esteja disposta a fornecê-los para preservar a privacidade dos mesmos, como é possível afiançar que os governos não forcem as empresas a fornecer dados confidenciais de usuários com o objetivo de instaurar investigações ou apurar processos judiciais? Como garantir que não haja abuso de poder nestes casos e que somente em razão de infrações legais os dados sejam utilizados?

Não deve ser esquecido que o orkut também pertence ao *Google*. Quando veio ao Brasil, perguntado a respeito de como é obtido lucro a partir do orkut, o seu criador afirmou, evidentemente, que a preocupação da companhia não era obter lucro com o *site*,

mas, sim, buscar a satisfação do usuário. Porém, uma observação mais arguta dispensaria a pergunta, já que, em sua exposição, o senhor Orkut Buyukkokten havia deixado claro que, com as informações presentes nas comunidades, é possível fazer sistematizações muito valiosas para empresas a respeito dos perfis de consumidores. Ele até mesmo apresentou tabela em que constavam dados sobre consumo de vinhos, obtidos a partir de comentários feitos em comunidades como “Eu amo vinho”, por exemplo.

Na verdade, é importante ressaltar, ainda uma vez, que a obtenção e a utilização dos dados dos usuários estão explicitadas na política de privacidade da empresa ⁶⁰ e, portanto, são legais.

Um dos primeiros pesquisadores a demonstrar que qualquer coisa, por mais íntima que seja, pode ser dita a um computador foi Joseph Weizenbaum, do MIT. Em 1966, ele criou um programa chamado “Eliza” que imitava uma psicoterapia não-direcionada. Qualquer questão digitada pelo usuário constituía uma pista para Eliza respondê-la. Em pouco tempo, estudantes estavam insuflando o computador com seus problemas e infelicidades como se houvesse uma pessoa real e empática por trás da tela. Muitas histórias circularam a esse respeito, por décadas, mas os homens que se apropriaram do conceito com mais sucesso foram Larry Page e Sergei Brin, os fundadores do *Google*. Os usuários podem pensar tratar-se apenas de uma ferramenta revolucionária para o suprimento de informações. No entanto, como diz Andrew Brown⁶¹, o fluxo de informações tem duas mãos: perguntamos ao *Google* coisas que não perguntaríamos a mais ninguém. O preço das respostas é que, ao contrário das pessoas, ele se lembra de tudo.

Reportagem exibida pela TV Cultura no dia 14/07/06 dizia que doze jovens haviam sido indiciados por planejarem o espancamento de uma jovem por meio do orkut. Comentava que o Ministério Público estava alerta para esses crimes e iria cobrar do *Google* as devidas providências. A questão posta passou a ser a seguinte: o orkut seria responsável por facilitar ou estimular esses crimes? Ou seria apenas uma ferramenta que, como tantas outras, torna mais ágil a comunicação entre as pessoas e dessa forma acaba servindo para os

⁶⁰ <http://www.google.com.br/privacy.html>

⁶¹ Jornalista redator do artigo “They know all about you” publicado no *The Guardian* em 29 de agosto de 2006.

mais diferentes propósitos, sejam eles lícitos ou ilícitos? Seriam as ferramentas por si só neutras? Ou deveriam ser responsabilizadas pelo uso que é feito delas? O ponto é que, como já foi mencionado, a comunicação no orkut e na rede em geral pode, até certo ponto, ser anônima. Embora o endereço IP do computador possa ser rastreado, é possível aos criminosos a utilização de computadores públicos. Entretanto, no caso do orkut, muitos usuários poderiam ser identificados por seus endereços IP, na medida em que fazem uso doméstico da rede. A última informação obtida a esse respeito foi que o *Google* finalmente decidiu receber os pedidos da Justiça brasileira para a retirada de comunidades criminosas do orkut, por intermédio de sua subsidiária brasileira, o *Google* Brasil. Ao explicar o motivo pelo qual cederam, representantes do *Google* afirmaram que "a abertura do departamento jurídico é um reflexo do crescimento da empresa no Brasil". Thiago Tavares, presidente da ONG SaferNet, que denuncia crimes contra os direitos humanos praticados na Internet, afirmou que esse é apenas o primeiro passo de um longo caminho. "Não podemos esquecer que há mais 46 mil páginas criminosas no orkut cujos responsáveis precisam ser identificados e punidos".

Em sua visita ao Brasil, Orkut Buyukkokten foi questionado a respeito dos crimes cometidos por meio do orkut. Sua resposta foi que o *Google* estaria tomando as "devidas providências" em relação a essas ocorrências. No entanto, não esclareceu quais seriam essas providências, tampouco os crimes deixaram de ocorrer. Pirataria, prostituição e venda de drogas continuam sendo implementadas por intermédio do *site* de relacionamentos. Os mercados para essas atividades evidentemente se expandem por meio da rede. Perguntamos por que então o orkut não poderia passar a exigir documentos dos participantes, como os números do RG e do CPF. Segundo ele, tratava-se de preservar a "liberdade" das pessoas no *site*. É evidente que, se esses documentos fossem exigidos, desapareceria o "suposto" anonimato, a possibilidade de ver sem ser visto, de assumir outras identidades e de navegar com "total liberdade". Tanto a empresa quanto o criador sabem muito bem o prejuízo que isso iria causar aos seus negócios.

A tensão fica clara: a vida privada das pessoas torna-se objeto de desejo dos que lucram com ela. O conflito é potencializado porque, na rede, a vida privada perde a proteção tradicional conferida pelas quatro paredes do lar. Como afirma Hannah Arendt

(1981), não só o público é invadido pelo social, mas o íntimo também. Se, no início da sociedade de massas, ainda restava um âmbito no qual a intimidade era preservada, em seus estágios mais avançados nem esse resquício da vida privada permanece privado. O processo que Arendt denominou como surgimento da sociedade de massas, ou seja, a ascensão do social à esfera pública, atingiu um novo estágio de desenvolvimento no qual nem mesmo o que era mais subjetivo e secreto do homem – sua intimidade- é preservado. Ao contrário, torna-se alvo do interesse coletivo e passa a dominar os espaços públicos. De acordo com essa autora, o advento da sociedade fez com que o próprio processo da vida fosse crescentemente canalizado para a esfera publicizada do social.:

“Desde o advento da sociedade, desde a admissão das atividades caseiras e da economia doméstica à esfera pública, a nova esfera tem-se caracterizado principalmente por uma irresistível tendência a crescer, de devorar as esferas mais antigas do político e do privado, bem como a esfera mais recente da intimidade” (Ibid., p.55).

Não é preciso ir tão longe para imaginar as consequências da exposição da vida privada das pessoas. Além de implicações graves como crimes, ou da possível obtenção de lucro por parte de empresas, tal exposição pode ter impactos no cotidiano das pessoas, na esfera da micro-sociabilidade. Embora a internet conceda aparente liberdade (calcada tanto no suposto “anonimato”, quanto na ilusão de proteção que a tela do computador oferece), os caminhos percorridos pelos indivíduos na rede são, a todo o momento, rastreados, compondo gigantescas bases de dados a partir das informações obtidas, quase sempre sem o consentimento explícito dos que as fornecem. Voltando a Foucault, a passagem dos mecanismos religiosos de confissão para os agenciamentos administrativos, e do perdão e da absolvição para os mecanismos de registro não deixa de visar o mesmo fim, a saber, alçar o cotidiano ao nível do discurso, de modo que o dito possa ser escrito e acumulado em dossiês e arquivos. Esses registros, por sua vez, é que vão constituir o subsídio para a atuação do poder.

Portanto, parece-nos que a perspectiva mais adequada para a análise das formas de sociabilidade e sua relação com o poder é a fornecida por Michel Foucault e,

subsequentemente, por Gilles Deleuze. Como mostra Mark Poster⁶², as bases de dados computadorizadas foram analisadas em várias perspectivas. Para os teóricos de orientação liberal, a preocupação fundamental é a perda da privacidade do indivíduo engendrada por esse meio. Os marxistas mostraram como as bases de dados compõem informações valiosas para obtenção de lucro. Embora tais perspectivas sejam valiosas para o entendimento da base de dados como uma tecnologia da comunicação, elas negligenciam uma dimensão fundamental do fenômeno, segundo Poster: sua habilidade para constituir e multiplicar a identidade do indivíduo e promover seu controle. O modelo social implícito nessas posições é o do indivíduo/grupos confrontando instituições e forças sociais numa relação de força, luta e oposição. Daí a noção de privacidade com seu senso de um micro-mundo onde os indivíduos são separados dos outros e sobre o qual ninguém possui conhecimento sem o seu consentimento explícito. Sem ela, argumentam os liberais, a resistência ao Estado é impossível porque a privacidade é uma espécie de redoma na qual a razão crítica deve funcionar a contento, o espaço do pensamento autônomo. A cidade, para eles, é, paradoxalmente, o espaço da liberdade, porque, em razão de sua alta densidade populacional, fornece uma máscara atrás da qual o indivíduo atomizado pode exercer o pensamento autônomo. As ações individuais, contudo, agora deixam rastros de informação digitalizada que são acumulados e transmitidos com a velocidade da luz. A vida diária contemporânea não é mais aquela de indivíduos discretos, escondidos por trás do anonimato citadino, nas interações do mercado com estrangeiros; tampouco é um retorno à vila de rostos conhecidos. Diferentemente, ela combina traços de ambas sem as vantagens de nenhuma delas, segundo Poster (1995). A garçonete que efetua a transação com o cartão de crédito é desconhecida, mas o computador que recebe a informação conhece o cliente muito bem. A vida urbana agora consiste em interações face a face com estranhos, permeadas por interações eletronicamente mediadas com máquinas que nos são “familiares”. As linhas que dividiam os indivíduos entre si e os indivíduos das instituições são continuamente cruzadas pelas bases de dados computadorizadas, cancelando a privacidade como um modelo de ação ou mesmo um problema, de acordo com o autor. (p.65). A sociedade, então, passa a constituir um duplo movimento: um, de indivíduos e instituições; outro, de fluxos de informação. As bases de dados criam identidades adicionais

⁶² POSTER, Mark. *The Second Media Age*. Cambridge : Polity, 1995.

para os indivíduos, identidades que os substituem. Quando uma busca é feita pelo nome de uma pessoa, no registro do computador, ou da instituição, trata-se da busca da própria pessoa. Assim como as informações acerca da vida diária são duplicadas pelos rastros informacionais, as identidades são multiplicadas nas interações com as bases informatizadas.

Tendo em vista essas questões, o problema teórico de analisar o impacto das bases de dados é mais bem realizado a partir do trabalho de Michel Foucault, segundo Poster (1995). Isto, por três razões: Foucault teorizou o poder em relação a uma formação social específica, o panóptico, que possui aplicação direta para as bases de dados; segundo, pela relação entre fenômeno social e sujeito; e, por fim, por conta da relação entre discurso e prática, idéias e ação, atitudes e comportamento, que permitem o entendimento das bases de dados sem as limitações dos paradigmas liberal e marxista. No panóptico, como já expusemos, Foucault localiza um sistema de poder no nível do cotidiano, oposto ao nível do Estado, que combina discurso e práticas para definir o caráter social dos ocupantes desta formação. Para Poster, as bases de dados acabam constituindo um super-panóptico na medida em que produzem identidades para cada indivíduo e o fazem mesmo sem que ele disso tenha conhecimento. Os indivíduos são conhecidos pelos sistemas, possuem distintas personalidades a partir das quais são tratados de forma diferente pelas máquinas/instituições. Tais identidades raramente são “inocentes”, na medida em que servem para negar crédito, para servir a uma investigação da polícia, para negar um emprego ou uma residência. (Ibid., p.68). O fato de não possuir conexão com a consciência interna do indivíduo, como sua auto-definição, não a torna menos efetiva ou eficaz.

A ruptura epistemológica efetuada por Foucault efetua-se no ponto em que ele se move para além das distinções entre ação e linguagem, comportamento e intenção, ambas distinções-chave da moderna teoria social. Os marxistas, por exemplo, preocupam-se com o uso feito das bases de dados pelo Estado e as corporações de modo a aumentar o seu poder sobre as classes subordinadas. Em seu trabalho, eles mantêm uma clara distinção entre instituições e indivíduos, ação e conhecimento, comportamento e informação. O Estado aparece como uma força externa aos indivíduos, uma instituição cujo poder aumenta com o uso das bases de dados. A vasta informação à disposição do Estado constitui, assim, um

novo elo na corrente de opressão. Foucault, por outro lado, focaliza os meios pelos quais o poder se torna ao mesmo tempo conhecimento e ação, e quais são as implicações dele sobre os indivíduos. Dessa forma, a identidade do indivíduo não estaria fora do campo de poder, mas seria constituída por suas operações, ligada a ele de forma inextricável. O argumento de Poster é que com o advento das bases de dados, uma nova forma de discurso/prática opera no campo social, um super-panóptico que re-configura a constituição do sujeito. O super-panóptico não emergiria como uma imposição, mas como parte da identidade do indivíduo.

Na medida em que as bases de dados acumulam informação sobre os indivíduos e compõem “perfis”, elas operam de forma muito similar ao panóptico. No entanto, diferente deste, os “internos” não precisam mais de nenhuma arquitetura que os cerque, eles apenas precisam viver sua vida diária. O super-panóptico é muito mais sutil, refinado e eficiente do que seu antecessor. As bases facilmente distinguem movimentos estranhos, transações não-usuais e podem trocar informação com muita facilidade e rapidez. Além disso, elas “pesquisam” os usuários sem os olhos de nenhum guarda de prisão e o fazem de forma muito mais eficiente do que qualquer ser humano. Um grande impacto do super-panóptico é, de acordo com o autor, que a distinção entre público e privado perde sua força na medida em que dependia do espaço de invisibilidade do indivíduo perante o Estado e as corporações. Já que essas características são anuladas pelas bases de dados conforme as atividades dos indivíduos deixam rastros que são transformados em informação pelos computadores, a distinção entre público e privado torna-se, ao ver de Poster, inoperante⁶³.

Embora o autor capte com precisão a importância do trabalho de Foucault para se compreender as formas de poder contemporâneas, bem como desenvolva um argumento muito interessante para aqueles que se dedicam ao estudo das interações virtuais, pensamos que sua abordagem possui tons apocalípticos. Poster apresenta as bases de dados ou o “modo de informação”⁶⁴ (que a seu ver, substitui o modo de produção), como uma

18 “(...) o potencial de ‘narrativização’ do eu e da vida presente em tais ferramentas (tecnologia da informação) extrapola oposições constitutivas da identidade ao longo da modernidade, tais como público e privado, autenticidade e inautenticidade, que constituíram o solo para a emergência da cultura narcisista”. AMARAL JR., A., op. cit., p.4.

⁶⁴ Cf. POSTER. M. *Foucault, marxism and history : mode of production versus mode of information*. Cambridge : Polity, 1987.

tendência inelutável, isto é, como se a partir de determinado momento histórico, marcado pelo triunfo dos modos de comunicação eletrônicos, não fosse mais possível reconhecer a existência dos “antigos binômios” que caracterizavam a modernidade, entre eles, a distinção entre público e privado.

Ora, é possível reconhecer que a diferença em questão se torne problemática a partir da inflexão apontada pelo autor – e esse é o mote da presente pesquisa – contudo, não consideramos que todas essas distinções, esses “binômios” tenham sido simplesmente cancelados no decorrer do desenvolvimento de novas formas de comunicação e sociabilidade. Ainda que no plano lógico ou teórico elas possam ter perdido parte de seu sentido original, na vivência dos sujeitos, elas ainda estão muito presentes. Se os referenciais da subjetividade contemporânea não estivessem mais, de modo algum, pautados pela separação público/privado, dificilmente haveria incômodo ou temor pela perda do direito à privacidade. Embora o questionamento a esse respeito seja válido, na medida em que a exposição da vida privada é reconhecível, isso não conduz necessariamente à conclusão da perda de sua importância, e é essa idéia que tencionamos deixar clara. A distinção pode não ser mais tão nítida e demarcada como na modernidade e talvez sejam necessários alguns ajustes até para que os conceitos possam ser pensados enquanto tipos ideais. No entanto, sustentamos sua importância como referenciais, não apenas para uma teoria crítica do presente, mas também para a análise da própria subjetividade contemporânea: identificar sua crise não equivale a decretar o seu fim. No mais, tal postura pode incorrer em certo niilismo, na medida em que nada venha a substituir o vazio deixado pelos referenciais modernos.

Embora se apontem certas possibilidades abertas no campo da linguagem, não é possível entrever nenhum horizonte delineado além do espaço desocupado, o que contraria o argumento apresentado neste trabalho, que procura mostrar o desenvolvimento de novas formas de estabelecimento dessas fronteiras, e não o seu fim. A análise da sociabilidade no orkut mostra como a privacidade é importante nas interações diárias dos usuários do site, como é objeto de preocupação, de cuidado e até mesmo tema de discussão nas comunidades. Pensamos que as instituições modernas talvez não tenham deixado um

espaço vazio, mas aberto possibilidades para novos tipos de relação, as quais carecem ser definidas e negociadas no decorrer das próprias interações.

Todavia, a despeito das divergências apontadas em relação ao argumento de Poster, concordamos com a idéia de que as novas tecnologias de informação e comunicação possuem papel central na configuração de um novo tipo de subjetividade. Isso não equivale a dizer, entretanto, que tais tecnologias ‘produzam’ novos sujeitos. A intenção da pesquisa foi mostrar, de outro modo, que essa subjetividade é, antes, alinhada com processos sociais mais amplos, cujo desenvolvimento não pode ser limitado à ascensão da comunicação eletronicamente mediada. Nesse sentido, deve ser destacada a grande importância das análises de Foucault, Simmel e Goffman para o tratamento da questão. No entanto, além de questionar os limites do que se considera uma “nova configuração de sujeito”, na medida em que muitas das categorias modernas de análise e do próprio modo moderno de vida (com suas instituições e referenciais) continuam sendo importantes, mesmo com nova roupagem, cabe ainda perguntar quais são os processos e as transformações que permitem imaginar um tipo de indivíduo diferente daquele pensando pelos teóricos sociais modernos. Muitos deles já foram discutidos ao longo desta exposição; todavia, resta inquirir, finalmente, se esse sujeito, em grande medida libertado da “crosta de aço”, ou do peso opressor de muitas instituições disciplinares, é mais livre do que seu suposto antecessor. Em termos mais específicos, o sujeito contemporâneo, cuja vida e relações passaram a ser mediadas pelas tecnologias da informação, é mais livre que seu antecessor moderno, ou mais passível de ser capturado pelas instâncias de controle?

“São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares”, diz Gilles Deleuze (1990, p.219). “Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições” (Ibid., p.220). A princípio, pode parecer que os mecanismos de controle estejam engendrando novas liberdades, mas é necessário notar que também integram formas de domínio potencialmente tão severas quanto os piores confinamentos.

Os confinamentos são moldes fixos, os controles são modulações flexíveis, maleáveis. Os indivíduos, que na sociedade disciplinar eram identificados na massa por um número, ou uma assinatura, agora possuem senhas, as quais garantem ou impedem seu

acesso às instâncias da sociedade digitalizada. Tudo passa a ser feito mediante consulta aos arquivos informacionais. Precisamos de senhas para adquirir crédito, fazer uma compra, utilizar um banco, entrar, seja em um local físico (como uma empresa) ou virtual (como o e-mail ou o orkut). Sem elas não somos ninguém, não podemos ser identificados, não podemos acessar nada. O uso da rede passa a garantir a existência na sociedade de controle. Nesse processo, não faz mais sentido pensar no par massa-indivíduo, segundo Deleuze, pois os indivíduos não são mais indivisíveis; para se encaixarem nos fluxos da sociedade de controle, eles têm de ser *divisíveis*, *dividuais*, e as massas, por seu lado, tornam-se amostras, mercados, bancos.

A questão seria, como indaga Rogério Costa (2004), reivindicar maior transparência do poder, para que possa haver conhecimento dos espões e dos controladores? De acordo com o próprio autor, essa idéia acabou alicerçando uma série de reflexões a respeito da maior transparência e liberdade de expressão que a *web* poderia oferecer, se as informações fossem democratizadas e as fontes fossem neutras. Embora nenhuma delas seja desprezível, como é possível manter essa expectativa, tendo em vista o advento da sociedade de controle, que opera a partir das redes e da interconexão? Conforme sugere o mesmo autor, essa configuração pode significar que a dicotomia opacidade-transparência não seja mais pertinente. O que conta hoje, prossegue ele, “parece ser essa atividade de modulação constante dos mais diversos fluxos sociais, seja de controle do fluxo financeiro internacional, seja de reativação constante do consumo (*marketing*) para regular os fluxos do desejo ou, não esqueçamos, da expansão ilimitada dos fluxos comunicacionais” (p.162). Assim, “nenhuma forma de poder parece ser tão sofisticada quanto aquela que regula os elementos imateriais de uma sociedade: informação, conhecimento, comunicação” (p.163).

Diferentemente da lógica disciplinar, que incidia sobre o corpo físico, a lógica do controle opera no âmbito da subjetividade sendo, por isso, muito mais sutil e refinada. Na medida em que incide sobre os fluxos do desejo, ela é facilmente confundida com a própria vontade do sujeito. A “expansão ilimitada dos fluxos comunicacionais”, por sua vez, contribui para que os desejos sejam modulados, uma vez que o acesso às informações pessoais dos usuários é largamente facilitado.

No entanto, quais são as implicações dessa alçada da subjetividade ao centro da vida contemporânea? Há mais liberdade quando a identidade é deixada a cargo do indivíduo? Por um lado, sim. De acordo com Ulrich Beck (2006), os indivíduos são livres para construir suas biografias e refletirem sobre suas escolhas, e isso implica aumento de sua responsabilidade. Entretanto, há outro aspecto a mencionar: as experiências privadas parecem ser o único refúgio dos “eus” individuais, tornando-se alvos privilegiados do poder. Com efeito, como explica Nikolas Rose (1998), se as personalidades, subjetividades e relacionamentos constituem alvos do poder, eles não podem ser considerados questões privadas. Por mais que pensamentos, sentimentos e ações pareçam fazer parte do “eu” pessoal mais íntimo, eles são “socialmente organizados e administrados nos mais mínimos detalhes” (p.31). Particular do tempo atual é o fato de que as capacidades pessoais e subjetivas dos cidadãos se tornaram parte das estratégias sociais e políticas dos órgãos administradores e reguladores. Essa regulação das capacidades subjetivas tem se infiltrado de forma profunda em toda a existência social, dirá o autor. As organizações modernas possuem a tarefa de preencher o espaço existente entre as preocupações públicas dos governantes e as vidas privadas dos cidadãos.

A subjetividade toma cada vez mais conta da existência humana; todavia, segundo Rose (que acompanha a linha de pensamento foucaultiana), sua expansão não significa que o homem tenha adquirido maior liberdade para ser “ele mesmo”. Ao contrário, significa sim a captura, o controle de sua alma mediante os regimes de verdade instalados pelos profissionais da subjetividade.

O que torna o governo da subjetividade tão eficaz é que, na medida em que a democracia impôs limites às intervenções coercivas diretas sobre a população, o controle da subjetividade permite que o governo aja sobre os desejos, as escolhas e a conduta dos indivíduos de forma indireta, sugerindo-lhes jamais terem sido tão livres para realizarem a própria vontade. “A *expertise* da subjetividade” age de modo a estimular certos comportamentos, persuadir em direção às suas verdades e seduzir com suas imagens de vida ideal. Assim, os cidadãos da democracia liberal regulam-se a si próprios, em aliança com os objetivos socialmente valorizados. Em cada escolha acerca da vida familiar, do trabalho, lazer, aparência, relações e de outros domínios da existência, os cidadãos estão

moldando suas vidas de acordo com valores políticos do consumo, rentabilidade, eficiência e ordem social. Como o autor sintetiza de forma contundente:

Através da auto-inspeção, da auto-problematização, do automonitoramento e da confissão, avaliamos a nós mesmos de acordo com critérios que nos são fornecidos por outros. Através da auto-recuperação, da terapia, de técnicas de alteração do corpo e da remoldagem calculada da fala e da emoção, ajustamo-nos por meio das técnicas propostas pelos experts da alma. O governo da alma depende de nos reconhecermos como, ideal e potencialmente, certo tipo de pessoa, do desconforto gerado por um julgamento normativo sobre a distância entre aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar e do incitamento oferecido para superar essa discrepância, desde que sigamos o conselho dos experts na administração do eu (Ibid., p.43-4).

As tecnologias de si destinam-se a igualar os modos de existência, diferentes do *cuidado de si* dos gregos que era construído no sentido de gerar uma boa vida e, da transformação da vida em obra de arte, não dissociada do cuidado dos outros (Nardi e Silva, 2004 p.195). Hoje, as técnicas de si são individualizantes e criam a ilusão da diferença, bem como a ilusão de liberdade. Como salientam os autores, a liberdade não passa de ilusão, porque não “pressupõe uma reflexividade a partir da implicação do indivíduo no espaço público, mas somente uma reflexividade prisioneira de um jogo narcísico” (p.196).

Portanto, quando se fala da falta de privacidade na rede, trata-se de um problema advindo do fato de ela ter se tornado uma das ferramentas mais poderosas de controle da vida contemporânea. No caso do orkut, a tecnologia de si aparece na incitação à abertura da vida privada. Ele pode ser comparado a um grande divã coletivo na medida em que é receptáculo da revelação de questões pessoais, os próprios amigos funcionando como vigilantes, como aqueles que vão fornecer os parâmetros de comportamento. Em alguns casos, é importante ressaltar que não só a vida privada dos usuários do site de relacionamentos pode ser exposta nesse espaço. É possível que um não-usuário descubra fotos suas na página de algum amigo, ou alguma referência a detalhes de sua vida constam de algum recado. Isso mostra que o controle pode começar no orkut, mas se estender além dele. Pequenos detalhes da configuração formal do site atestam essa hipótese. Caso seja

uma pessoa legal, serei recompensada pelos meus amigos: terei muitas estrelinhas (fãs), muitas carinhas alegres (confiável), muitos quadradinhos (legal) e muitos corações (sexy). Além disso, receberei muitos recados e terei muitos amigos. Por outro lado, caso o usuário esteja em comunidades como “Eu odeio trabalhar”, ele pode perder uma oportunidade de emprego, pois se tornou costume das empresas procurarem os perfis do orkut de candidatos a vagas.

“Antes de fazer uma entrevista de emprego eu dei uma geral no meu perfil pra ver se não tinha nada que pudesse queimar meu filme, entende?”

-- No meu perfil não consta nenhuma informação da minha orientação sexual. Por mais que digam que hoje em dia não se tem preconceito, eu prefiro não ficar escancarando isso.

-- Por quê?

--Ah, porque eu acho que pode me prejudicar de algum modo, se usarem essa informação contra mim. A minha vida sexual não é da conta de ninguém, ainda acho que as pessoas não são tolerantes, não tem a cabeça aberta pra essas coisas e vão ficar me julgando”. (*Luciano, 37 anos).

Como se pode perceber, nem tudo no orkut é visto com bom-humor e a liberdade de expressão parece ter limites. Até que ponto as pessoas podem simplesmente dizer o que pensam, revelar seus gostos mais genuínos, ou suas preferências sexuais sem maiores consequências? Se, por um lado certa abertura da privacidade se faz necessária para problematizar questões que, de outro modo, ficariam escondidas – como a violência contra as mulheres e a discriminação dos homossexuais – por outro, no momento em que se revelam elementos da esfera privada, abre-se também uma porta para o controle da vida. A resposta talvez seja o que revelar e em que momento. Adquirir o termômetro certo para ponderar o que pode ou não ser revelado, para quem e em quais situações, é algo que se exige do indivíduo contemporâneo no que diz respeito à configuração de sua privacidade.

Figura 6. Meu perfil.

-- Mas você acha que o orkut de algum modo supre a carência, ou acaba piorando isso?

-- Eu curti o orkut, achava legal, mas isso tesourou... Ah, piora. Como eu te disse, acho que as pessoas hoje dão importância exagerada ao que expõem lá, tipo fotos e status... Sabe naquele campo "paixões"? Se você estava namorando, parecia ser obrigatório colocar alguma menção lá.

-- E por que você acha que as pessoas dão tanta importância pra isso?

-- Masturbação, auto-afirmação, dizer pra todo mundo "estou namorando"... palhaçada, sempre achei isso ridículo." (*Luís, 31 anos)

Por que é tão importante dizer para os outros que está namorando? Ou então colocar fotos de viagens a lugares bonitos, fotos do (a) namorado (a), depoimentos do (a) parceiro (a), tornando público o amor que sentem, declarações de amizade, manifestações de uma vida "interessante"? Se o indivíduo contemporâneo é "prisioneiro de uma reflexividade narcísica", o orkut proporciona um espaço privilegiado para o seu exercício. Embora pareça que as pessoas disponham da liberdade de criar sua identidade de forma mais reflexiva e livre, esse exercício, seja observado a partir do orkut ou de outras formas de "escrita íntima" e vivências da subjetividade, permanece preso ainda à pré-definições, mais sutis, mais sedutoras, todavia ardilosas, porque veladas e de difícil percepção.

Portanto, que a vivência no orkut seja pautada pela construção constante do eu é algo muito claro. O que tencionamos questionar é que essa prática, embora pareça engendrar mais liberdade para o indivíduo, possui uma dinâmica que se encaixa muito bem na engrenagem da sociedade de controle. A participação intensa na rede leva à abertura da

vida privada e é recompensada, fazendo o indivíduo sentir-se “muito amado”, muito “ele mesmo”, muito cheio de personalidade, além de constituir um “cartão de visitas” para atrair novos amigos, supostamente tão interessantes quanto ele. Quando o entrevistado afirma que algumas meninas o procuraram por acharem seu perfil interessante, fica nítido que seu “cartão de visitas” agradou. No entanto, além da relação não ter perdurado, pergunta-se o que haveria no perfil para chamar a atenção das pessoas e estimular o desejo de contato. Em primeiro lugar, as fotos, as quais, evidentemente, devem ser cuidadosamente escolhidas para não desfavorecer a imagem do (a) usuário (a). Depois, comunidades que evidenciem os gostos, e também depoimentos honrosos, que mostrem a imagem que os outros fazem dele (a). Uma olhadela rápida pode ser suficiente para saber se a pessoa é interessante ou não. Com efeito, para além das particularidades subjetivas que moverão o interesse de cada indivíduo, é nítido que alguns padrões acabam sendo seguidos, e, nesse tocante, é ainda o próprio grupo, a própria rede, que vai informar se ele está seguindo o padrão a contento. Em caso positivo, haverá muitas pessoas que procuram fazer amizade, um alto número de visitas a seu perfil ou a própria intensidade da sociabilidade que ele consegue manter. Ora, todos esses dados servem como matéria-prima para a modelagem da subjetividade. Em um universo onde todos são vigiados por todos, o poder pode dissolver-se nos meandros e nas tubulações da sociedade de controle. Não é mais necessário esconder-se atrás de um bedel ou de um inspetor. Ele simplesmente consegue estar em todo lugar sem ser percebido, seja na câmera do banco, no *site* de compras, ou no orkut.

No entanto, embora a dinâmica dessa sociabilidade revele afinidades com os objetivos da sociedade de controle, por forçar no sentido da abertura da vida privada, a liberdade para criar a própria biografia e a impulsão para redefinir as regras que orientam nossa vida pode incitar um tipo de reflexão diferente do simples narcisismo. Partindo da reflexividade subjetiva, novos sentidos podem ser alcançados, que apontem para o fortalecimento da política. Argumentação nesse sentido é a de Gilles Lipovetsky. Para ele, a pós-modernidade caracteriza-se pela individualização levada a seu termo lógico, o que significa a emancipação do indivíduo do social. Viver livre sem coerção e escolher seu modo de existência, eis o que caracteriza o indivíduo contemporâneo. A sociedade atual caracteriza-se pelo fechamento no ego, pela preocupação consigo, pelas histórias pessoais. A vida associativa continua existindo, mas motivada pelos desejos individuais, pela

subjetividade. Antes de caracterizar-se como uma sociedade sem regras, o movimento é, antes, de “personalização das regras”. Na visão desse autor, o verdadeiro problema que se coloca então é fazer com que o individualismo responsável triunfe sobre a liberdade sem regra.

Esse desafio é para ser aceito também pelos indivíduos que, se já não são realmente cidadãos, pois para eles a *res publica* não é mais essencial, não deixam por isso de ter o dever de fazer funcionar juntos o privado e o público, em vez de fazer atuar um contra o outro. Não se trata, portanto, de uma volta à ordem do dever, que comandaria a alienação do indivíduo do todo, mas de uma promoção da ordem ética que postula a complementaridade responsável entre os dois. (Lipovetsky, 2006: 143)

Abandonando a moral, volta-se à tese individualista que diagnostica um deslocamento do público para o privado. Embora a esfera privada tenha penetrado no domínio outrora quase exclusivo da esfera pública, o contato com outrem continua real e a vontade de comunicar-se jamais foi tão forte, segundo Lipovetsky. Mas trata-se, sobretudo, de falar de si, dos interesses próprios ou do grupo do qual se pensa fazer parte. Neste ponto enuncia-se o paradoxo: diferente da modernidade, que se caracterizava pela produção, o momento atual define-se pela comunicação; contudo, quanto mais se diz, mais aparece a falta do que dizer. Discordando de Foucault, esse autor afirma que, enquanto o primeiro define a modernidade pela razão que exclui, normaliza e controla os corpos e almas, para ele, a modernidade não se define como exclusão do outro, mas, ao contrário, como começo de integração do insensato na ordem do humano. O asilo e a clínica visam uma integração, no sentido de uma cura possível. Lipovetsky situa-se no plano da autonomia. Ele não nega que haja na modernidade um conjunto de dispositivos visando ao controle dos corpos, mas afirma a existência de uma outra lógica, que, segundo ele, Foucault omite: a lógica de emancipação dos indivíduos dos grupos de pertencimento, do controle das instâncias de socialização tradicionais, como a família, a religião a escola e etc. “O narciso contemporâneo é um ativista”, afirma. O indivíduo se constrói, é “*ego building*”. Por isso, não se deve reduzir o narcisismo contemporâneo a um fenômeno de privatização. Por trás dessa aparência, exerce-se a vontade dos indivíduos que procuram re-apropriar-se das coisas para não se submeter a elas. (Lipovetsky, 2006, p.156)

“Não se trata, portanto, de opor um pouco ingenuamente a liberdade ao controle, mas de compreender o processo de personalização da regra. (...) É essa ‘afetivação’, essa subjetivação da regra que constitui o individualismo que apresento (Ibid., p.158)”. O indivíduo despojado dos pontos de referência não possui mais respostas prontas. Esse parece ser o grande desafio da condição atual, mais orientada não tanto pela busca de um sentido, mas de um esforço constante de reflexão e definição, principalmente daquilo que se é. Talvez por isso seja tão importante a comunicação, o contato com o outro, a exposição dos dramas pessoais. Nesse sentido, a possibilidade que se mantém aberta, a despeito de todas as formas de controle a que os indivíduos permanecem sujeitos, é a da redefinição dos modos de vida. Enfim, o que se entende por público, privado e íntimo, bem como as fronteiras que separam cada qual, vai depender, em última instância, das definições que os próprios indivíduos encontrarem no decorrer de suas interações.

5. Considerações Finais

Esta pesquisa foi motivada, primeiramente, pela percepção de mudanças nas noções de público e privado no momento atual. Para aqueles que foram socializados sem o uso das tecnologias da informação, como é o meu caso, muitas mudanças foram sentidas nos modos de se relacionar. Mudanças tênues, nem sempre fáceis de perceber, mas que amiúde transformam irreversivelmente os modos de vida. De um momento para o outro se percebe que fica cada vez mais difícil prescindir não só do computador, mas do e-mail, do MSN, dos sites de busca, de notícias, do orkut... Pois bem, mas o que isso tudo teve a ver com as idéias de público, privado e, depois, de íntimo e de privacidade? Procurou-se mostrar que embora o par público/privado tenha sempre feito parte da civilização ocidental, ao menos desde a antiguidade clássica, como bem mostra Hannah Arendt, a privacidade como um direito individual que alude à esfera de proteção, de separação do indivíduo da coletividade foi uma invenção moderna, movida em grande parte pelos ideais liberais e iluministas.

Intentou-se mostrar, com efeito, que a privacidade como direito individual só poderia existir na medida em que o individualismo estivesse estabelecido. Sem a libertação dos indivíduos dos grilhões da sociedade feudal e de seu reconhecimento como portadores de direitos inalienáveis, a idéia de privacidade não poderia existir. Simmel mostrou o anseio do indivíduo do século XIX em se destacar e sua crença na própria unicidade. Ora, a definição de intimidade do autor – e que faz muito sentido para a época – pauta-se nas relações entre duas pessoas que é sentida por ambas as partes como sendo única e especial.

Entretanto, não muito tempo após a privacidade ter se estabelecido como direito individual, surgem ameaças à sua existência, principalmente com a ascensão dos regimes totalitários no início do século XX. As grandes figuras do Big Brother de George Orwell e do Panóptico de Jeremy Bentham, bem como o romance *O Processo* (1925) de Franz Kafka – para citar apenas algumas - ilustram o modo como o indivíduo moderno via-se indefeso diante do grande poder das burocracias governamentais. Michel Foucault apropria-se de forma brilhante da idéia do Panóptico para tratar do poder moderno; para o autor, o individualismo possui outra faceta, mais sombria, por assim dizer: é enquanto indivíduo

que se entra nas instituições. No entanto, e isso é o que desejamos ressaltar, o poder disciplinar para Foucault não se encontra encarnado nas instituições, mas disseminado nas relações sociais. O autor destaca a ascensão do íntimo ao nível do discurso e como esta operação é fundamental para a relação entre poder e saber. Assim, na medida em que o íntimo é alçado ao nível do discurso, além de se tornar subsídio para o controle populacional, ele perde já o seu caráter de intimidade, tanto na definição de Simmel, quanto na de Castilla del Pino. Se para Simmel, uma relação íntima era aquela que não extrapolava as duas pessoas que a compunham e que permanecia única para ambas as partes, e para Pino, o íntimo é aquilo ao qual apenas o próprio indivíduo tem acesso, a alçada dessa esfera ao discurso engendra a ameaça da perda da privacidade.

Inicialmente habituados às interações face-a-face, ou por carta, ou ainda por telefone, os indivíduos vinculavam sua privacidade à idéia de um espaço fechado, no qual possuíam o controle de quem faria parte da interação. Em geral, este espaço era representado pelo lar. O telefone foi o primeiro aparelho a infringir de certo modo a barreira da privacidade. Não sabendo quando iria tocar, nem mesmo quem estaria do outro lado da linha, o indivíduo podia ser surpreendido por interações indesejadas nos momentos em que ele pretendia estar isolado. Embora pudesse não atender as chamadas, havia sempre o risco de ser uma ligação de emergência. Com a introdução das tecnologias da informação no cotidiano das pessoas, surgem novas formas de comunicação e sociabilidade: os sites de relacionamento. O orkut, nosso objeto de estudo, é o principal site desse gênero utilizado no Brasil. Nele, informações privadas dos participantes permeiam a todo tempo a sociabilidade. Contudo, ele é um cenário público, no sentido de Castilla del Pino. Inicialmente, muitos usuários ficaram perplexos e tiveram problemas em razão da exposição de suas vidas privadas neste cenário. Na medida em que a privacidade sempre esteve relacionada ao lar, não foi fácil perceber que, mesmo estando dentro de casa, ela poderia ser violada no espaço virtual. Logo, a conclusão mais fácil a ser tecida seria a de seu fim. Como ilustra a comunidade que utilizamos no capítulo 3, muitos usuários não acreditam que podem ter sua privacidade preservada naquele âmbito. Entretanto, o dado curioso é que tanto o site, como os usuários, começaram a criar formas de mantê-la, seja limitando o acesso às fotos, recado e vídeos, seja comunicando-se por meio de depoimentos. Em suma, o que desejamos demonstrar foi que, mesmo num ambiente

aparentemente caótico como o orkut, foi possível observar a criação de novas formas de relacionamento, que buscaram preservar “antigos” ideais, como a privacidade; antiga na medida em que não perdeu a relação com o direito moderno de manter certas relações do indivíduo ocultas, mas nova no modo como se constitui, sem definição *a priori*, criada conforme as interações se desenvolvem e de acordo com as possibilidades que o cenário virtual oferece. Ao contrário do que autores como Mark Poster, por exemplo, afirmam, a privacidade não foi cancelada como um modo de vida obsoleto, tampouco a distinção entre público e privado. Por mais que as fronteiras não estejam mais definidas de modo tão claro como antes da introdução das tecnologias da informação no cotidiano das pessoas, elas ainda existem e buscam constantemente se delinear. Os indivíduos não sabiam o que seria a privacidade no âmbito do orkut até o momento em que começaram a interagir por meio do site. Daí o erro em dizer que esta noção se tornou obsoleta. Ela apenas adquiriu novas formas, e continua adquirindo no decorrer do processo de sociabilidade naquele cenário. A grande diferença é justamente essa: não havendo mais definições *a priori* nas quais se pautar, o indivíduo contemporâneo aprende a criar e negociar seus referenciais no decorrer de sua sociabilidade. Se desde os tempos da grande cidade de Simmel, o indivíduo era obrigado a lançar mão de estratégias para se adaptar às mudanças, no momento em que estas acontecem em ritmo ainda mais acelerado, é natural que os referenciais também sejam flexíveis o bastante para se adaptarem às mudanças. A rapidez com que tais noções se transformam equivale, pois, à rapidez com que se inova a própria sociabilidade dos indivíduos. E isto, não só devido a ferramentas tecnológicas, mas ao próprio ritmo da vida contemporânea.

O advento da sociedade de controle - pautado pela “expansão ilimitada dos fluxos comunicacionais” e a utilização destes fluxos para “modulação dos desejos” - é uma leitura importante e frutífera da contemporaneidade, por mostrar o lado pernicioso da abertura da vida privada e para questionar as abordagens que simplesmente enxergam mais liberdade no modo de vida contemporâneo. Todavia, é importante considerar, primeiramente, que há uma diferença entre a simples exibição do privado para o gozo e a exibição que visa problematizar certos assuntos que, por manterem-se ocultos, acabaram prejudicando alguns atores sociais, como as mulheres e os homossexuais, por exemplo. Além disso, embora a dinâmica dessa sociabilidade revele afinidades com os objetivos da sociedade de controle,

por caminhar no sentido da abertura da vida privada e fornecer, assim, subsídios importantes para a modulação dos desejos, a liberdade para criar identidades e para redefinir as regras que orientam a vida pode incitar um tipo de reflexão importante. Partindo da reflexividade subjetiva, novos sentidos podem ser alcançados, que apontem para o fortalecimento da política. Em suma, por estimular o sujeito a criar novas formas de vida, essa sociabilidade pode adquirir um sentido positivo.

6. Anexo

Questionário utilizado para as entrevistas

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

Estado Civil:

- 1) Você possui Orkut há quanto tempo?
- 2) Como ficou sabendo da existência do Orkut?
- 3) Por que você resolveu entrar no Orkut?
- 4) Por que você possui Orkut até hoje?
- 5) Qual é sua opinião a respeito dele? Para que você usa o Orkut?
- 6) Do que você gosta?
- 7) Do que você não gosta?
- 8) Entra no Orkut com que frequência?
- 9) O que costuma fazer quando entra?
- 10) Passa quanto tempo em média por dia no Orkut?
- 11) Possui quantos amigos?

12) Conversa com eles frequentemente?

13) Que tipo de assunto vocês tratam?

Você sempre responde seus scraps?

As pessoas para quem você escreve sempre te respondem?

O que você sente caso elas não respondam?

Você envia e recebe mais as suas mensagens por scrap ou por depoimento?

14) Qual é a diferença de conversar via Orkut e mandar e-mail, ou telefonar, por exemplo?

15) Você conhece todas as pessoas que estão no seu Orkut?

16) Você participa de quantas comunidades?

17) Você costuma entrar com frequência nas comunidades que participa? Pra fazer o quê?

18) Por que você participa dessas comunidades?

19) Você faz comentários nas comunidades, dá sua opinião nos tópicos?

20) Se não participa, pode explicar por quê?

21) Você possui alguma comunidade?

Por que você a criou? Como é a participação na sua comunidade?

22) Você já conheceu pessoas pelo Orkut?

Pode explicar como isso ocorreu? Como é sua relação com essas pessoas que você conheceu? Vocês chegaram a se conhecer pessoalmente?

23) Você já saiu do Orkut alguma vez? Já pensou em sair do Orkut, ou seja, em cometer “orkutcídio”? Por quê?

Você já teve mais de um perfil?

O que você acha de pessoas que possuem mais de um perfil?

24) Tem amigos com quem conversa apenas no Orkut?

25) Qual é a diferença entre o contato no Orkut e fora dele?

26) Você já teve algum problema por conta do Orkut?

27) Você alguma vez se sentiu “exposto”, “sem privacidade” no Orkut?

Já se arrependeu de ter tido alguma coisa no Orkut?

28) Você deixa ativado o recurso para saber quem visitou sua página?

29) Você se sente curioso para saber quem visitou sua página? Por quê?

30) Você apaga seus recados? Por quê?

31) O que você acha que mudaria em sua vida se o Orkut deixasse de existir? Você sentiria falta?

7. Bibliografia

- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- _____. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *Responsabilidade e Julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- _____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BECK, Ulrich. *Individualization: institutionalized individualism and its social and political consequences*. London: Sage, 2006.
- BENHABIB, Seyla. *Situating the self: gender, community, and postmodernism in contemporary ethics*. New York : Routledge, 1992.
- BENTHAM, Jeremy. *O Panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva).
- CASTELLS, Manuel. *The Rise of Network Society*. Blackwell Publishers Inc. Great Britain, 1996.
- _____. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- CHARLES, S. Comte-Sponville, Conche, Ferry, Lipovestky, Onfray, Rosset: *É possível viver o que eles pensam?* São Paulo, Editora Barcarolla, 2006.
- COSTA, Jurandir Freire. *Bernadet e o declínio do homem privado*. IN: Caderno de Psicanálise – CPRJ, N. 14, Rio de Janeiro, 1994, p. 133-147.
- COSTA, Rogério. *Sociedade de controle*. São Paulo em perspectiva, v.18, n.1, 2004, p.151-160.
- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Trinta e quatro, 1992.
- DUBET, François. *A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização*. Revista Contemporaneidade e Educação, v.3, 1998, p.27-33.
- ESCOBAR, Carlos Henrique de (Org.). *Michel Foucault (1926-1984) - o dossier/ últimas entrevistas*. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.
- FOUCAULT, Michel. 1978 – M. Foucault. *Conversações sem Complexos com um Filósofo que Analisa as “Estruturas do Poder”*. In: Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2003.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro : Graal, 1979.
- _____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 1996.
- FRIDMAN, Luis Carlos. *Vertigens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- GARNHAM, Nicholas. “The media and the public sphere”, in *Habermas and the Public Sphere*, Craig CALHOUN (ed.), Cambridge: MIT, 1992. p. 359-376.

- GERGEN, Kenneth. *The Saturated Self: Dilemmas of Identity in Contemporary Life*. New York, Basic Books, 1992.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.
- _____. *Interaction ritual: essays in face-to-face behavior*. New Brunswick, N.J.: Aldine Transaction, 2006.
- _____. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1988.
- HABERMAS, Jürgen. *The Structural Transformation of the Public Sphere*. Massachusetts Institute of Technology, Great Britain, 1989.
- LASCH, Christopher. *The Culture of Narcissism*. New York: Warner Books Editions, 1979.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Lisboa: Relógio d'água, 1989.
- _____. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo : Barcarolla, 2004.
- MAIA, Antônio C. *Sobre a analítica do poder de Foucault*. Tempo Social – Revista de Sociologia da USP. São Paulo, 7(1-2), 1995.
- MALDONADO, Tomás. *Crítica de la razón informática*. Barcelona, Paidós, 1998.
- MARTINS, Carlos José. *A vida dos corpos e das populações como objeto de uma biopolítica na obra de Michel Foucault*. In: SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marco César, MISKOLCI, Richard. (Org.). *O Legado de Foucault*. São Paulo, Editora Unesp, 2006.
- MATHIESEN, Thomas. *The viewer society: Michel Foucault's Panopticon revisited*. Theoretical Criminology 1/2, 1997, p.215-34.
- NARDI, H.C.; SILVA, R.N. *A emergência de um saber psicológico e as políticas de individualização*. Educação & Realidade, v.29, n.1, 2004, p.187-197.
- NICOLACI-DA-COSTA, A.M. *Na malha da rede: os impactos íntimos da internet*. Rio de Janeiro; Campus; 1998.
- _____. *Primeiros contornos de uma nova "configuração psíquica"*. Caderno CEDES, volume 25, número 65, pp. 71-85, 2005.
- ORTEGA, Francisco. *Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão do corpo*. In: Rago, M.;Orlandi, L.; Veiga Neto, A. (org.) – *Imagens de Foucault e Deleuze, ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DPA, 2002.
- _____. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.
- ORWELL, George. 1984. 9. ed. São Paulo : Nacional, 1976.
- PERIS, Rosa *et al.* Online chat rooms: Virtual spaces of interaction for socially oriented people. Cyberpsychology & Behavior, ano 5, nº 1, 2002, p. 43-51.
- POSTER, Mark. "Database as discourse, or electronic interpellations", em *Detraditionalization*, org. Paul Heelas, Scott Lasch e Paul Morris. Oxford, Blackwell, 1996, p.291.
- _____. *The Second Media Age*. Cambridge, UK; Cambridge, Mass: Polity Press: B. Blackwell, 1995.
- _____. *Foucault, marxism and history : mode of production versus mode of information*. Cambridge : Polity, 1987.

- PINO, Carlos Castilla del. *Teoría de la Intimidad*. Revista de Occidente. Madrid, n. 182/183, p. 15-31, jul./ago. 1996.
- QUÉAU, Phillipe. *Lo virtual. Virtudes y vértigos*. Barcelona: Paidós, 1995.
- RIBEIRO, Renato Janine. Org. *Recordar Foucault*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1985.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *O Público e o Privado*. Revista de Comunicação e Linguagens n.2, Dezembro de 1995.
- ROSE, Nicolas. *Governando a alma: a formação do eu privado*. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Liberdades reguladas*. Petrópolis: Vozes, 1998, p.30-45.
- SANT'ANNA, Denise B. *Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres*. In: Rago, M.;Orlandi, L.; Veiga Neto, A. (org.) – *Imagens de Foucault e Deleuze, ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DPA, 2002.
- SANTOS, Laymert Garcia dos. *Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- SILVA, Rosane Neves da; NARDI, Henrique Caetano. *A emergência de um saber psicológico e as políticas de individualização*, Educação e Realidade, v. 29, n. 1, 2004, p. 187-198.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). (1995). *O sujeito da educação – estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes.
- SIMMEL, Georg. *On individuality and social forms: selected writings*. Chicago: University of Chicago Press, [1971].
- _____. *El individuo y la libertad: ensayos de crítica de la cultura*. Barcelona: Península, 2001.
- _____. *As grandes cidades e a vida do espírito* [1903], trad. Leopoldo Waizbort, Mana, 11(2), 2005, pp. 577-91.
- TÖNNIES, F. *Comunidad y asociación: el comunismo y el socialismo como formas de vida social*. Barcelona: Ediciones Península, 1979.
- VEIGA-NETO, A. *Foucault & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000.